

ESTUDOS DE SOCIOLOGIA

ENSAIOS

SOBRE

A EVOLUÇÃO DA HUMANIDADE

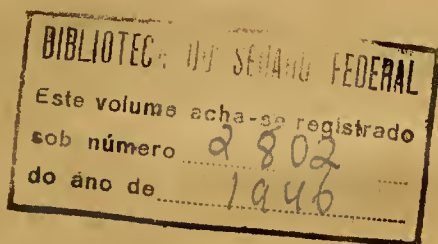
POR

TEIXEIRA BASTOS

Teixeira Bastos

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12 — Largo dos Lógos — 12

✓
301
B327
EEH
1881



to eminente republicano bra-
sileiro Dr. Lopes Trovão, em teste-
monho de unida sympathia e
estima pelos seus dotes moraes
e intellectuaes

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA MODERNA

Lisboa 23/10/82

Offereço

II

60

Heitor Bastos

OBRAS DO MESMO AUCTOR

POESIA

Os Padres, 1875—folheto.

Rumores Vulcanicos, 1878—1 vol.

Lyra Camoneana, 1880—1 vol.

Vibrações do Seculo, 1881—1 vol.

Cantares de amor (Para sair).

PROSA

Progressos do espirito humano, 1879—folheto.

Luiz de Camões e a Nacionalidade portugueza, 1880—
1 vol.

Os Jesuitas, 1880—folheto.

Comte e o positivismo, 1881—1 vol.

Principios de philosophia positiva (No prélo).

Nos ultimos annos decorridos uma grande parte do nosso trabalho intellectual tem-se dispendido em artigos destinados a verem a luz em revistas de vulgarisação scientifica e em jornaes politicos e litterarios. Estudos ligeiros e despertenciosos, escriptos rapidamente, com o fim exclusivo de propagar as verdades inconcussas das sciencias e ao mesmo tempo combater os principios theologicos e metaphysicos já em decadencia irresistivel, mas que entre nós ainda encontram decidido apoio na enorme massa ignorante e fanatica, e nos espiritos viciados pela instrucção irracional das nossas escolas superiores; esses artigos têm todos entre si um laço de união no ponto de vista philosophico que nos dirige. No presente volume colligimos alguns d'esses ensaios de Sociologia, aquelles que apezar da diversidade de assumptos têm de common, além da orientação positiva, a ideia fundamental que por differentes caminhos igualmente todos procuram comprovar. A ideia que os domina

é a grande lei historica que regula a marcha das civilisações através dos tempos—a evolução; é por isso que damos a estes estudos a designação geral de *Ensaio sobre a evolução da humanidade*.

Tirando-os das revistas e jornaes, onde primeiro vieram a lume, e dando-os agora assim reunidos, não temos em vista senão contribuir por mais uma fôrma para a vulgarisação de algumas verdades philosophicas.

Lisboa 15 de julho de 1881.

INDICE

Preliminar	v
I Conservação e revolução	1
II A criação do homem	29
III Origens da familia	53
IV Origens das religiões	81
V Missões religiosas	117
VI As guerras e o espirito militar	169
VII As revoluções sociaes	197
VIII Como se realisa a evolução:	233

I

CONSERVAÇÃO E REVOLUÇÃO

I

Em toda a natureza vemos duas ordens de phenomenos coexistentes e inseparaveis que estão sujeitos a leis diversas e por vezes oppostas, leis que mutuamente se modificam. São os phenomenos staticos sujeitos á lei da inercia e os phenomenos dynamicos sujeitos á lei do movimento. Todas as fórmulas da materia não são mais do que equilibrios temporarios d'estas forças divergentes. A inercia tende a conservar a fórmula adquirida, o movimento tende a transformal-a; eis a eterna lucta de que resultam todos os phenomenos que observamos desde a simples gravitação dos planetas até aos mais complicados productos sociaes.

Por inercia devemos entender a resistencia dos movimentos ou das forças adquiridas contra um

novo movimento em sentido diverso ou contrario, pois que não podemos abstrair a materia das forças que obram sobre ella, ou considerá-la isolada de todo o movimento. A resistencia que encontramos ao fazer girar o volante de uma machina é devida á gravidade que a dominava absolutamente; a força do nosso braço transmittida á machina vence aquella pressão, propaga-se, conserva-se do modo que ainda depois de deixarmos de exercer sobre a roda motora a força inicial do nosso braço, a machina *resiste* por mais ou por menos tempo *com a força adquirida* á gravidade que retoma gradualmente a sua superioridade paralisadora.

Isto mesmo affirmou Augusto Comte quando disse que a «statica abstracta póde ser tratada com facilidade como uma simples applicação da parte mais elementar da dynamica; a que se refere aos movimentos uniformes (1).»

Este phenomeno que se dá na mechanica, dá-se igualmente em todas as outras sciencias. A força ou o movimento adquirido n'uma direcção resisto sempre temporariamente á nova força ou ao novo movimento exercido em direcção diversa ou opposta; e quanto maior fôr a força inicial, tanto maior será a resistencia posterior. Na sociologia observa-se esta lei do mesmo modo que na biologia, na chimica, na physica e na astronomia.

Os phenomenos sociologicos, como todos os outros, dividem-se em staticos e dynamicos; ou phe-

(1) *Cours de Philosophie positive*, vol. 1, pag. 429.

nomenos de *ordem* e phenomenos de *progresso*. E' do equilibrio constante d'estas duas forças que resulta o adiantamento das sociedades e da humanidade em geral; o acordo transitorio e continuamente variavel estabelecido pela lucta dos principios admittidos com os principios novos e revolucionarios, ou o movimento progressivo da humanidade modificado pela resistencia constante e ordeira da grande massa é ao que se chama evolução, ou com mais propriedade progressão. As ideias ou os principios uma vez admittidos na sociedade e introduzidos na consciencia humana ou na orientação do senso commum, tendem a radicarem-se, a propagarem-se, a conservarem-se indefinidamente no meio social, até que veem a servir de obstaculo a novas ideias ou novos principios trazidos pelas necessidades moraes e materiaes ou pelo adiantamento e aperfeiçoamento de um pequeno grupo na lucta pela existencia.

Por isso ao consultarmos a historia da humanidade, vêmos que as maiores reformas, que as maiores transformações foram, primeiro, prégadas por um pequeno grupo de individuos que tinha de luctar heroicamente contra a resistencia do meio que o esmagava; que d'ahi se foram pouco a pouco estendendo as ideias revolucionarias e conquistando adeptos, até que triumpharam da grande massa e tornaram-se dominantes; e que, mais tarde, vieram por seu turno servir de obstaculo e resistirem a outras ideias, geradas egualmente no seio de uma insignificante mino-

ria. Assim foi o Christianismo, que do modesto nucleo, em que surgiu, se estendeu gradualmente até conquistar o imperio romano e dominar uma grande parte do mundo, e que hoje, já decadente, está servindo de obstaculo ao triumpho definitivo e completo das sciencias e da philosophia moderna. Ainda depois de supplantado inteiramente, o Christianismo opporá por muito tempo e talvez por espaço de seculos uma resistencia efectiva, mas cada vez mais fraca, ao progresso das sociedades ou á evolução positiva das novas ideias. A resistencia das forças adquiridas ou o espirito conservador diminue progressivamente ou soffre uma evolução negativa, isto é, no sentido da sua eliminação completa. E' o que observamos em toda a ordem de phenomenos sociologicos, desde os mais geraes e complexos, aos mais simples e particulares. Assim se explica a coexistencia n'uma epoca, n'uma sociedade e até no mesmo meio dos phenomenos mais contrarios e divergentes na realidãde; assim se explica como na actualidade e nos centros mais civilizados se dão factos, apparentemente inexplicaveis, que se filiam directamente no primitivo estado mental da humanidade. Encontramos provas em nosso apoio, na historia, na religião, no direito, nas linguas, nas litteraturas, na familia, etc. etc. Daremos algumas, começando por uma que é a base fundamental do estudo comparativo das linguas.

Todos sabem que se determinou o parentesco das linguas conhecidas pelo nome de systema indo-europeu, porque um grande numero de pa-

lavras tinha uma raiz commum em todas ellas; e que pela aproximação e comparação d'essas palavras se tem procurado formar hypotheticamente a lingua mãe, de que derivam o sanskritto, o zend, o grego, o latim, etc. «Estas linguas, disse M. Chavée na *Lexiologia indo-européa*, são apenas para o linguista variedades de uma lingua unica e primordial fallada outr'ora no centro da Asia.» A persistencia da raiz com pequenas modificações em todas as linguas indo-européas foi o que levou M. Chavée a escrever estas palavras, e serve para comprovar a força resistente das primitivas acquisições da linguagem humana; n'esta, como em tudo o mais, os primeiros elementos são os mais solidos e duradouros; tambem no individuo as primeiras impressões recebidas em creança, são as ultimas que elle perde na velhice. Na derivação das linguas romanicas do latim nota-se a persistencia do accentto tonico; em francez, em italiano, em provensal, em catalão, em hespanhol e em portuguez, geralmente a palavra tem o accentto onde o tinha a palavra latina. A conservação do accentto tonico mostra a grande força de resistencia adquirida pelo elemento primordial e opposta á transformação constante das linguas.

II

As religiões fornecem-nos innumerous documentos do espirito conservador da grande massa. Encontram-se muitos vestigios de fetichismo entre os povos mais adiantados, como as figas, os chavelhos, o signo-samão, etc. O catholicismo não podendo vencer estas velhas superstições, substituiu-as por outras, com que hoje andam confundidas; taes são as reliquias de santos, as orações e os bentinhos, a que os catholicos fetichistas attribuem virtudes defensivas, curativas e de salvação das almas, como áquellas outras attribuem a preservação do máu olhar e de certas doenças e perigos. Nos campos é onde estes usos estão mais radicados; raro é o curral onde não se veja pendurado um ou mais chifres naturaes ou artificiaes; os almocreves trazem-nos sempre nos arreios das cavalgaduras, talvez para evitarem os máus encontros e os perigos de toda a ordem. Ha mais preconceitos ou agouros populares que têm a sua origem directa no fetichismo, como o pio do mocho, o vôo do morcego, um espelho partido, azeite entornado na casa, treze pessoas a uma mesa, etc. que muitos consideram como um signal de desgraças, ruina, ou um prenuncio de morte de alguma pessoa da familia. A origem de muitas superstições que o nosso povo conserva perde-se na noite dos tempos, como as feiticeiras, as bruxas, as fadas, os

carcundas, os magicos, as almas penadas, os lobishomens, etc. Nos campos principalmente ainda se encontram muitas pessoas que creem sinceramente n'estas superstições; julgam, por exemplo, que em certas noites e por horas mortas, quando está tudo em socego, os lobishomens saem transformados em irracionais, vão ás encrusilhadas dos caminhos, andam em correrias pelas aldêas, gemem ás portas, perseguem os que se arriscam a andar fóra de casa, etc. Segundo Theophilo Braga «esta superstição é de origem scandinava teutonica; deu-lhe talvez nascimento a antiga penalidade heroica do banido, comparado ao lobo nocturno, *wargus*.» (1) Não terá antes origem nos lupercos ou sacerdotes de Pan?—serão cousas inteiramente diversas?—ou, sem os lobishomens serem a tradição dos lupercos, terão ambos uma origem commum, ou pelo menos identica? E' o que não sabemos dizer, mas inclinamo-nos para a opinião de Charles Magnin (2) que descreve assim os lupercos fundando-se nos escriptores antigos (3): «A 15 das calendas de março os lupercos nós, só com os rins cobertos por uma pelle de cabra, atravessavam a cidade batendo com correias em todos que encontravam, principalmente nas mulheres casadas que esperavam

(1) *Hist. da Poesia popular port.* pag. 110.

(2) *Les origines du Theatre antique*, etc. Paris 1868, pag. 240.

(3) Tito Livio, Ovidio, Virgilio, Plutarcho, Pausanias, Cicero, etc.

por isso tornarem-se fecundas. Mais tarde, jovens romanos misturaram-se aos lupercos divertindo-se com estas correrias pouco decentes. O nome de *lupercales*, dado á principal festa dos lupercos, significava propriamente a festa dos lobos ou da loba. Os que admittem a primeira interpretação dirivam a palavra *lupercalia* de *lupercus*, sobre-nome de Pan, destruidor dos lobos; outros creem ver n'esta palavra uma allusão á loba de Romulo e Remo, chamada *luperca*. Como quer que seja, as transformações em animaes e as correrias semi-nuas são uma das licenças pagãs, que o Christianismo teve mais difficuldade em destruir. Hoje mesmo subsistem nos nossos campos alguns vestigios d'estes usos, pelo menos sob a forma de recordações e de lendas. Contam-se ainda nas nossas aldêas historias maravilhosas de lobishomens (*loups-garous*).»

Segundo Ampère na sua *Viagem ao Egypto* publicada na *Revue des Deux Mondes* de 1848, e outros auctores, as differentes cidades do Egypto estavam consagradas a deuses differentes e com diverso culto, vestigios do antigo fetichismo das povoações independentes (1). O mesmo succedia entre os outros povos da antiguidade, como os Chaldêos, os Assyrios e os Phenicios. Na Grecia tambem havia diversos cultos e cada cidade estava sob a protecção de uma ou mais divindades. Sabe-se que os Romanos para dominarem com mais facilidade os povos vencidos admittiam no

(1) Th. Braga—*Hist. Universal—Egyptios*, pag. 82.

seu Pantheon os deuses particulares das cidades conquistadas; se estas admittiam em troca os deuses romanos, decerto continuaram a considerar como protector o seu antigo deus, cuja crença tinham herdado de seus antepassados. O Christianismo para alcançar o triumpho teve de adoptar muitas praticas do culto pagão; as vestimentas do clero catholico são quasi todas de origem grega ou romana; assim o catholicismo não podendo eliminar de todo as velhas divindades protectoras por causa do espirito conservador ou rotineiro da grande massa, substituiu-as pelos seus santos. Se cada templo pagão era consagrado a um deus, cada templo christão recebeu o nome de um santo; se cada cidade antiga estava sob a guarda de uma divindade, cada cidade catholica ficou sob a protecção de um santo ou de uma santa do Christianismo. O mesmo succedeu com as festas da antiguidade, as quaes ou se transformaram em festas christãs, adoptadas pela Egreja catholica, como as dos solsticios do verão e do inverno, correspondentes ás festas do nascimento de S. João Baptista e á do Natal do redemptor, ou continuaram a celebrar-se annualmente, perdendo a significação naturalista e recebendo outra do evangelho popular, como as colheitas, as descamisadas, as vindimas, etc. etc. De passagem observaremos que as festas populares, cujos vestigios ainda se encontram nas nossas provincias, são de duas ordens conforme os phenomenos que as inspiraram. Umas foram inspiradas pelos phenomenos astronomicos e revelam-nos que tiveram

origem entre povos nomados e vagabundos; as outras consagradas aos trabalhos dos campos mostram-nos que tiveram origem entre povos agricolas e sedentarios. Aquellas, segundo parece pelo estudo comparativo dos costumes e tradições, foram trazidas para o occidente pelas invasões germanicas e arabes; enquanto estas foram introduzidas pelas colonias gregas e pelo dominio romano, se não existiam já anteriormente.

Os povos germanicos e scandinavos celebravam o solsticio do verão ou a festa do Easter com fogueiras que accendiam em honra de Freya, deusa das cearas. Segundo Alfredo Maury ⁽¹⁾, chama-se ainda *oster feuer* na Allemanha e na Belgica ás fogueiras d'esta festa. Nas tradições da Irlanda, n'esta noite sobo ao céo O'Donogline, heroe popular, montado n'um cavallo branco e cercado de elfs. Os Arabes tambem festejavam este solsticio. O solsticio do inverno era festejado pelos Germanos e outros povos do norte, sob o nome de *Joel* ⁽²⁾; por esta festa vestiam-se de pelles e, segundo Maury, matavam um porco em sacrificio a Freya. Conservam-se estas duas festas em todas as nossas provincias; na noite de S. João é quando o nosso povo mais se diverte, com fogueiras, sortes, bailados, descantes, etc. A noite de Natal é tambem de grande festa; são por esta epoca do anno a matança dos porcos e os sarrabulhos, para que convidam todos os pa-

(1) *Les fêtes au moyen-âge*, pag. 58.

(2) Natal, em francez *Noël*.

rentes, amigos e vizinhos. As festas de S. João e Natal não serão restos de um antigo culto solar? Muitas razões levam-nos a crer que o deus, a quem primitivamente foram consagradas, era o sol—a primeira divindade das mythologias astrológicas, talvez o Odin das tradições do norte. Teriam estas festas principio antes da separação dos povos que estiveram reunidos no Pamir? Não nos parece, se attendermos a que não se encontram vestígios de semelhantes usos nas antigas civilisações do oriente, nem mesmo entre os Gregos e Romanos; estas festas foram introduzidas pelos barbaros do norte, que invadiram a Europa meridional no tempo do baixo-imperio; se por excepção a festa do solsticio do estio nos apparece entre os Arabes não será devido a que os Wandalos, que chegaram até Africa, a levassem para ali? Pelo solsticio do inverno os germanos imolavam um porco em honra do seu deus; como se sabe por Tacito, entre alguns povos do norte usava-se por insignia supersticiosa uma pequena figura de porco montez (¹), que era o emblema da fecundidade e da abundancia; faziam-se os sacrificios com porcos montezes. Sabendo-se que os Germanos e Scandinavos habitaram por largo tempo a região europêa que fica sob 60.º de latitude, onde o maior dia do anno tem quasi dezanove horas e o menor apenas cinco, não poderemos vêr n'este facto a origem d'estas duas festas?

(¹) *De moribus Germanorum*. xlv.: insigne superstitionis, formas aprorum gestant.

Demais a festa do solstício do verão é de alegria, não ha a menor ideia de sacrificio, emquanto que a do solstício do inverno é antes de tudo uma festa expiatoria ou esconjuratoria, como eram na antiguidade, e são hoje entre os povos selvagens, quasi todas as festas em que se sacrificam victimas aos deuses; sabe-se a impressão que produzem os eclipses no animo dos povos atrasados e como muitos procuram por meio de sacrificios apaziguar a colera dos deuses maus, a quem attribuem aquelles phenomenos naturaes. Imagine-se, pois, que impressão faria no espirito dos Germanos e Scandinavos a passagem rapida do sol pelo horisonte, sem o brilho que tem no solstício do estio, e as longas noites do inverno cheias de superstições extravagantes. No verão, pelo contrario, a demora do sol no horisonte por espaço de tantas horas e a claridade da noite ⁽¹⁾ havia de lhes dar uma impressão agradavel que elles traduziam em festas de reconhecimento. Ainda se encontram vestigios tradicionaes das superstições das grandes noites de inverno. «Nas tradições poeticas dos povos do norte, diz Theophilus Braga ⁽²⁾, é na noite do Natal que se dá a caça de Odin, denominação que na Suecia tem a tradição da festa nocturna dos espiritos que se

(1) *Trans Suiones aliud mare pigrum, ac prope immotum, quo cingi cludique terrarum orbem hinc fides; quod extremus cadentis jam solis fulgor in ortus edurat, adeo clarus, ut sidera hebetet*, Tacito ob. cit. XLV.

(2) *Epopêas da raça mosarabe*, pag. 49.

ajuntam nas clareiras das florestas; d'esta crença se originaram as lendas germanicas do Caçador eterno, do Caçador selvagem, do Caçador nocturno de Riesenzebirge, e do Grande caçador da floresta de Fontainebleau.» Tudo isto nos leva a crer que Freya, deusa das cearas, citada por Maury, substituiu o velho deus, como mais tarde foi substituida pelo Messias e seu precursor.

Os Germanos tinham ainda outra festa que passou para os nossos costumes e que hoje só se conserva, mas já em decadencia, em algumas partes das provincias do norte e no Algarve. E' o costume de adornar as creanças, no primeiro dia de maio, com giestas e outras flôres amarellas, bem como de collocar giestas ás portas, pendurar nos curraes ramos de carvalho, etc. «A significação das maias ou giestas postas a cada porta, é segundo a explicação popular uma lembrança dos signaes que se puzeram pelo caminho para que a Senhora se não perdesse na fuga para o Egypto. E' a explicação que o evangelho popular dá das antigas festas do Naturalismo, que a Egreja não podendo extinguir no povo adoptou como suas.» ⁽¹⁾ Como em Roma as festas em honra de Flora tinham logar a 4 das calendas de maio, poderiamos ser induzidos a consideral-as como origem das maias, se as Flo-raes não tivessem deixado vestigios nas festas da Paschoa catholica.

As tres festas dos Germanos correspondiam ás

(1) Th. Braga—*Hist. da poes. pop. port.* pag. 74.

tres estações: primavera, estio e inverno, únicas que elles conheciam, como Tacito affirma positivamente (1).

As *Eleusíniás*, que se celebram em Eleusis de cinco em cinco annos e annualmente em Agræo n'outras cidades da Grecia, eram festas consagradas a Ceres e a Proserpina; a par d'estas festas das cidades gregas havia as *Thalysias*, festas rusticas destinadas a celebrar as colheitas; n'ellas os aldeões recordavam as suas canções tradicionaes (2). Em Roma tambem havia festas ruraes depois da colheita; os ceifeiros improvisavam cantos em honra dos deuses protectores dos seus trabalhos. (3) Este costume estendeu-se até nós; no Minho ainda hoje são dias de regosijo popular aquelles em que se celebram as colheitas e as descamisadas; o divertimento principal n'estas festas é a improvisação poetica, os descantes á viola, os desafios rimados, etc.

A mesma origem tem as festas das vindimas e da prova do vinho novo ou o S. Martinho. Em Athenas havia duas *Dionysias* annuaes, as do outono ou das vindimas, que tinham lugar entre 8 e 18 do mez *posideon*, e as da primavera, ou Anthesterias (do mez *anthesterion*), que duravam

(1) Ob. cit. xxvi: ... hiems, et ver, et æstas intellectum ac vocabula habent: autumnus perinde nomen ac bona ignorantur.

(2) Ch. Magnin, *Les orig. du th. ant.* pag. 100 e seg.

(3) Ibid. pag. 294.

tres dias ⁽¹⁾, no primeiro dos quaes era a festa da abertura dos tuneis. As primeiras Dionysias chamavam-se tambem Dionysias dos campos e as segundas da cidade ⁽²⁾. Em Roma festejava-se Baccho todos os annos, como na Grecia.

As corporações de artes e officios tinham egualmente as suas festas na antiga Roma. Os mercadores festejavam Mercurio, os padeiros Vesta e Fornax, os musicos Minerva, os marinheiros do Tibre celebravam as *Portumnales*, etc. ⁽³⁾ Estas festas são identicas ás das corporações da idade media; em Lisboa eram obrigadas a apresentarem-se na procissão do Corpus Christi com as suas respectivas insignias e andores; ainda actualmente vemos corporações terem por padroeiro um santo ou santa, que festejam annualmente, como os artilheiros S. Sebastião, os musicos Santa Cecilia, os livreiros Santa Catharina, etc.

III

Outro costume, que se tem prolongado através dos seculos, é o da execução pelo fogo, em signal de regosijo, dos maus e dos traidores. Em

⁽¹⁾ E' vulgar entre o povo dizer-se que ha tres S. Martinhos: S. Martinho, bispo, S. Martinho, papa, e S. *Martinho rapa*. Esta invenção popular não será devida aos tres dias das Anthesterias?

⁽²⁾ Ch. Magnin, ob. cit. pag. 107.

⁽³⁾ Ibid. pag. 279 a 283.

muitos logares da India, por occasião da festa de Rama, queima-se um manequim gigantesco representando Ravana, o raptor da bella Sitá; entre nós em sabbado de alleluia estava em uso, não ha ainda muitos annos, queimar-se um manequim de palha, a que chamavam Judas. Nos autos de fé e nos cadafalsos civis eram executados em estatua muitos criminosos. Em 5 de novembro algumas cidades inglezas celebram o anniversario do dia em que foi descoberto o plano diabolico de Guy Fawkes para fazer saltar pelos ares o edificio da representação nacional e com elle os representantes do povo, e queimam um boneco de palha representando Guy Fawkes, e outros representando as notabilidades politicas de nossos dias que incorrem durante o anno no desagrado publico. Esta substituição do individuo pela effigie ou pelo retrato conduz-nos aos sacrificios humanos e á sua substituição por animaes, cirios e outras offertas.

Não trataremos aqui da anthropophagia, nem discutiremos se ella foi, como querem Girard de Rialle e Charles Vogt, um uso necessario para o desenvolvimento da civilisação, e a origem dos sacrificios humanos. Apenas diremos que elles eram frequentes entre os povos da antiguidade. (1)

(1) Veja-se: J. Baissac, *Orig. de la religion*; G. de Rialle *Mythologie comparée*; L. Metchnikoff, *Le Diable et les diableries (La Science Politique)*; Lemoyne *Des Idées d'expiation et de penitence (La ph. posit. revue, vol. xviii)*; etc.

No Egypto até á expulsão dos Hyksos sacrificavam-se todos os dias tres crianças no templo de Heliopolis. Os Phenicios e Carthagineses tinham um costume semelhante. N'algumas partes compravam-se crianças estrangeiras para o sacrificio e na falta d'ellas sacrificavam-se escravos ou prisioneiros de guerra. Quando Agathocles sitiou Carthago, os sitiados, segundo refere Diodoro, mataram duzentas crianças em honra do seu deus, e como este lhes não desse a victoria immolaram mais trezentas. Tacito diz que os Sennones em certas epocas celebravam n'uma floresta antigos ritos, sacrificando um homem ⁽¹⁾. Na Grecia ante-historica tambem se sacrificavam victimas humanas, como vemos da Iliada. Em todas as tragedias de Eschylo é estrangulada uma victima humana. As festas de Apollo, de Diana e de Baccho eram sanguinarias nos primeiros tempos. Na Biblia encontramos o sacrificio de Isaac, que nos prova o mesmo uso e a substituição da victima humana por um animal irracional. Ahmés I (Amosis) no Egypto substituiu o sacrificio das tres crianças por cirios que ardiam no templo em honra do deus. Era uso tambem ahi afogarem uma virgem no Nilo todos os annos; quando Abd-el-Aziz o conquistou fez com que a virgem fosse substituida por uma folha de planta. No tempo de Brutus ainda os Romanos usavam sacrificar crianças a alguns deuses. Este costume sanguinario e deshumano foi, pouco a pouco, sub-

(1) *De mor. Germ.* xxxix.

stituido em toda a parte; primeiro as victimas humanas foram remidas por animaes irracionais, depois estes mesmos deixaram de ser sacrificados e ficaram apenas symbolos do antigo e barbaro uso religioso. Entre os Etruscos quando uma casa era ameaçada por qualquer perigo, para o conjurarem collocavam mascaras sobre a porta ou pendentes das arvores visinhas em substituição das cabeças humanas que em epochas anteriores se offereciam a Saturno para o mesmo fim. ⁽¹⁾ Segundo varios auctores latinos nos idos de maio eram lançados ao Tibre trinta simulacros de velhos, feitos de pau ou de junco, e a que chamavam Argianos ⁽²⁾, o que de certo era commemoração de algum sacrificio real. Os symbolos ainda hoje subsistem; os cirios que se accendem nas egrejas catholicas representam de certo as vidas das antigas victimas sacrificadas em honra dos deuses; a communhão christã, segundo Charles Vogt, é uma recordação do velho uso de comerem a carne das victimas depois do sacrificio. No Christianismo o que é Jesus senão uma victima humana sacrificada ao deus pae para apaziguar a sua colera? E para ser mais valioso o sacrificio não é a victima o filho do proprio deus?

Este e outros pontos que de passagem temos

⁽¹⁾ Ch. Magnin, ob. cit. pag. 236.

⁽²⁾ Ovidio, *Fast.* lib. v, v. 621. Dionys. Halic. lib. i, 38. Varro, *De ling. lat.* vii. 44. Plut. *Quest Rom.* 32, apud ob. cit. pag. 240.

tocado n'este ensaio, precisam ser estudados e desenvolvidos mais de espaço, o que não fazemos aqui para não nos afastarmos demasiadamente da nossa these principal.

Sobre as praticas e usos religiosos conservados através dos seculos citaremos ainda um facto curioso. Um amigo nosso, natural de Cabeceiras de Basto, contou-nos ha annos que existia ali este costume já um tanto decadente: Quando um aldeão passa por pé de uma cruz, que indica o sitio em que se commetteu um assassinio, apanha uma pedra e depois de resar pelo descanso eterno do morto atira-a para o montão de pedras que se vae formando em volta da cruz. O mais interessante é que ás vezes, quando n'aquelle sitio não pode encontrar facilmente uma pedra fóra do montão, tem o cuidado de a trazer de longe, para não deixar de prestar aquelle preito supersticioso á alma do finado. Em Rio Tinto, junto á Serra da Mulher Morta, ⁽¹⁾ e n'outros logares ainda existe a mesma tradição. Este costume que nos foi confirmado por varias pessoas do Minho e d'outras provincias de Portugal apparece-nos tambem entre os Arabes. Em 1845, no seu trabalho sobre a Algeria meridional, escrevia M. Carrete, a proposito dos tumulos ou *nza* dos Arabes, as seguintes palavras: «Viajando um dia com muitos Arabes, admirei-me de os ver apanhar uma pedra cada um d'elles successivamente;

(1) Apud Leite de Vasconcellos, *Tradições das Pedras*, Era Nova pag. 78.

um offereceu-me uma e eu perguntei-lhe porque obravam assim. «Devemos passar, respondeu-me elle, deante do *nza* de Bel-Gassen.» Não comprehendí, mas tomei a pedra; chegamos bem depressa a um montão informe de pedras d'altura de metro e meio. Cada um dos meus companheiros lançou ali a que trazia na mão dizendo: «Ao *nza* de Bel-Gassen»; eu imitei-os.» ⁽¹⁾ Seriamos levados a acreditar que aquelle costume do Minho fôra introduzido na Península pelos Arabes durante o seu dominio se outros factos nos não deixassem a supposição, que é anterior a essa epoca e que teve origem em tempos muito remotos, tendo talvez nascido espontaneamente entre as diversas raças humanas n'um dos gráus mais inferiores da civilisação. Darwin na *Viagem d'um naturalista em volta do mundo* ⁽²⁾ diz que em Maldonado no cume da serra de las Animas encontrou «pequenos montões de pedras que estão ali evidentemente ha muito tempo. O meu companheiro (um velho hespanhol) assegura-me que é obra dos antigos Indios. Estes montões assemelham-se, mas em pequena escala, aos que se encontram tão communmente sobre as montanhas do paiz de Galles. O desejo de assignalar um acontecimento qualquer por um montão de pedras sobre o ponto mais elevado da vizinhança parece ser uma paixão inherente á humanidade. Hoje já

(1) Apud C. Cantu—*Hist. Univ.* 3.^a ed. fr. 1, 465 nota.

(2) Tr. Barbier—Paris 1875—pag. 48.

não existe um só Indio selvagem ou civilisado em toda a provincia e não sei que os antigos habitantes tenham deixado detrás de si recordações mais permanentes do que estes insignificantes montões de pedras sobre o cume da serra de las Animas.»

Entre outros povos da America central segundo Urrutia ⁽¹⁾ existe ainda o costume de lançar uma mão cheia de terra ou uma pedra sobre a sepultura dos mortos distinctos, como um tributo pago á sua memoria. Na Africa tambem se encontram vestigios da mesma tradição. Park, citado por Herbert Spencer diz que entre os negros do interior acham-se em certos sitios grandes montões de pedras sobre as sepulturas e os parentes do morto não deixam de os augmentar todas as vezes que passam por elles. «Nós passamos deante do tumulo do grande Omakurn, diz-nos Galton ⁽²⁾; os Damaras lançaram todas pedras sobre o montão dizendo: Pae Omakurn! Elle dá e tira a chuva.» Herbert Spencer attribue a origem d'este costume tão geral ao desejo de protegerem os cadaveres contra os animaes ferozes e cita os Esquimós, os Bodos e os Dhimals que collocam pedras sobre as sepulturas com o fim de impedir que os chacaes desenterrem os corpos em decomposição. Se foi isto que deu origem ao costume mais tarde ligaram-lhe uma significação animista, cujos vestigios vieram até á nossa ci-

⁽¹⁾ Apud Spencer *Princip. de Sociol.* vol. I pag. 230.

⁽²⁾ Idem pag. 540.

vilisação. Parece que a cerimonia de lançarem a pedra para o montão é filha do temor de que a alma do morto volte ao mundo para os visitar ou perseguir.

O culto fetichista das pedras é antiquissimo e é um dos mais generalizados e de que se encontram mais vestigios. No *Exodo* xx, 25, lê-se: «Se fizeres um altar de pedras, não as talharás: Se levantasses o ferro sobre ellas, manchal-as-hias.» Pelo *Vendidad* ou *Livro contra os demonios*, sabe-se que certos officios eram prohibidos porque «se tẽmia que a santidade do fogo, a pureza da água, a inviolabilidade da pedra fossem compromettidas.» (1) Os Phenicios adoravam uma divindade sob a fôrma de uma pedra bruta. Até ao tempo de Mahomede os Arabes adoraram uma pedra negra. O deus Heliogabalo era representado tambem por uma pedra negra de forma conica. Os Gregos e Romanos adoravam pedras sob o nome de Hermes ou Mercurio. (2) No occidente da Europa o culto das pedras foi condemnado muitas vezes pela Egreja na idade media. Segundo Forbes Leslie, citado por Lubbock, «Theodorico, arcebispo de Cantorbery, condemna o culto das pedras no setimo seculo; o mesmo culto encontra-se no numero dos actos do paganismo prohibidos pelo rei Edgar no decimo seculo e por Cnut no undecimo. Um concilio cele-

(1) C. de Gobineau *Hist. des Perses*, apud Lemoyne, art. cit. *La Ph. pos. revue*, xviii, 256.

(2) Lubbock *Orig. de la civilisation*, pag. 305.

brado em Tours, em 567, ordenou aos padres que recusassem a entrada nas egrejas a todas as pessoas que adorassem pedras levantadas, e Mahé certifica que os registros das sessões de um concilio reunido em Nantes, no setimo seculo, fallam do culto das pedras entre os Armoricos.» Em França tambem existiu este culto como se vê por capitulares de Carlos Magno e concilios de Leptine, Arles, Tours, etc.

Entre nós existem vestigios (1) ainda do culto das pedras na tradição popular das pedras de raio e de ara, nas *Mouras encantadas* que habitam os penedos e os monumentos prehistoricos, como dolmens ou antas, menhirs, pedras oscillantes, etc. e principalmente nos nomes de muitos templos e capellas como *Senhora da Penha*, *Bom Jesus da Pedra*, *Senhor da Pedra*, *Senhora da Rocha*, *Senhora da Lapa*, *Senhora do Pilar*, etc. Estas designações provam sufficientemente que o catholicismo não podendo vencer a tradição popular a aproveitou mudando-lhe a interpretação. Foi assim que a religião christã conseguiu generalisar-se tanto.

No direito tambem se conservam vestigios d'este espirito conservador da grande massa, como se vê pelos importantes trabalhos de Grimm, com relação á Allemanha, de Michelet, sobre as origens do direito francez, e de Theophilo Braga, pelo que diz respeito a Portugal. Citaremos ape-

(1) Veja-se o artigo *Tradições das Pedras* do nosso bom amigo Leite de Vasconcellos na *Era Nova* n.º 2.

nas um exemplo: as vendas em *hasta publica*. N'este facto conservou-se a palavra derivada da *lança* que representava a propriedade e que *has-teada* era o signal de venda entre os Romanos.

Na arte só a muito custo se conseguem introduzir as innovações, comtudo introduzem-se com muito maior facilidade do que em direito e em religião. Em todos os tempos os inventores encontraram a opposição do maior numero e das auctoridades constituídas. Plutarcho ⁽¹⁾ diz-nos que Solon tentou obstar por todos os meios ás innovações de Thespis; Platão ⁽²⁾ queria que as leis declarassem perpetuamente immutaveis a pintura, a escultura e a poesia; a lei thebana obrigava sob pena de multa os pintores e os escultores a seguirem os antigos modelos; em Sparta os ephoros condemnaram a invenção de Terpandro, que acrescentou uma corda á lyra e pregaram n'um muro o instrumento ⁽³⁾; Timotheo que lhe juntara duas cordas, foi intimado por um ephoro, de faca em punho, a dizer de que lado preferia que fossem cortadas as cordas illegaes ⁽⁴⁾; por outro lado as fórmulas litterarias datam da mais remota antiguidade; a epopeia, o lyrismo e o drama tiveram origem entre os povos antigos; approximando os fragmentos do *Isdubar*, as epopeias indianas, os poemas homericos, os *Niebelungens* e os cyclos poe-

(1) *Solon*, cap. 29 apud Magnin, ob. cit. 75.

(2) *De legib.* vii. 800 A—ibid.

(3) *Ælian. Var. Hist.* iv. 4 ibid.

(4) *Plut.* 238 c. ibid. *

tigos da idade media, encontra-se um fundo tradicional commun. Os innovadores litterarios encontraram sempre forte resistencia da parte do maior numero de escriptores da sua epoca. Basta lembrarmos da guerra que n'este seculo soffreu o romantismo e da que actualmente está soffrendo o naturalismo.

IV

Cremos ter provado o que dissemos no começo d'este artigo sobre a resistencia opposta pelas forças adquiridas ás forças novas ou revolucionarias. Nos exemplos citados vimos como uma ideia ou manifestação social, conservando-se indefinidamente de geração em geração, se modifica ao mesmo tempo de meio para meio através das edades. Em todos elles se mostra a coexistencia da conservação e da evolução.

O espirito conservador da grande massa é filho da hereditariedade, pois que, como diz Littré ⁽¹⁾, «as propensões adquiridas e transmittidas por um genero de vida e por um meio muito tempo uniformes, conservam o seu imperio bem para lá da epoca em que este genero de vida e este meio têm mudado; d'ahi a impossibilidade absoluta... de entrar sem transicção em novas ideias, em novos habitos, em novos costumes.» Estas palavras do eminente sabio francez a proposito dos

(1) *Études sur les Barb.* pag. 131.

barbaros, exprimem bem a causa do espirito conservador do maior numero e da phrase tantas vezes repetida:—*Já nossos paes encontraram assim o mundo.* Esta phrase não indica um desenvolvimento intellectual superior ao dos pretos Husas que dizem: *Porque a mesma cousa feita por meu pai, a mesma cousa feita por mim.*

Todas as modificações, todas as transformações sociaes só se operam com o decorrer de muitos annos, por vezes mesmo seculos, e, pouco a pouco, conforme o espirito publico se vae desprendendo dos velhos preconceitos e familiarizando com as novas ideias e doutrinas propagadas pelas raras intelligencias que conseguem ser superiores ao meio em que vivem. Uma reforma radical é impossivel em absoluto; temos bastantes exemplos na historia. As grandes medidas da Convenção Nacional franceza eram tão superiores á sua epoca que muitas d'ellas ainda hoje, no ultimo quartel do seculo XIX, e quasi cem annos depois, não estão adoptadas, não só na Europa em geral, mas nem sequer na propria França. Effeitos da reacção conservadora.

Felizmente as grandes descobertas d'este seculo, as grandes invenções industriaes, o espantoso incremento que têm tomado os progressos materiaes, a approximação das distancias por meio dos caminhos de ferro, dos vapores e dos telegraphos, a abertura de canaes entre rios e mares e a de tuneis entre valles e por baixo de rios, a construcção d'estradas ligando as aldêas e as povoações menos importantes aos centros do com-

mercio, da industria, das letras, e facilitando o accesso ás montanhas mais escabrosas, o lançamento de pontes sobre rios caudalosos e precipícios insondaveis, a commodidade e a barateza dos transportes, o desenvolvimento das viagens e digressões de recreio, as exposições, os congressos, tudo enfim tem concorrido para que o espirito conservador perca muito e muito terreno em face das novas ideias e doutrinas. N'estes ultimos vinte annos as tradições populares, os restos das sociedades ha muito extinctas, os vestigios dos tempos primitivos, têm-se obliterado mais do que anteriormente se oblitteravam no espaço de um seculo. E' isto devido á facilidade das communicações e á unidade moral, que pouco a pouco se vae estabelecendo entre todos os povos da Europa e America. As modificações e as transformações sociaes começam a fazer-se em menos tempo e com muito maior rapidez, porque a resistencia das forças adquiridas nas primitivas épocas de civilisação está sendo vencida diariamente pelas forças revolutivas, cada vez mais potentes. Em todo o caso o espirito conservador opporá sempre uma resistencia proveitosa e sufficiente para não sermos arrastados a uma desagregação completa de todos os elementos sociaes, que seria o aniquilamento da humanidade. E', como dissemos, do equilibrio variavel entre o espirito de conservação e o de revolução, que nasce esse movimento constante e progressivo, reformador e organisador—a evolução.

II

A CREAÇÃO DO HOMEM

I

O espirito critico que desde o seculo XVI se desenvolve na Europa e que foi gradualmente apossando-se de todos os ramos dos conhecimentos humanos, pela eliminação do sobrenatural e da metaphysica e pela systematisação dos phenomenos naturaes, estabeleceu como bases de todas as sciencias, a observação e a experiencia. Tudo quanto não assente n'estas bases, tudo o que não se subordine ao methodo scientifico, está *ipso facto* condemnado pela razão e banido irremediavelmente da sciencia positiva. O rigor d'este methodo tem dado um impulso vigoroso e extraordinario ao espirito humano; começando por constituir em sciencia astronomica a velha astrologia, em physica a theurgia e em chimica a alchimia, chegou no seculo actual a submeter aos proces-

sos scientificos e philosophicos os complicados phenomenos sociaes, pela formação da Sociologia abstracta e das sciencias concretas que entram no vasto plano d'este ramo dos conhecimentos humanos.

Desde o momento em que esta parte da sciencia geral, a mais complexa e difficil, se submetteu ao criterio positivo, foi a Providencia banida da historia, e a revelação divina posta de lado; por seu turno o sobrenatural e as religiões reveladas foram entregues á analyse e á critica scientifica, estudadas e avaliadas como um producto da evolução humana, e entraram na grande massa de phenomenos sociologicos, sujeitos á classificação e ao exame.

A Biblia perdeu a sua auctoridade deante das investigações anthropologicas e geologicas, que fizeram recuar a antiguidade do homem e do mundo muito para lá dos cinco ou seis mil annos que lhes attribue o *Genesis*. Boucher de Perthes descobriu uns machados de silex nas camadas terciarias dos arredores de Amiens e Abbeville e em 1838 e 1839 appresentou-os ás sociedades scientificas de Amiens e de Paris, mas só quinze annos depois começaram os sabios a ver n'elles instrumentos primitivos do homem. Por toda a parte se fizeram descobertas identicas e encontraram-se utensilios e armas, fabricados por mãos humanas, em cavernas e nos leitos dos rios de mistura com ossos de antigos animaes, como esqueletos de mastodontes, de hippopotamos, de megalonyx, de mammuth, etc. A mandibula de

Moulin Quignon, encontrada em 28 de março de 1863, veio confirmar a opinião dos sabios e em seguida milhares de descobertas têm vindo certificar a existencia do homem fossil. A archeologia prehistorica prova-nos a existencia da humanidade não só na epoca quaternaria, mas ainda na epoca terciaria, pelo menos no seu periodo pliocene; tambem se têm encontrado vestigios nas camadas miocenes do terreno terciario, mas ainda se levantam dúvidas sobre esses primeiros esboços da industria humana, porque são sílex talhados de um modo demasiadamente grosseiro. Hamy, no seu *Précis de Paleontologie humaine*, acha que o meio que viu apparecer o hylobate e o dryopitheco, anthropomorphos muito visinhos do homem, era tambem favoravel para o desenvolvimento do genero humano. Quer o homem apparecesse no periodo miocene, quer no pliocene, o que é certo, é que aos cinco ou seis mil annos, que tem a humanidade segundo o *Genesis*, se têm de acrescentar muitos e muitos milhares para recuar a antiguidade do homem até á epoca terciaria em que se encontram vestigios da sua existencia. Alguns auctores deligenciam pôr de acordo a Biblia com as descobertas scientificas e convertem ou interpretam os seis dias da creação como seis periodos de longos seculos.

A Biblia, porém, perdendo o character sagrado que lhe dava a revelação divina, apesar de todos os esforços e de todos os sophismas mais ou menos habeis dos sabios catholicos, tornou-se um documento tradicional, como todas as Cosmogo-

nias e Theogonias do mundo antigo; se perdeu a sua importancia como historia da creação e das origens da humanidade, conserva-a como valioso subsidio para a historia das tradições primitivas. O estudo comparativo da Biblia com as Cosmogonias dos outros povos mostra tão evidentemente o fundo commum que o catholico Lenormant confessa no prefacio de *Les origines de l'histoire*: «O que lemos nos primeiros capitulos do *Genesis*, não é uma narração dictada pelo proprio Deus e cuja posse tenha sido o privilegio exclusivo do povo escolhido. E' uma tradição cuja origem se perde na noite dos tempos os mais afastados, e que todos os grandes povos da Asia anterior possuam em commum com algumas variantes.» Esta verdade é tão incontestavel que chegou a convencer um crente sincero como o sabio Lenormant. Effectivamente o *Genesis* não se distingue das velhas Cosmogonias senão pela sua redacção mais moderna e pelo character monotheista que lhe imprimiram, procurando afastal-o do naturalismo ou do polytheismo predominante entre os Egypcios, Chaldêos, Phenicios, etc. O dr. Kuenen, professor de theologia na universidade de Leyde, no seu livro sobre a religião de Israel, pela analyse do Velho Testamento chegou á conclusão que o polytheismo precedeu o monotheismo entre os Hebreus, que era mesmo a religião popular, ao passo que a adoração exclusiva de Jehovah ou Yahveh foi principalmente obra dos prophetas. Em todo o caso a redacção actual do *Genesis* foi feita sobre dois textos anteriores. O

proprio Lenormant não crê «possivel sustentar durante mais tempo a these do que se chama unidade de composição dos livros do Pentateuco. Na minha convicção de sabio, um seculo de estudos de critica extrinseca e intrinseca do texto conduziram n'este ponto a resultados positivos, que não aceitei sem custo, mas á evidencia dos quaes tive por fim de me submettre.» ⁽¹⁾ Estes dois textos, que o mesmo sabio distingue pelos nomes de elohista e jehovista, foram reunidos e ligados sem criterio, como teremos occasião de observar.

Approximando e comparando as Cosmogonias e Theogonias dos povos antigos vemos predominarem principalmente duas correntes tradicionais; uma corresponde aos povos semitas e ao elemento kuschita, e a outra pertence em especial ás raças áricas. A primeira é do Egypto, da Chaldêa, da Babylonia, da Assyria, da Judêa, da Phenicia; a segunda é da India, da Persia, da Grecia, da Italia, dos Scandinavos e dos Germanos.

Não podendo fazer a comparação de todas as tradições communs aos povos da antiguidade, porque isso seria obra para volumes e demandava um trabalho muito sério, para que não nos achamos habilitados, limitar-nos-hemos a fazer algumas comparações sobre a creação do homem, como é narrada no *Genesis* e nas tradições dos outros povos antigos.

(1) *Les origines de l'histoire*, x.

II

Começaremos por traduzir alguns versículos do *Genesis*, da versão dada por Lenormant em *Les origines de l'histoire*:

«Capitulo I, 1. No principio Élohîm creou os céos e a terra.

2. E a terra era um deserto e um cahos vasio; as trévas cobriam a superficie do abysmo e o sopro de Élohîm movia-se sobre as aguas.

3. Élohîm disse: «Que a luz seja!» e a luz foi.

.....
12. E a terra produziu a verdura, a herba dando semente segundo a sua especie, e a arvore dando o fructo que tem em si a semente, segundo a sua especie.

.....
21. E Élohîm creou os grandes monstros marinhos e todos os seres vivos e serpejantes de que estão cheias as aguas segundo as suas especies, e tambem todo o passaro alado, segundo a sua especie. E Élohîm viu que isto era bom.

.....
25. E Élohîm fez os animaes selvagens da terra, segundo as suas especies, o gado, segundo a sua especie, e todo o reptil do solo terrestre, segundo a sua especie. E Élohîm viu que isto era bom.

26. Élohîm disse: «Façamos o homem á nossa

imagem, conforme á nossa semelhança, e que domine sobre os peixes do mar, sobre os passaros dos céos, sobre o gado, e sobre toda a terra e sobre todo o reptil que se arrasta sobre a terra!»

27. E Élohîm creou o homem á sua imagem; á imagem de Élohîm elle o creou; macho e femella elle os creou.

.....
Capitulo II, 4. No dia em que Yahveh Élohîm fez a terra e os céos,

5. nenhum arbusto dos campos havia ainda sobre a terra, nenhuma herva dos campos havia ainda germinado, porque Yahveh Élohîm não tinha ainda feito chover sobre a terra, e não havia homem para cultivar o solo;

6. mas uma nuvem levantou-se da terra e regou toda a superficie do solo.

7. E Yahveh Élohîm formou o homem da poeira do solo e assoprou-lhe nas ventas o sopro da vida e o homem foi feito sêr vivo.

8. E Yahveh Élohîm plantou um jardim no Eden, do lado do Oriente, e collocou ahi o homem, que tinha formado.

9. E Yahveh Élohîm fez brotar do solo toda a arvore agradavel de ver e boa de comer, e a arvore da vida no meio do jardim e tambem a arvore da sciencia do bem e do mal.

.....
19. E Yahveh Élohîm formou de terra todos os animaes dos campos e todos os passaros dos céos, e elle os levou ao homem para ver como

elle lhes chamaria; e como o homem chamasse um sêr vivo, tal devia ser seu nome.

.....

21. Então Yahveh Élohîm fez cair um profundo somno sobre o homem e elle adormeceu; tomou um de seus lados e fechou o logar d'elle com carne.

22. E Yahveh Élohîm formou do lado que tomara ao homem a mulher e levou-a ao homem.»

N'estes dois primeiros capitulos do *Genesis* vemos a mesma tradição descripta de dois modos differentes. No capitulo primeiro Élohîm cria pela sua vontade e palavra depois da luz a verdura, o arvoredos, os monstros marinhos, os reptis, os passaros, os animaes selvagens e por fim o homem á sua imagem, macho e femêa; no capitulo segundo Yahveh Élohîm fórma o homem da poeira do solo e dá-lhe a vida, depois planta um jardim e fórma de terra os animaes dos campos, os passaros, etc., e por fim fórma a mulher de um lado do homem. Assim Deus que no primeiro capitulo tem o aspecto espirital do monotheismo, toma no segundo as proporções bastante materiaes de um demiurgo. Esta differença entre os dois livros primitivos que entraram na redacção definitiva do *Genesis* é bem palpavel; os mais recentes criticos e entre elles Lenormant crêem què o texto jehovista é muito anterior ao elohista, o que effectivamente parece pela fórma um tanto material do Yahveh Élohîm em opposição á espiritalidade de Élohîm no primeiro capitulo. Estas tradições da creação vamos encontral-as mais desenvol-

vidas nas Cosmogonias dos outros povos do Oriente, o que nos prova a sua maior antiguidade, do que o Pentateuco, onde se nota já um trabalho de purificação gradual para o monotheismo dos prophetas. Mesmo o texto definitivo do *Genesis* não deve ser anterior á volta do captivo.

III

A tradição chaldaica, segundo um extracto de Beroso ⁽¹⁾, conta da seguinte fôrma a criação do mundo e do homem: «Houve um tempo em que tudo era trévas e agua, e n'este meio geraram-se espontaneamente animaes monstruosos e as figuras mais particularês: homens com duas azas, e alguns com quatro, com duas faces, com duas cabeças, uma de homem e outra de mulher, sobre um corpo só, e com os dois sexos a um tempo; homens com pernas e chavelhos de cabra ou pés de cavallo; outros com membros posteriores de cavallo e os dianteiros de homem, semelhantes aos hippocentauros. Havia tambem touros de cabeça humana, cães de quatro corpos e de cauda de peixe, cavallos com cabeça de cão, homens egualmente com cabeça de cão, animaes

(1) Por Alexandre Polyhistor—Syncell. 29; Eusebio, *Chronic. armen.* 10, ed Mai; apud Lenormant, ob. cit. 506.

com cabeça e corpo de cavallo e cauda de peixe, outros quadrupedes nos quaes se confundiam todas as fórmas animaes, peixes, reptis, serpentes, e todas as especies de monstros maravilhosos, apresentando a maior variedade nas suas fórmas, cujas imagens se vêem nas pinturas do templo de Bêlos (*Bel-Maruduk*). Uma mulher chamada Omoroca (*Um-Uruk*, a mãe de Uruk) presidia a esta criação; ella na lingua dos Chaldeos tem o nome de Thavatth (*Tiamat*), que significa em grego *o mar*; identificam-a tambem á lua.

Estando as cousas n'este estado Bêlos appareceu e cortou a mulher em duas metades; da metade inferior do seu corpo fez a terra e da superior o céo, e todos os seres que estavam n'ella desapareceram.

.....

Bêlos, que os Gregos interpretaram por Zeus, tendo dividido as trévas, separou o céo e a terra e ordenou o mundo; e todos os seres animados que não podiam supportar a acção da luz pereceram. Bêlos, vendo a terra deserta, apesar de fertil, ordenou a um dos deuses que lhe cortasse a cabeça, e amassando o sangue que corria com a terra formou os homens e os animaes que podem viver ao contacto do ar.»

Por esta extraordinaria cosmogonia vemos que primitivamente havia mar e trévas, onde viviam todas as especies de monstros, que se extinguiram quando Bêlos trouxe a luz; então este demiurgo com o proprio sangue amassou terra de que formou os homens e os animaes. O homem

pois foi formado de terra como na tradição jehovista. ⁽¹⁾

O cahos primitivo n'esta cosmogonia está descripto por extenso, como uma habitação de monstros e animaes desconformes, o que nos parece a pintura das impressões do homem em face da natureza terciaria ou quaternaria, quando viviam mamíferos de proporções e fórmassas assombrosas, como o mastodonte, o hippopotamo, o rhinoceronte, o grande touro, o mammuth, o urso das cavernas, o tigre gigantesco, etc., que o homem combatia com as rudes armas de silex. Crêmos que tanto as Cosmogonias como as Theogonias fabulosas dos povos da antiguidade são um resultado tradicional da impressionabilidade

(1) *Alpa camasea*—terra animada—é o nome do primeiro homem na cosmogonia do Perú. Os Mandans, da America do Norte, contam que o Grande Espirito formou duas figuras de barro, que animou com o sopro da sua bocca, e deu a uma o nome de *primeiro homem* e á outra o de *companheira*. Taeroa, deus do Taiti, fez o homem de terra vermelha. Entre os Dayaks de Bornéo tambem é tradicional que o homem foi moldado de terra. (Lenormant, ob. cit., p. 40 e *Hist. anc. de l'Orient*, v. 1 p. 15.) Os Kumis de Chittagony pensam que certo deus fez o mundo, as arvores e os reptis e começou a formar de barro um homem e uma mulher, mas de noite, enquanto o deus dormia, vinha uma grande serpente devorar a obra começada. O deus então creou um cão que expulsou a serpente e elle poudet terminara a criação do homem. (Lewin, *Hill Tracts of Chitt.* p. 90, apud Lubbock *Orig. de la civ.* p. 378.)

humana. Nos documentos d'essas epocas que vieram até nós traduzidos em grego e sob o nome de Sanchoniathon encontram-se vestígios d'esta realidade; por exemplo, n'uma grande theogonia, sob a fórma de narração épica, que parece ter sido de Biblos, lê-se: «...o Altissimo (*Eliûn*), tendo sido morto na lucta com os animaes selvagens, foi divinizado e seus filhos instituíram em honra sua libações e sacrificios.» (1) Não será uma recordação d'aquella epoca tenebrosa, em que os nossos antepassados, selvagens e brutaes, combatiam aquelles animaes gigantes e ferozes, ora vencendo, ora succumbindo na lucta?

N'um dos tijolos com caracteres cuneiformes, existentes no Museu Britanico, está um pedaço da tradição do sanctuario de Kuti sobre os monstros que se desenvolveram no cahos antes da criação, ou da separação da luz das trévas, e que pereceram por não poderem supportar a claridade, como se lê no extracto de Beroso por Alexandre Polyhistor já citado.

Na primeira cosmogonia phenicia do Sanchoniathon de Philon de Byblos encontra-se a seguinte descripção da origem das cousas:

«Quando o Sopro (do vento—*Rûa'h*) se namorou de seus proprios principios (chaos) fez-se uma mistura, e este ajuntamento chamou-se Desejo

(1) Eusebio, *Præpar. evangel.* I, 10. Sanchoniathon, p. 24. apud Lenormant, ob. cit. 542.

(*Hîpeç*). Foi o principio da criação de todas as cousas e não conhecia a sua propria criação. E d'este ajuntamento do Sopro nasceu Môt (*Mûth*), que alguns definiam como um lodo ou a putrefacção de uma mistura aquosa. E d'este lodo saiu toda a semente (*zera'*) de criação e a geração de todas as cousas.

«Havia ahi (no Môt) seres vivos (*'hêûth*) privados de sentimentos, dos quaes nasceram os seres intelligentes, e eram chamados Zophêsamia (*Çophê-schamêm*) isto é Contempladores do céu.

«E os animaes intelligentes despertaram ao fragor dos trovões, assombrados pelo estrepito, e o macho e a femêa começaram a mover-se sobre a terra e no mar.

«Estes seres cosmicos (o sol, a lua, as estrellas e os ventos) são aquelles a que os primeiros (homens) consagraram os productos da terra, que consideraram como deuses e que adoraram, porque tiravam d'elles a sua vida, elles e seus descendentes, offerecendo a estes deuses libações e sacrificios.

«Do vento Colpias (*Qôl pêa'h*, a voz do vento) e de sua mulher Baau (*Bahû*), que se interpreta pela noite, nasceram Æon (feminino *'Havâth*) e Pròtogonos (*Adâm Qadmân*), homens mortaes assim chamados; e foi Æon que inventou nutrir-se do fructo da arvore. Os que nasceram d'elles

chamaram-se Génos e Généa (*Qên e Qênath*) e habitaram a Phenicia.» (1)

N'esta comosgonia não ha a vontade de um deus ou a emanção divina, não ha tambem um demiurgo formando os animaes e os homens de poeira da terra como no capitulo segundo da Biblia, ou de terra e sangue como na cosmogonia chaldaica. Aqui a vida sae do lodo, da mistura aquosa produzida pelo sopro do vento sobre as aguas e os *seres intelligentes* saem dos *seres vivos privados de sentimentos*; portanto o homem é obra da natureza, veio por derivação dos seres inferiores, que tiveram origem no lodo; a intelligencia foi despertada pelo assombro, pelo susto causado pelo ribombar do trovão.

O demiurgo n'esta cosmogonia phenicia é substituido pela acção natural, e a ordem da apparição dos seres vivos é a do primeiro capitulo do *Genesis*,—os racionais vêm depois dos irracionais. Mas parece haver uma segunda creação, porque da união de Colpias, o vento, e Baau, a noite, nascem Protogonos e Æon, identicos a Adão (*'Adâm*) e Eva (*'Havâh*) do Pentateuco.

Nos restos de uma epopêa cosmica encontrada por George Smith, distincto assyriologo, n'uns titulos descobertos em Ninive e existentes no Museu Britanico, conta-se a obra da creação principiando pela geração dos deuses saídos do cahos e continuando com os actos da creação pela or-

(1) Eusebio *Præpar. evangel.* 1, 10, Sanchoniathon, p. 8-18. ed. Orelli, apud Lenormant, ob. cit. 536 e seg.

dem que têm no primeiro capítulo do *Genesis*. No grande poema de Izdhubar, pertencente ao povo assyrio, encontra-se o seguinte verso posto na bocca da deusa Ischtar, quando tem logar o diluvio: «Eis que a humanidade *voltou* (*itur*) ao limo,» e mais adiante o poeta repete: «E toda a humanidade *voltara* (*itura*) ao limo.» ⁽¹⁾ O verbo *voltar* empregado aqui exprime que a humanidade saíra primitivamente do limo.

Entre os Egypcios tambem existia a tradição, de que o homem saíra da putrefacção aquosa ou do lodo, como entre os Phenicios. ⁽²⁾ N'um fragmento de Pindaro ⁽³⁾ lê-se que «o limo fecundante abandonado pelo Nilo, sob a acção vivificante do aquecimento dos raios solares, tinha feito germinar os corpos dos homens.» No mesmo fragmento se diz que as tradições da Libya faziam «sair das planicies aquecidas pelo sol Iarbas, o primeiro dos humanos, que se nutriu das glandes doces do carvalho.» Segundo a mythologia egypcia os homens emanavam do olho do deus *Râ'* *Har-em-akhuti*, ou o sol, e soffriam depois uma operação demiurgica para se terminar

⁽¹⁾ Lenormant—*Les orig. de l'hist.* pag. 397-8 e 611-2.

⁽²⁾ Entre os Cafres Bassutos da Africa austral, segundo E. Cazalis, existe tambem a tradição de que o primeiro homem saíu de um pantano, coberto de canas.

⁽³⁾ *Philosophumena* v. 7, p. 97, ed. Miller; Censor. *De die natal.* 4; Justin. II, 1, apud Lenormant, ob. cit. pag. 39.

a sua formação e para receberem a alma. ⁽¹⁾ O demiurgo entre os Egypcios era Khnum, representado em alguns monumentos da antiguidade no acto de amassar o barro para fabricar o homem.

A tradição da formação do homem de barro aproxima-se das precedentes, particularmente da chaldaica e da jehovista. Ha mais a notar que o «verbo *yaçar*, de que se serve o texto biblico para designar esta formação do homem e dos animaes, segundo affirma Lenormant ⁽²⁾, é propriamente o que define a operação do oleiro moldando o barro, apertando-o entre os dedos.»

Esta tradição tambem foi conhecida dos Gregos. Prometheu moldou o homem em barro, na origem das cousas, segundo Ovidio nas *Metamorphoses*, ou depois do diluvio, segundo outros auctores. Mas Prometheu, que nos apparece aqui como um demiurgo subalterno, não é nas principaes tradições da Grecia o auctor do homem, mas o que o animou com o fogo que foi roubar ao céo, merecendo por este facto a perseguição dos deuses que o prenderam no monte Caucaso, onde um abutre lhe roía as entranhas. Lenormant crê, que aquella tradição do Prometheu, que fórma de barro o primeiro homem, foi «o producto de uma introdução de ideias estrangeiras» porque não se encontram vestigios d'ella senão na epoca romana, em que teve grande popularidade, che-

(1) Lenormant, ob. cit. p. 39.

(2) Idem 43 nota.

gando a ser traçada nos sarcophagos. ⁽¹⁾ Os Gregos são de raça árica e portanto a corrente tradicional é diversa da dos povos egypcio, chaldéo, assyrio e hebreu.

IV

Para os povos da raça árica o homem em vez de nascer do limo ou lodo marinho, ou de ser formado de poeira da terra, ou de barro, é filho dos troncos das arvores ⁽²⁾, como se vê nos *Vedas* da India e entre os Iranianos da Persia e da Bactriana.

N'uma cosmogonia escripta em lingua pehlevia e intitulada *Bundéhesch*, cuja redacção é posterior á conquista da Persia pelos Arabes, mas cujo character indigena é reconhecido pelos criticos mais competentes, conta-se que Ahuramazdâ, o deus grande e bom, terminou a creação por Gayômaretan, o homem modelo, e o touro modelo, que viveram durante 3:000 annos n'um estado beatifico, até que o espirito mau, Angrô-mainyus matou primeiro o touro e trinta annos depois o homem. A semente de Gayômaretan,

⁽¹⁾ Idem 47-48.

⁽²⁾ Tambem os Lemi Lenape dizem que Manitu, que no principio nadava sobre as aguas, depois de fazer a terra de um grão de areia, tirou do tronco de uma arvore o homem e a mulher. (Muller, *Gesch. d. Amer. Ur-relig.* 107, Lubbock, ob. cit. 375.)

espalhada sobre a terra no momento da morte, produziu passados quarenta annos uma planta de *reivas*, que é empregada como alimento pelos Iranianos. A haste d'esta planta formava dois corpos de sexo differente, unidos um ao outro pela parte posterior. Ahuramazdâ dividiu-os e dando-lhes movimento creou Maschya e Maschyâna, os progenitores da humanidade ⁽¹⁾.

Nos *Eddas* refere-se que Odin e seus irmãos Hoenir e Lodur encontraram n'um caminho dois troncos de arvore, um freixo e um amieiro, e deram-lhe: o primeiro, a vida; a intelligencia, o segundo, e o sangue e a bella apparencia, o terceiro; assim formaram os deuses o primeiro homem e a primeira mulher, segundo a mythologia scandinava.

Nas mais velhas tradições gregas os homens haviam saído dos troncos dos carvalhos; entre os italiótas era vulgar a mesma tradição, que ainda se acha em Virgilio, quando diz:

Tum rex Evandrus, romanæ conditor arcis:
Hæc nemora indigenæ fauni nymphæque tenebant,
Gensque virûm truncis et duro robore nata,
Quois neque mos, neque cultus erat, nec jungere tauros,
Aut componere opes nôrant, aut parcere parto;
Sed rami, atque asper victu venatus alebat.

(*Æneida* VIII, v. 313-318.)

Tambem entre os Germanos, segundo J.

(1) Lenormant, ob. cit. 51-2.

Grimm, existia esta tradição, commum a todos os povos da raça árica.

De tudo quanto deixamos dito conclue-se que nas mais antigas civilisações orientaes, entre os Egypcios, os Chaldeos, os Hebreus e os Phenicios, era commum a mesma tradição da origem do mundo e do homem, tradição que veio até nós sob uma fôrma mais primitiva nas cosmogonias egypcias, chaldaica e phenicia e mais modificada nas duas variantes do texto biblico; o homem, formado da poeira do solo, ou de terra amassada com sangue divino, é, nas tradições mais antigas, ou mais desenvolvidas, germinado no limo, ou derivado de seres inferiores gerados em putrefacções aquosas. Enquanto as cosmogonias kuschitas e semitas dão esta origem ao homem primitivo, as tradições áricas fazem-no sahir dos troncos das arvores. Estas duas correntes tradicionaes vieram a misturar-se na Grecia sob o dominio romano, quando se deu o syncretismo de que havia de sair uma nova religião—o Christianismo—formada de elementos tradicionaes áricos e semitas, combinados com a moral dos philosophos gregos.

Uma outra tradição, de que se encontram vestigios entre muitos povos da antiguidade sem distincção de raça, é a do hermaphroditismo primordial. O primeiro sêr foi androgyno, como se deduz do versiculo 27, primeiro capitulo, do *Genesis*: «Élohîm creou o homem á sua imagem; á imagem de Élohîm elle o creou; macho e femea os creou;» o que se repete e confirma no capitulo

quinto (tambem redacção elohista): «No dia em que Élohîm creou o homem, fel-o á semelhança d'Élohîm;

«2. Macho e femêa ellê os creou e os abençoou e os nomeou de seu nome Adâm no dia em que foram creados.» No capitulo segundo, redacção jehovista, versiculos 21 e 22, Yahveh Élohîm fórma a mulher de um lado do homem, o que confirma aquella opinião sobre a redacção elohista da Biblia. Na cosmogonia da Chaldêa, do extracto de Beroso, vimos entre os monstros que povoavam o cahos homens «com duas faces, com duas cabeças, uma de homem e outra de mulher, sobre um corpo só, e com os dois sexos a um tempo.» Ahuramazdâ, no livro do *Bundehesch*, como deixamos já mencionado, sepára Maschya e Maschyâno, primitivamente unidos um ao outro. No *Çatapatha Brahmana*, da India, tambem se encontra a tradição de que o primeiro ser era hermaphrodito, tendo duas faces, separadas depois pelo poder creador. ⁽¹⁾

V

Esta unidade fundamental das tradições cosmogonicas de todos os povos da antiguidade, prova, emquanto a nós, a transmissão successiva

(1) Muir, *Sanskrit texts*, t. 1, 25, apud Lenormant, ob. cit. pag. 52.

de geração em geração de phenomenos naturaes que deixaram uma impressão profunda nos cerebros humanos. As confusas e extraordinarias cosmogonias e theogonias são um producto do syncretismo das primitivas tradições da humanidade, cuja significação natural se perdeu com o andar dos seculos, vindo mais tarde a formarem os vastos systemas das origens das cousas e dos deuses. Quanto mais antiga é a tradição escripta que se conhece, no original ou em traducção, tanto mais profundo é o seu character naturalista. O Yahveh Élohîm era na sua origem, como muito bem o provou o dr. Kuenen, um deus da luz ou do sol; era um fetiche, que pouco a pouco perdeu a materialidade até que se tornou o deus uno e espirital de Israel. O fetichismo grosseiro está verdadeiramente mais proximo da realidade do que as religiões superiores e metaphysicas, em que se converte.

A criação ou a origem da humanidade tornou-se para os homens de sciencia um problema insolvel; as Cosmogonias e Theogonias perderam o character sagrado que lhes dava a revelação divina, porque o methodo positivo, a observação e a experiencia, é o unico meio de se chegar ao conhecimento da verdade. As sciencias desenvolveram-se nos ultimos tempos de um modo assombroso, as descobertas archeologicas e paleontologicas succedem-se sem cessar, a embryologia constituiu-se em sciencia, mas apesar de tudo, com rigor scientifico, nada se pôde assentar de positivo sobre a origem do homem. Comtudo a

admiravel theoria de Darwin, levada por Hæckel ás suas ultimas consequencias, basea-se em dados positivos e é uma hypothese scientifica, que não tem ainda contra si nenhuma objecção séria, e cujos argumentos favoraveis augmentam diariamente. Falta-lhe, porém, a comprovação por meio de factos experimentaes no campo do transformismo e da selecção natural, factos impossiveis talvez de se obterem por falta de um factor indispensavel e essencial—o tempo.

Uma observação interessante e que não póde passar desapercibida é a notavel concordancia das tradições cosmogonicas com a bella genealogia humana estabelecida hypotheticamente por Hæckel ⁽¹⁾, com o apoio da anathomia comparada, da embryologia e da paleontologia. Segundo a theoria genealogica do sabio allemão, alguns elementos de carbone, de oxygenio, de hydrogenio e de azoto encontraram-se na época laurenciana em condições de produzirem as primeiras cellulas vivas. O meio em que se produziram, chamado *protoplasma*, era uma especie de limo ou de putrefacção aquosa. As cellulas segmentaram-se, multiplicaram-se, aggregaram-se e começaram a formar órgãos e animaes vertebrados, nos quaes se distinguiram successivamente a espinhal medula, a *chorda dorsalis*, o cerebro, o craneo, os membros, as mandibulas, etc., e foram-se adaptando á vida terrestre até

(1) *Histoire de la création des êtres organisés d'après les lois naturelles.* tr. fr. Paris 1874.

que no periodo miocene surge o anthropoide e depois o homem-macaco que se elevou pelo desenvolvimento da linguagem, e por consequente do cerebro, á especie verdadeira de *homo*, no periodo pliocene, quando já fabricava instrumentos e utensilios rudimentares de silex, osso e barro. Esta theoria do transformismo desenvolvida por Hæckel, fundada por Lamarck, Darwin e Wallace, bosquejada anteriormente por Maillet e Robinet, e prevista por Diderot, por Charles Bonnet, e mesmo em tempos antigos por Epicuro, encontra-se na verdade applicada na cosmogonia phenicia, onde se lê que do «lodo saíu toda a semente de criação e a geração de todas as cousas,» e que «havia ahí seres vivos privados de sentimentos, dos quaes nasceram os seres intelligentes...» Como vimos, as demais cosmogonias approximam-se d'esta, que é talvez a mais primitiva.

III

ORIGENS DA FAMÍLIA

I

No corrente século tomou grande incremento o estudo das sciencias naturaes; a Physica, a Chimica e a Biologia desenvolveram-se de um modo extraordinario e fundou-se a Sociologia; esta mesma, de todas a mais atrasada e a ultima que se constituiu, tem feito grandes progressos nos ultimos annos, subdividindo-se em innumerous ramos, ou sciencias concretas, taes como: a sciencia das religiões, a mythographia, a glottica, a ethnologia, o direito, etc. Os estudos prehistoricos, mais do que quaesquer outros chamam a attenção dos sociologistas e concorrem para a definitiva constituição da sciencia social, porque n'essas épocas remotas e quasi desconhecidas tiveram origem a maior parte dos phenomenos staticos da humanidade.

A família é incontestavelmente, e com toda a razão, um dos phenomenos que mais têm attractado os que se dedicam ao estudo da Sociologia, porque a família está para a sociedade como a cellula para o organismo. Será tambem essa cellula social o objecto de este nosso ensaio sociologico.

Como do aggregado de cellulas se fórma o tecido, e da junção de tecidos o individuo; assim a reunião de familias produz a cidade ou a communa, e a liga de cidades ou communes origina a nação. Na família, portanto, deve começar o dominio da Sociologia, como era a opinião de Augusto Comte ⁽¹⁾: «Um systema qualquer devendo ser por força formado de elementos que lhe sejam essencialmente homogeneos, não permite o espirito scientifico considerar a sociedade como sendo na realidade composta de individuos. A verdadeira unidade social consiste de certo na família unicamente, pelo menos reduzida ao par elementar que é a sua base principal.»

Nos phenomenos sociaes tanto como nos phenomenos physicos dá-se o mesmo principio, hoje geralmente admittido, da equivalencia e transformação das forças. E' da família que partem todas as modificações sociaes, do mesmo modo que ella encontra a origem das suas modificações nos phenomenos biologicos. Todos os factos estão sujeitos a uma continua metamorphose; essa meta-

(1) *Cours de philosophie positive*, iv. pag. 398.

morphose, fructo dos sentimentos dos homens, dá-se pela oscillação do movimento social entre dois polos—*Ordem* e *Progresso*, ou forças staticas e forças dynamicas.

A familia é um phenomeno statico das sociedades, e portanto um elemento de *ordem*, sujeito contudo aos phenomenos dynamicos de transformação. A organização da familia foi talvez o maior passo dado pela humanidade no caminho do progresso. A vida do homem primitivo é completamente desconhecida, e mesmo das primitivas sociedades mal podemos formar uma ideia pelos rudes monumentos d'essas épocas que, modernamente descobertos, têm dado occasião a brilhantes estudos dos paleontologistas e archeologos contemporaneos. Mas esses monumentos não nos dão noções algumas sobre a vida ou constituição da familia nos tempos prehistoricos. Ora, sendo os unicos conhecimentos reaes, segundo Bacon e a escóla positivista que seguimos, os que se baseam sobre factos observados, precisamos para estudar scientificamente o phenomeno *familia* de factos positivos sobre que possamos exercer a nossa observação.

Onde encontraremos esses factos para o estudo da familia nos tempos prehistoricos?

Temos:

1.º As relações e as noticias de muitos viajantes europeus e americanos que têm percorrido o interior da Africa, da America e da Australia, encontrado e permanecido entre raças completamente selvagens, n'um estado material e

intellectual inteiramente primitivo e rudimentar. Só com muita prudencia nos devemos servir d'estes documentos historicos, porque os phenomenos sociologicos estão sujeitos pela complexidade dos seus factores a variarem conforme o meio e a época em que succedem; mas como essa complexidade é muito menor entre povos atrazados; pelo menor numero das suas necessidades materiaes e intellectuaes, do que entre povos civilisados, cujos modificadores cosmicos e sociaes augmentam em proporção do seu adiantamento industrial e scientifico, e como além d'isso vemos pequenas variantes entre povos selvagens de differentes raças e sob diversos climas, estando esses povos no mesmo gráu de atrazo, podemos mais afoutamente generalisar esse estado social comparando-o ao estado das sociedades prehistoricas.

2.º Os monumentos litterarios, historicos e juridicos dos povos da antiguidade, onde se encontram vestigios dos costumes primitivos. No Mahabharata, na Iliada, na Biblia, em Herodoto, em Strabão, em Diodoro da Sicilia, em Plutarco, em Cesar, em Tacito, no direito romano, nas tradições e nos symbolos, etc., encontram-se verdadeiros documentos dos usos e costumes dos povos prehistoricos. O que pelo decorrer do tempo e pela evolução da sociedade se tornou desnecessario ou foi substituido, não desapparece de todo, antes se transforma, ou continua a viver como formula supersticiosa, e muitas vezes indispensavel para a validação de um acto, perdendo

não poucas vezes a significação primitiva. Por este motivo encontramos nos monumentos litterarios, historicos, juridicos e tradicionaes dos Egyptios, dos Aryas, dos Hebreus, dos Phenicios, dos Gregos, dos Romanos, e até mesmo entre os povos modernos, valiosos documentos das épocas prehistoricas.

3.º A analyse psychologica da concepção humana sobre as relações de parentesco.

Muitos e importantes trabalhos se têm publicado nos ultimos annos sobre a constituição da familia entre os povos primitivos; Mac Lennan, Bachofen, John Lubbock, Tylor, Giraud-Teulon e muitos outros têm concorrido com os seus importantes escriptos para se formar, talvez n'um futuro proximo, a historia evolutiva e real da familia através dos seculos, e particularmente nas épocas prehistoricas. Não pretendemos com este nosso estudo trazer novos documentos para a historia da familia; o nosso fim é apenas procurar uma comprovação psychologica relativa a uma parte da evolução d'este phenomeno statico, evolução deduzida dos documentos já colligidos e avaliados por eruditos sociologistas.

A familia, no sentido em que a empregamos, e no sentido que ella teve entre os povos da antiguidade, não póde ser limitada ao par elementar a que se refere Comte no paragrapho que deixamos citado. Enquanto a nós a familia comprehende dois ou mais individuos unidos pelos laços de sangue ou da adopção, quer seja mãe e filhos, quer marido e mulheres (polygamia), quer ainda,

no seu sentido mais lato, pae, mulher, filhos, clientes e escravos (familia romana).

Bosquejemos, pois, a largos traços a historia evolutiva da familia conforme a deduzimos do estado actual de muitos povos selvagens e dos monumentos litterarios e historicos da antiguidade.

II

Da vida primitiva do homem temos talvez um exemplo nos selvagens que Dalton encontrou no interior de Bornéo, os quaes «não se associam uns com outros, mas erram nos bosques como animaes ferozes; o homem arrebatava uma mulher e une-se com ella na floresta. Quando os filhos podem procurar por si o sustento, o homem e a mulher separam-se ordinariamente sem pensarem mais um no outro ⁽¹⁾.» Succede o mesmo facto nas ilhas de Andaman e entre outros povos selvagens. N'esta primitiva época o homem pouco differe dos animaes inferiores, é por assim dizer uma transicção dos anthropomorphos para o genero *homo*, mesmo, segundo Büchner, essa passagem organização da familia é mais grosseira do que a dos outros animaes.

(1) Moor, *Notices of the Indian Archipelago*, pag. 49 apud Lubbock *Les origines de la civilisation*, pag. 9. Vide tambem Büchner *L'homme selon la science*, note 68 pag. 292.

O primeiro estado do homem, a que verdadeiramente se póde chamar social, foi segundo Lubbock, Mac Lennan, Bachofen e outros, a communidade das mulheres ou *hetairismo*. Ainda hoje se encontram exemplos de *hetairismo* nas raças selvagens, como os Todas das collinas do Nilgherry, os Tottiyars da India, os Galactophages, os Sioux, etc. Entre os primeiros unindo-se um homem a uma mulher torna-se marido de todas as irmãs d'ella, desde que chegam a idade de se casarem; egualmente ella pertence a todos os irmãos de seu marido ⁽¹⁾. A communidade de mulheres existia entre os Agathyrses, segundo Herodoto; entre os Troglodytas nomados, segundo Diodoro e Strabão; entre os Garamantes, segundo Aristoteles e entre os Limyrnianos, segundo Nicolau de Damas ⁽²⁾. Segundo Cesar entre os Bretões tambem existia a communidade das mulheres, principalmente entre os irmãos, os paes e os filhos ⁽³⁾.

O casamento individual substituiu, pouco a pouco, a communidade das mulheres, quando as tribus já organisadas se guerreavam. Os vencedores assassinavam quasi sempre os vencidos, principalmente os do sexo masculino; a captiva

(1) Lubbock. Obra citada, pag. 85. Veja-se H. Spenser, *Principes de Sociologie*, vol. II, 3.^ome partie.

(2) Alf. Maury *La terre et l'homme*, pag. 608.

(3) *Commentarii de bello gallico* l. v, cap. xiv: «Uxores habent deni duodenique inter se communes et maxime fratres cum fratribus parentesque cum liberis.»

de guerra tornava-se escrava do captor a quem inteiramente pertencia; a tribo não tinha direitos sobre ella. «E' evidente, diz Lubbock, que mesmo na época da communidade das mulheres, um guerreiro que apreciava uma mulher em qualquer expedição, devia reclamá-la só para si, e, se era possível, infringir o costume existente (1).»

Ainda então não tinham cerimonia alguma para o casamento, nem sequer o nome. N'este caso estavam os Massagetæ e os Auses segundo Herodoto, os Garamantes segundo Strabão, e ainda hoje vemos os Badagas, os Kurumbas, os Keriahs, os Indios da California e muitas outras tribus contemporaneas, da Australia, da Africa e da Asia (2). Muitas vezes e entre muitos povos é brutal a fórma do rapto. O homem, encontrando a mulher longe dos seus, começa por entontecel-a com um golpe de *duak*, e arrasta-a em seguida pelos cabellos até certa distancia; espera então que ella volte a si e obriga-a a segui-lo para a sua tribo; na Australia é muito louvavel esta acção (3). Quer Mac Lennan na sua obra *Primitive marriage* que o casamento por captura pro-

(1) Ob. cit. pag. 93.

(2) *Trans. Ethn. Soc.* vol. vi, pag. 25; vii pag. 276. Bagaert *Smithsonian Report*, 1863, pag. 368; 1866, pag. 326; apud Lubbock, ob. cit. pag. 76, e Büchner *L'homme selon la science*, note 68, pag. 292.

(3) Eyre, *Discoveries*, Oldfield, *Tr. Ethn. Soc.* vol. iii, pag. 250, Collins, *English Col. in New South Wales*, 362, apud Letourneau, *La Sociologie* pag. 313.

viesse da exogamia; parece-nos, porém, mais provavel a opinião de Lubbock que diz que pelo contrario a exogamia foi a consequencia da longa prática do casamento por captura, prática que mais tarde se considerou como um preliminar indispensavel, como vemos na Grecia e em Roma. Talvez n'este facto se deva filiar a legenda romana do rapto das Sabinas. Em Sparta, segundo vemos em Plutarco, o noivo rouba ordinariamente a mulher á força ⁽¹⁾, e em Roma ella é arrebatada e passa *sem tocar com os pés o limiar da porta conjugal* ⁽²⁾, o que, bem como em Sparta, não é mais do que um symbolo do antigo costume. Ainda entre nós se conserva, bem que em decadencia, o costume de passarem os noivos a *lua de mel* distantes das familias, o que decerto deriva da mesma fonte.

Diz-nos Carver ⁽³⁾ que, entre os Indios do Canadá, apenas o chefe pronuncia a fórmula consagrando o casamento «o marido volta-se, abaixa-se, toma a mulher ás costas e leva-a assim até á sua tenda no meio das acclamações dos espectadores.» Existe um costume identico na Abyssinia. Segundo Smith, as mulheres Araucanianas levantam-se em massa e defendem a noiva com páus, pedras e toda a especie de armas que têm á mão, e ella propria deve resistir e

(1) Lubbock, ob. cit. pag. 95, 109.

(2) Michelet *Histoire Romaine*, vol. 1 pag. 101.

(3) *Travels*, pag. 374, apud Lubbock, ob. cit. pag. 79.

luctar, ainda que tenha muito desejo de dar o seu consentimento ⁽¹⁾. Entre os Arabes Beduinos a noiva é constrangida a entrar na tenda do esposo. Entre os Beduinos do Sinai a mulher defende-se ás pedradas, e depois de raptada foge de noite e esconde-se nas montanhas, onde o marido a vae procurar; só depois de a encontrar é que elle a possui legitimamente ⁽²⁾. Os Hebreus que prohibiam severamente a união com os Gentios, reconheciam e adoptavam o casamento com as mulheres tomadas na guerra, e no Deutoronomo encontra-se regulada esta fôrma de casamento; exercia-se mesmo o rapto de tribu para tribu como vemos pela tradição conservada no livro dos juizes ⁽³⁾. Está ainda em vigor a exogamia entre muitos povos selvagens da America, da Nova Zelandia, das ilhas do Pacifico, etc. Ha bastantes provas para nos convencerem de que a origem do casamento não foi o affecto ou sympathia mutua, nem considerações de especie alguma; mas a força bruta e a submissão forçada ⁽⁴⁾.

Os direitos da communidade bastantes vezes tinham de ser reconhecidos antes da mulher per-

⁽¹⁾ H. Spencer, *Principes de Sociologie* vol. II, pag. 242.

⁽²⁾ Lesigne, *La famille dans le passé. La philosophie positive* revue, vol. XX, pag. 389 e 390.

⁽³⁾ Idem, pag. 391.

⁽⁴⁾ Lubbock, ob. cit. pag. 93, e seg. Mac Lennan, ob. cit. H. Spencer, ob. cit. § 288 e Letourneau *La Sociologie*, liv. IV, cap. I.

tencer exclusivamente a um individuo, como acontecia na Babylonia onde antes do casamento devia offerecer-se ao publico, uma vez pelo menos, no templo de Venus ⁽¹⁾. Este costumê parece ter existido tambem na America, na ilha de Chypre, entre algumas tribus da Ethiopia, em Carthago e em varias partes da Grecia ⁽²⁾. Nas ilhas Baleares, em Maiorca e Minorca, e em Iviça, segundo Diodoro da Sicilia, a noiva pertencia na primeira noite a todos os hospedes presentes.

A mulher na tribu era livre como o homem; desde que se ligava a um marido tornava-se escrava d'elle. D'aqui provém naturalmente a grande consideração de que gozavam na Grecia e n'outros paizes as *hetairas*, mulheres de elevada illustração, em cujas casas se juntavam as notabilidades da época, os legisladores, os poetas, os historiadores e os oradores de mais nomeada. Eram na realidade esposas ideaes, emquanto as legitimas eram esposas materiaes e verdadeiras escravas. Na India ainda muito recentemente, as cortezãs eram as unicas mulheres que recebiam alguma educação ⁽³⁾. Restos inconscientes dos costumes primitivos!

(1) Herodoto, *Celio* pag. 199 apud Lubbock ob. cit. pag. 114.

(2) Strabão, liv. II, Dulauro *Hist. abregée des diff. cultes*, apud Lubbock, ob. cit. pag. 114.

(3) Dubois. *Le Peuple de l'Inde*, pag. 217, 402; Lubbock, ob. cit. pag. 120.

Entre os Australianos, os Fidgios e diversas tribus negras da Africa a esposa é considerada propriedade absoluta do marido, que póde dispor d'ella como lhe aprouver, dal-a, vendel-a, emprestal-a, etc. Entre os Arabes do deserto e outros povos a mulher fazia parte da herança do defunto. Estava em uso entre os Cathranos da India, segundo Strabão, as mulheres serem immoladas sobre o tumulo do marido. Este costume prolongou-se até nossos dias na costa do Malabar, onde as esposas eram queimadas sobre o corpo do defunto ⁽¹⁾. As auctoridades inglezas nas collonias da India é que têm procurado destruir este uso selvagem.

Em muitas tribus selvagens encontra-se um outro costume, que Mac Lennan considera como uma das phases porque tem forçosamente passado a humanidade; referimo-nos á polyandria, vulgar entre os habitantes do Thibet, Cachemir e Himalaya, os Todas, os Coorgs, os Noirs, os Koryaks, os Cosacos Saporagianos, etc. Mac Lennan cita tambem os antigos Bretões, alguns cantões da Media, Pictos e Getos. Segundo Shortt entre os Todas está em vigor a communidade de mulheres, e tambem o esteve entre os Bretões, como vemos pelos *Commentarios* de Cesar já por nós citados. A polyandria provém evidentemente da falta de mulheres, resultado talvez da prática frequente do infanticidio, e portanto deve ser considerada como um phenomeno excepcional e

(1) Alf. Maury, *La terre et l'homme*, pag. 610-6.

não como uma phase necessaria da evolução da familia. Talvez se possa avançar o mesmo com relação á endogamia ou casamento dentro da tribu, em prática entre os Kocchs, os Kalangs de Java, os Tartaros Mantchus, etc. (1)

III

Emquanto ás relações dos filhos para com os paes, Lubbock chega ás seguintes conclusões: «primeiro só se considera a creança como parente da tribu; depois de sua mãe e não de seu pae; mais tarde de seu pae e não de sua mãe; e enfim de seu pae e de sua mãe (2).» Esta evolução do parentesco filial é verdadeira; só muito tarde e já sob o Christianismo se deu realmente a ultima phase. Ainda entre os Romanos a mulher era considerada irmã de seus filhos.

Nas Eumenides do Eschylo, o grande tragico grego, diz Apollo defendendo Orestes: «E' o pae que gera; a mãe não é senão a depositaria do germen da vida»; e tambem Minerva: «Sou inteiramente pela causa do pae.» Mas na Grecia tambem se encontram vestigios do parentesco

(1) Veja-se H. Spencer, ob. cit. 3.^{me} partie, cap. iv e vi.

(2) Ob. cit. pag. 70.

pela mãe e não pelo pae; segundo Cornelius Nepos ⁽¹⁾ existia em Athenas uma lei pela qual era permittido o casamento com a irmã consanguínea e não com a irmã uterina; Montesquieu observa que este uso era dos primeiros tempos e acrescenta: «Tambem Abrahám diz de Sara: *Ella é minha irmã, filha de meu pae e não de minha mãe.*»

Entre os Hawaios, indigenas das ilhas Sandwich, os paes e os tios têm o mesmo gráu de parentesco para com os filhos; na realidade as creanças são apenas parentes da tribu ⁽²⁾.

Na India entre os Nairs, segundo Buchanan, «ninguem conhece seu pae, e cada homem considera os filhos de sua irmã como seus herdeiros.» Na Guiné quando morre um homem rico, os seus bens passam aos filhos de sua irmã. A lei sobre as heranças, entre as tribus do oeste da Africa, segundo Paul du Chaillu, estabelece que o irmão mais proximo é o herdeiro do mais velho e na falta de irmãos o herdeiro é o sobrinho. A auctoridade sobre a tribu ou sobre a familia segue a mesma lei. Affirmaram a este viajante que os Bakalais são o unico povo onde o filho herda os bens paternos. Entre todas as tribus os sobrinhos herdam as mulheres dos tios «e mesmo entre os Bakalais o filho herda as mulheres de seu

(1) *In prefat.*—Montesquieu *De l'esprit des lois* liv. v, cap. v.

(2) Lubbock, ob. cit. pag. 81.

pae, excepto sua propria mãe» (1). Os Lycios, segundo Herodoto, usavam o nome de sua mãe, e não o de seu pae, e traçavam a sua genealogia na linha feminina. Entre os Bantares de Tulava, os povos do Malabar, os Battas de Sumatra, os Kenaiyers da ilha de Cook, os Kutchin, etc. existem costumes identicos (2). Entre os Germanos, segundo Tacito (3), os filhos gosam de tanto affecto dos tios maternos como dos proprios paes; este parentesco tem para elles vinculos mais fortes do que outro qualquer; por isso eram escolhidos para refens.

No Egypto vemos em pratica a polygamia, e muito vulgarisado o casamento entre irmãos e primos, costume que teve a sua origem na comunidade primitiva. Muitas são as causas que concorreram para o desenvolvimento da polygamia, principalmente as relações entre marido e mulher, onde não apparecia o menor vislumbre de affecto conjugal, e o clima; em todas as regiões tropicaes a mulher fica nubil muito cedo, e tambem muito cedo começa a decair, enquanto o homem conserva por largo tempo todo o seu

(1) *Annales des voyages* 1868, I, *Ethnologie de l'Afrique equatoriale occidentale*, pag. 317 e seg.

(2) Lubbock, ob. cit. pag. 80, 138, 139, etc.—Alf. Maury *La terre et l'homme* pag. 615.

(3) *De moribus Germanorum* xx: Sororum filiis idem apud avunculum, qui apud patrem honor. Quidam sanctionem aretiores hunc nexum sanguinis arbitrantur, et in accipiendis obsidibus magis exigunt; tamquam ii, et animum firmitus, et domum latius teneant.

vigor. Assim não podemos admirar-nos, como diz Lubbock, «que todo o homem, que o póde fazer, tome um certo numero de favoritas, ainda mesmo quando a primeira mulher fique sendo não só o chefe nominal da casa, mas tambem a confidente e conselheira do marido (1).»

Na India, como se vê dos hymnos vedicos, tambem estava em uso a polygamia, pelo menos entre os chefes. A mulher era considerada antes de tudo, como a fonte de uma descendencia numerosa, de filhos vigorosos que fossem o apoio da familia e a força da tribu (2). A lei impõe a um irmão a obrigação de dar posteridade a seu irmão no caso d'este a não ter (3). A mulher goza d'uma certa consideração: «Não bataes n'uma mulher, ainda que tenha commettido cem faltas, nem mesmo com uma flôr (4).» Mas lá diz tambem: «Que ella não entre no leito. . . sem saudar respeitosamente os pés de seu marido (5).» Euripe-

(1) Ob. cit. pag. 131.

(2) Lenormant, *Hist. anc. de l'Orient* III, pag. 453.

(3) Michelet, *Orig. du droit français*, pag. 51.

(4) *Digest of Hindu law* II, 209, Michelet, *Orig.* pag. 15.

(5) Idem II, 1, 35, Michelet, idem, pag. 18. Lê-se no *Padma-Purana*: «Uma mulher é feita para obedecer em toda a idade: filha, deve submeter-se ao pae e á mãe; casada, a seu marido, sogro e sogra; viuva a seus filhos. Em tempo algum da vida é senhora de si.» E nas leis de Manú: «Durante a sua infancia a mulher deve depender de seu pae; na mocidade, de seu marido; morto este, de seus filhos; se não tem filhos, de seus parentes mais proximos; se os não tem, do soberano; a mulher não deve ser nunca senhora da sua vontade.»

des repete frequentes vezes que um homem não deve ter muitas mulheres.

Parece por uma passagem dos *Commentarios* de Cesar que entre os Gaulezes tambem esteve em uso a polygamia, pelo menos entre os chefes ⁽¹⁾. A lei judaica tambem nunca prohibiu formalmente a polygamia, auctorisada pelo exemplo dos patriarchas ⁽²⁾.

Na Lacedemonia e em geral em toda a Grecia o fim principal do casamento era a descendencia, a perpetuidade de raça; a consideração do homem crescia na proporção do numero de seus filhos. Em Sparta os laços de familia deviam ser bem frouxos; os homens, segundo as leis de Lycurgo, dormiam ao ar livre uns com outros, e só a occultas se podiam encontrar com suas mulheres, sob pena de serem apupados; os filhos eram educados em commun e estavam a cargo da cidade; os mais debeis e os disformes eram abandonados ou mortos. Em Athenas a mulher era considerada como um sêr util, mas insignificante, era principalmente um objecto de volupia. O que era a mulher na Grecia ⁽³⁾ sabe-

(1) Liv. vi, cap. xix: «Viri in uxoris, sicut in liberos vitae necisque habent potestatem: et quum pater familiae, illustriori loco natus, decessit, ejus propinqui conveniunt, et, de morte si res in suspicionem venit, de uxoribus in servilem modum questionem habent, et, si compertum est, igni atque omnibus tormentis exeruciatas interficiunt.»

(2) Lenormant, *Orig. de l'histoire* pag. 185.

(3) A condição da mulher na Grecia moderna, como

mol-o pelos monumentos litterarios que chegaram até nós. O que era, por exemplo, a formosa Helena dos cantos homericos? N'estes mesmos poemas vemos tambem descriptos os costumes domesticos; no IV canto da Iliada o brilhante trecho do adeus de Heitor e Andromacha mostra porventura o verdadeiro amor conjugal? e na Odyssêa os numerosos pretendentes de Penelope buscam por acaso agradar-lhe por qualquer maneira? Na Grecia a mulher não gozava da elevada consideração de mãe de familia. Toda a consideração cabia ás *hetairas*, ás cortezãs illustradas.

A familia entre os Romanos comprehendia mulher, filhos, clientes e escravos. Desde que a mulher cae *in manum viri*, desde que passa a porta conjugal sem tocar com os pés no limiar, torna-se escrava do marido que pôde matal-a pela minima cousa, como por exemplo: por ter bebido vinho. Assim o fez Egnatius Metellus. O nome de *pater* não designa de modo algum affecto ou amor, designa só auctoridade absoluta. O pae pôde bater na mulher, nos filhos, nos escravos, pôde matal-os ou vendel-os. O filho pôde ser vendido por seu pae tres vezes; por maior

affirma Ampère, approxima-se ainda muito da sua condição nos tempos antigos; como então ainda agora raras vezes sac de casa, seguindo aquelle preceito de Euripides: «O que uma mulher pode fazer de melhor é conservar-se no interior de sua casa.» Veja-se *La Grèce, Rome et Dante* pag. 76 e seg.

que seja o seu poder, por mais brilhante que seja a sua posição, sempre está sujeito ao poder paterno. Ainda nos fins da republica um senador cúmplice de Catilina foi perseguido e morto por ordem de seu pae. Diz Lesigne no seu estudo sobre a *Familia no passado* ⁽¹⁾: «Os chefes de familia entre os Romanos e os Gregos, nossos antepassados da civilisação, eram realmente proprietarios, proprietarios das esposas, proprietarios dos filhos, e isto sem restricção alguma, com o direito de vida e de morte.» Mas ainda assim em Roma a mulher é *matrona, mater familias*, e occupa um logar mais elevado do que entre os Gregos ⁽²⁾.

No antigo direito romano encontra-se a dualidade de formulas para o casamento (*confarreatio* e *cœemptio*) e para a propriedade (*res Mancipi* e *res nec Mancipi*); do mesmo modo ha a dualidade de parentescos—por agnação e por cognação, distincção que mais tarde «desapparece no direito commun de todas as nações ⁽³⁾.» Os agnates são os parentes pela parte masculina, isto é, o parentesco termina sempre na mulher, *Mulier est finis familia*; os parentes, os ascendentes da mulher não são parentes dos filhos, dos descendentes d'ella. Os cognates são os parentes como hoje os comprehendemos, tanto da linha masculina, como da feminina.

(1) *La philosophie positive*, revue, vol. xx, pag. 387.

(2) Michelet, *Hist. Romaine*, vol. I pag. 101 e *Orig. du droit français*, pag. 20.

(3) Maine, *L'ancien droit*, pag. 58.

Os Germanos foram os que trouxeram os novos costumes que mais tarde com o Christianismo se estenderam a todas as provincias do imperio. Os Germanos tinham as mulheres em grande consideração, viam n'ellas alguma cousa de santo; consultavam-as e tinham-as por companheiras dedicadas na paz e na guerra. Entre os Allemães e os Bavaros a injuria feita a sua mulher era avaliada no duplo, porque *a mulher não póde defender-se pelas armas*; entre os Lombardos *o que impede a passagem* a um homem paga 20 soldos, a uma mulher 900, isto é, 45 vezes mais ⁽¹⁾. Nas leis dos Francos e dos Visigodos a mulher avalia-se pela sua fecundidade. Na lei de Galles não póde servir de testemunha contra um homem «porque a mulher é apenas o terço do homem; ora um terço não é crível contra dois terços.» Entre os Brehons da Irlanda a mulher tambem vale só o terço de um homem ⁽²⁾. Em geral os Germanos eram monogamos; alguns porém, ainda que raros e talvez só os chefes, possuíam mais de uma mulher ⁽³⁾. Foram elles que ajudados pelo Christianismo e ainda depois pelos

(1) Grimm, *Antiquidades do direito allemão*, pag. 404-6 apud Michelet, *Orig. du dr. fr.* pag. 23.

(2) Michelet, *Orig. du dr. fr.* pag. 22.

(3) Tacito, *De moribus germanorum*: Inesse quintiam sanctum aliquid, et providum putant: nec aut consilia earum aspernantur, aut responsa negligunt. (c. viii)

Nam prope soli barbarorum singulis uxoribus contenti sunt, exceptis admodum paucis, qui non libidine, sed ob nobilitatem, plurimis nuptiis ambiuntur. (c. xviii)

Arabes elevaram a mulher ao estado a que chegou na idade media. Os filhos eram herdeiros e successores dos paes e faziam parte da familia até que a tribu lhes permittia o uso de armas, isto é, até que chegavam á maioridade (*ante hoc domus pars videntur, mox reipublicæ*).

«A idade media christã, diz Michelét (¹), preocupada pelo mais alto ideal, parece desprezar o casamento e a vida de familia.» O seu grande ideal é a *Virgem*, ideal mystico e cavalheiresco que produziu a sublime Beatriz do Dante. A mulher conquistou então o primeiro logar como virgem e não como mãe; o casamento santificado pela Igreja, era ao mesmo tempo condemnado por ella. O subjectivismo poetico e as côrtes de amor, exaggeraram de tal modo o amor ideal que se dizia não poder existir o verdadeiro amor no casamento.

Com a elevação da burguezia e com a decadencia do catholicismo a mulher tornou a occupar o seu logar no seio da familia.

IV

Pelo que deixamos dito vê-se que a evolução do phenomeno social—*familia*—passou por seis phases diversas. Na primeira, o homem pouco ou.

(¹) *De l'éducation des femmes au moyen âge.*

nada differia dos animaes inferiores, principalmente dos que lhe ficam mais proximos em gradação. Apenas os filhos chegavam á idade de procurarem por si os alimentos, rompia-se inteiramente o laço que os unia. Na segunda phase encontramos a communidade de mulheres, signal de que os homens já se reuniam em hordas ou tribus, ás quaes os filhos pertenciam. Na terceira, vemos a exogamia ou o casamento por captura; então o filho é parente da mãe e não do pae. Na quarta, predomina a polygamia; foi talvez durante esta phase que o parentesco passou da linha feminina para a masculina. Na quinta, apparece-nos a monogamia, mas ainda a mulher é escrava do marido, e o filho é parente do pae e não da mãe. Emfim na sexta, eleva-se a mulher e torna-se igual e companheira do espóso; o parentesco é por cognação e não por agnação; o pae e a mãe são igualmente parentes dos filhos.

A evolução do parentesco filial é incontestavelmente um dos factos mais importantes e mais decisivos para a comprehensão da organização da familia. As diversas phases porque passou este parentesco foram admiravelmente caracterisadas por John Lubbock.

Como dissemos o individuo foi julgado primitivamente como filho da tribu; a mãe e o pae perdiam-se na multidão; a mãe apenas via a creança em estado de procurar o sustento e adquiril-o, abandonava-o e tornava-se desconhecida; era um verdadeiro estado de animalidade. A' proporção, porém, que o cerebro humano vae

adquirindo um certo desenvolvimento relativo pela sociabilidade, e que os sentimentos altruistas vão apparecendo, as relações da mãe para com os filhos tornam-se duradouras e os laços de sangue unem as mães aos filhos, e os irmãos ás irmãs e aos sobrinhos; o herdeiro de um guerreiro ou de um chefe é desde então seu sobrinho, o filho de sua irmã. Mais tarde o parentesco passa ao pae; o pae é o senhor, é o proprietario da mulher e dos filhos; esta é considerada irmã de seus filhos, é o limite da familia, e chega a cair sob a tutela do proprio filho, por morte do marido. Emfim em ultimo lugar o filho é do mesmo modo parente de seu pae e de sua mãe; ambos têm eguaes direitos sobre elle.

Esta evolução deduzida de factos rigorosamente scientificos encontra a sua comprovação na *Psychologia da historia*.

O snr. Theophilo Braga, com a profundidade de saber e com o largo ponto de vista, que caracterizam tolos os seus trabalhos, escreveu na introdução á sua *Historia Universal*: «Para a comprehensão dos factos transmittidos pela memoria do passado é necessario organizar uma *Psychologia da historia*, isto é, uma analyse do modo de formação das concepções humanas collectivas e dos meios da sua expressão; só assim é que as noções que motivaram as transformações sociaes, os estímulos que determinaram a actividade de certas épocas, emfim os mythos, as lendas poeticas, os symbolos, os signaes graphicos, os estylos monumentaes, os syncrotismos re-

ligiosos, as tradições domesticas, as variações da linguagem, tudo interpretado á luz d'essa Psychologia dará inesperados documentos para a sciencia da historia, e levará a deduzir as leis da imaginação.» (pag. 25).

Devemos, pois, recorrer á *Psychologia da historia*, ou «paleontologia moral» das sociedades, e ainda mesmo á psycho-physiologia humana, base da primeira, para chegarmos a conhecer as origens da familia, ou melhor, das relações de parentesco; isto é, *as noções que motivaram as transformações do parentesco*. Será conveniente advertir que, em razão do atrazo em que se acham ainda estas sciencias, as conclusões, a que chegamos, não as consideraremos definitivas, mas só hypotheticas, e podendo ajudar, como todas as theorias scientificas, a chegar-se a encontrar a verdadeira lei d'estes phenomenos. Procurando as origens do parentesco não temos em vista o *porque*, mas sim o *como* a humanidade chegou a estabelecer as relações entre os paes, os filhos e mais parentes. Não se podem conhecer scientificamente as causas primarias dos phenomenos, apenas se conhecem as immediatas.

Como se sabe, as ideias ou os conhecimentos de um individuo são todos filhos da observação mais ou menos perfeita dos phenomenos naturaes. As *ideias innatas* da metaphysica foram banidas da sciencia como absurdas. Todos os conhecimentos racionais do homem provêm das impressões physicas exercidas sobre os órgãos dos sen-

tidos, e transmittidas aos *thalamos opticos*, onde se modificam em sensações, e são levadas á *câmara cortical* do cerebro; ahí se localisam e relacionando-se dão a percepção. Todas as noções sem excepção são recebidas por esta forma; e conservadas como *força latente*, produzem os phenomenos mentaes da comprehensão, da vontade, etc. Quanto maior é o numero de factos adquiridos e coordenados pelo cerebro, tanto melhor e mais perfeita deve ser a relação que se estabelece entre elles.

A noção da paternidade é nos animaes inferiores muito imperfeita; quasi sempre terminado o periodo da amamentação a mãe abandona os filhos. E' o estado em que se encontram os selvagens de Bornéo, de Andaman e de Sandwich.

Dos phenomenos da propagação da especie, o que decerto mais impressionou os povos primitivos, foi o *parto*, porque era o unico que tinha uma ligação directa e apparente entre a mãe e o novo sêr,—o *cordão umbilical*. As funcções genitales não podiam ser consideradas pelos povos primitivos como a origem da geração, porque estavam separadas por um longo periodo de tempo do nascimento da criança; atrasados como estavam intellectualmente, não podiam relacionar dois factos, entre os quaes havia um intervallo de nove mezes. O phenomeno da geração, que por ser immediato e palpavel estabeleceu a relação material entre a mãe e o filho, foi o parto. O *cordão umbilical* que ligava a criança á parturiente tornou-se a prova evidente do mutuo parentesco en-

tre a mãe e o filho, e portanto entre o filho e os parentes da mãe. D'ahi o uso, tão espalhado entre os selvagens, dos homens terem por herdeiros e successores os filhos de suas irmãs e não seus proprios filhos. Lesigne, apesar de não ter encontrado a verdadeira significação d'este facto diz ⁽¹⁾: «O cordão umbilical foi o laço, a linha de união, o testemunho, a garantia da propriedade, material e concreta, como tudo o que os povos novos reconhecem, e por isso foi rodeado de um grande respeito. E' assim que os Fidjios o enterram ceremoniosamente, e que em certos pontos da Africa o ornam de perolas, conservam-no preciosamente durante a vida do individuo, e enterram-no com elle.» Este fetichismo dos Fidjios e de alguns povos africanos, que tem por objecto o *cordão umbilical*, vem confirmar a nossa theoria.

Com o decorrer do tempo e das gerações a intelligencia humana foi-se elevando, e augmentando a potencia e a extensão dos seus raciocinios. Os mesmos factos, observados muitas e repetidas vezes, não só n'uma como em muitas creaturas da mesma e de diversa especie, fizeram com que se conhecessem melhor as relações das cousas entre si. Assim a humanidade chegou a relacionar as funções genitae com o parto succedido nove mezes depois; talvez a polygamia concorresse muito para se chegar a esse resultado. Po-

(1) *Le fam. dans le passé. La Ph. pos.* vol. xxi pag. 79.

rém, como a observação dos phenomenos era parcial, a comprehensão foi tambem parcial. Partindo da expulsão dos germens dos órgãos genitales, passaram o parentesco da linha feminina para a masculina e ficaram considerando a mulher apenas como *depositaria* dos germens, durante o periodo da gestação. Na mulher terminava a familia; o avô materno não tinha poder algum sobre os netos, eram-lhe completamente estranhos, não havia a menor ligação de direito ou de sangue. *Mulier est finis familiae*. Na opinião dos Egypcios, segundo Diodoro da Sicilia, o pae é o unico auctor do filho; a mãe só lhe dá o meio inerte em que a gestação se realisa, e o alimenta. Por isso ainda entre os Romanos encontramos o parentesco por *agnação*. Como os povos primitivos rodearam de respeito e veneração o cordão umbilical, assim mais tarde adoraram os órgãos genitales, e fizeram d'elles o symbolo do Deus *genitor* ou creador do universo. Encontramos exemplos d'este phenomeno nas religiões do Oriente e vestigios do culto phallico ainda entre todos os povos da Europa.

Pelo que deixamos dito, vê-se que o parentesco dos paes para com os filhos teve origem na observação imperfeita dos phenomenos da geração.

Emfim quando o homem, creando novas e innumeradas necessidades intellectuaes e materiaes, chegou a um certo gráu de civilisação, quando adoptou definitivamente a monogamia, e adquiriu talvez um conhecimento mais preciso e real

dos phenomenos sexuaes, viu que eram tão fortes os laços que prendiam o recém-nascido ao pae, como aquelles que o prendiam á mãe; e portanto o parentesco do agnate tornou-se cognate. Desde então o filho ficou considerado parente de ambos os genitores, tanto do pae como da mãe.

IV

ORIGENS DAS RELIGIÕES

I

Religiões

No estado actual das sciencias sociaes um dos ramos que mais chama a attenção dos sociologistas, tanto pelo facto em si, como porque os phenomenos de que trata são a origem ou, pelo menos, andam ligados a outros phenomenos sociologicos, é incontestavelmente a sciencia das religiões; e comtudo os phenomenos religiosos são talvez ainda dos menos explorados, e cuja explicação é mais obscura. As causas d'isto são de duas especies; de um lado encontram-se na ausencia quasi completa de documentos primitivos sobre que possamos basear o estudo da religiosidade humana, da sua origem e desenvolvimento, tendo de nos valermos dos usos, praticas e crenças religiosas dos povos selvagens da actualidade; de outro lado temos os preconceitos en-

raizados na memoria da multidão, a veneração e o respeito que ainda inspiram aos crentes os livros sagrados das suas religiões, e o predomínio mais ou menos extenso das classes sacerdotaes. Assim tem sido difficil o estudo comparativo das varias religiões e a determinação das origens e das transformações porque cada uma tem passado.

Segundo Augusto Comte o primeiro dos tres estados intellectuacs da humanidade, o religioso, subdivide-se em tres phases, que se succederam na evolução theologica; essas tres phases são: o fetichismo, o polytheismo e o monotheismo.

Tem sido muito discutida e combatida esta subdivisão, e muitos tem procurado apresentar sérias objecções contra esta ordem successiva de periodos theologicos, mas ainda até hoje nenhum apresentou dados sufficientes para a destruir, e nem sequer para se pôr em duvida a sua veracidade.

Muitos querem que a primeira phase religiosa fosse o monotheismo, e o polytheismo e o fetichismo não fossem mais do que a degeneração d'aquella doutrina unitaria, ou uma grosseira invenção das castas ou classes sacerdotaes para dominarem as turbas ignorantes. E' assim que pensa Jacolliot quando divide em tres épocas a historia da India: época da unidade de Deus e dos patriarchas; época da trindade e dos brahmanes; época do polytheismo e da alliança dos padres e reis.

Facilmente se destroem estas e outras con-

cepções, mais ou menos hypotheticas, e que apenas se baseam n'um estudo superficial dos livros sagrados do oriente; com as mesmas provas que se apresentam em abono das theorias contrarias á de Comte, podem-se corroborar, depois de um severo e aturado estudo critico, as conclusões scientificas do sabio philosopho francez. Mas não se torna agora necessaria a refutação das theorias imaginosas, mas falsas, dos adversarios da doutrina positiva. Basta considerarmos o estado actual das intelligencias, entre os povos mais civilizados, para vermos até que ponto têm fundamento as asserções dos que combatem a prioridade do fetichismo sobre o polytheismo, o a d'este sobre o monotheismo. Ainda hoje a grande massa ignorante das sociedades é essencialmente fetichista, e incapaz de se elevar a qualquer gráu de especulação theologica ou metaphysica; d'ahi a confusão que se dá nos espiritos incultos entre as práticas christãs e as crençices e superstições ridiculas de um fetichismo grosseiro e bestial. Nas grandes cidades, nos grandes centros da actividade humana é que se pensa, é que se raciocina com mais liberdade, e onde ha menos preconceitos arreigados nos cerebros da multidão; e em todo o caso apenas uma pequena minoria se consegue levantar ás especulações philosophicas do monotheismo puro. E' esta uma grande verdade, que condemna fundamentalmente todas as hypotheses que vão de encontro á lei natural da evolução humana. Todos sabem que a hereditariedade é o principal factor do desenvol-

vimento intellectual; na accumulção dos desenvolvimentos parciaes, feita através das gerações, é que consiste a enorme e profunda differença que se nota entre os povos selvagens e os povos civilisados; por isso aquelles estão condemnados a desapparecer deante d'estes, como vemos na America, na Africa e na Australia; a collonisação e as missões nada conseguem, porque a civilisação é o producto de muitos factores, dos quaes o tempo é talvez o principal, e o tempo representa o trabalho accumulado de muitas gerações; ora um cerebro não pode soffrer as modificações recebidas por milhares de cerebros n'um periodo de tempo indeterminado.

Eis porque alguns selvagens, que têm sido educados na Europa, ao regressarem á terra natal voltam ao estado primitivo, como os que Darwin cita na sua *Viagem de um naturalista*. Se a anthropologia nos ensina que a perfeição se adquire pelo exercicio e desenvolvimento gradual do apparelho ou do orgão, se tudo nos mostra que se parte sempre do gráu mais simples para o mais complicado, como se poderá admittir que a intelligencia humana começasse pelas especulações metaphysicas da crença para chegar á grosseira superstição do fetichismo? Esta theoria é absurda. O fetichismo é realmente a primeira phase religiosa da humanidade.

Antes de determinarmos a significação do fetichismo vejamos o que se deve entender pela palavra religião; segundo Wyruboff a «religião é um aggregado, muito variavel nas fórmás, de

sentimentos e de praticas que estabelecem relações entre o homem e os deuses que adora (1),» isto é, o conjuncto da *religiosidade* e dos actos inspirados ou ligados a este sentimento. Mas este sentimento será innato? Teremos por ventura uma faculdade religiosa? Segundo Letourneau a criança ao vir á luz é completamente ignorante, «sabe o que lhe ensinam, mas não advinha cousa alguma; não tem o conhecimento intuitivo;» as crenças são ensinadas ás crianças pelos paes; ellas não têm mais do que o temor do ignoto, do desconhecido, do desusado. O homem não possui a faculdade especial da religiosidade; pela analyse das propriedades e faculdades cerebraes prova o mesmo auctor «que os phenomenos psychicos, chamados religiosos, não são de uma ordem especial; que se ligam simplesmente ás propriedades e ás faculdades cerebraes, communs ao homem e aos animaes superiores; que ainda n'esta ordem de ideias pode-se estabelecer uma graduação muito accentuada entre o animal e o homem; que as crenças religiosas resultam simplesmente de actos moraes e intellectuaes, communs, com differença de gráu, a todos os seres que occupam um logar elevado na seriação animal.» (2) De facto as differenças que existem entre o cerebro humano e os cerebros dos animaes superiores consistem apenas no gráu de

(1) *La Philosophie positive* revue, xxii pag. 34.

(2) Letourneau, *Science et materialisme*, pag. 122.

maior desenvolvimento, delicadeza e perfeição a favor do primeiro, e de modo algum em propriedades ou faculdades especiaes. Com razão diz Hovelacque ⁽¹⁾ que se querem chamar religiosidade ao temor do desconhecido, então encontra-se até nos actos dos animaes, pelo menos os mais sociaveis. E effectivamente o que é a religiosidade senão o medo e o receio, o temor do que se não conhece, do que se experimenta pela primeira vez, do que se nos revela subitamente? O sobrenatural é filho do temor. *Primus in orbe deos fecit timor*. E' a origem dos deuses. Como observa Hovelacque esse temor é-nos commum com os irracionaes superiores; muitos d'estes até estão n'um estado de religiosidade identico ao fetichismo.

Por outra parte sabemos de tribus que desconhecem completamente os gráus rudimentares da religião; n'ellas a religiosidade não se tem desenvolvido; mas as causas d'esta falta são-nos inteiramente estranhas. Segundo Livingstone os Buschmans, os Cafres Makololos e os Cafres Béchuanas não têm idolos nem ideias religiosas, mesmo os ultimos não as podem conceber ⁽²⁾. A ausencia de ideias religiosas, segundo o reverendo Farrar, foi observada muitas vezes entre os Australianos, entre os naturaes das ilhas Salomão (Perty); entre os Mpongwes na Africa

(1) *Linguistique*, pag. 23-6.

(2) Letourneau, ob. cit. pag. 126 e 127.

(Leichton), entre os Cafres (Brown), entre os Esquimós (Whitebourne, Ross), entre os Veddahs de Ceilão (Emerson Tennent) (1). Diz Topinard que existem tribus inteiras que vivem sem pensar no que não comprehendem, que não se commovem com a felicidade ou a infelicidade. São bem conhecidos os Galibis da Guyana que se reúnem para dansar sobre uma sepultura nova, mas este acto é unicamente para calcar a terra e não envolve ideia religiosa, não tem significação de cerimonia consagrada ao morto ou á divindade (2). Entre os Cafres Kussas, affirma Lichtenstein (3), não se encontra traço de culto religioso; o mesmo se pode dizer de algumas tribus Canadianas (Hearne), das da California (Baegert), do Brazil (Spix e Martius, Bates, Wallace), do Paraguay (Dobritzshoffer), da Polynesia (Dieffenbach, Williams), da ilha Damood (Jukes), das ilhas Pellew (Wilson), das ilhas Arn (Wallace), das ilhas Andaman (Mouatt), da Africa oriental (Burton e Grant), dos Cafres Bachapins (Burchell), dos Hottentotes (Le Vaillant), dos Arafuras de Vorkay (Bik), de alguns selvagens da Virginia (Hearne), de muitas tribus da America (Robertson), etc., etc. (4). Burton crê que o

(1) Idem, ibidem, pag. 127.

(2) *La Science Politique*, vol. II pag. 49.

(3) Vol. I, pag. 253 apud Lubbock, *Orig. de la civil.* pag. 211.

(4) Lubbock, *L'homme av. l'hist.* e ob. cit.

atheismo é a condição natural do espirito selvagem e ignorante ⁽¹⁾.

«Se para constituir uma religião, diz Lubbock, basta só a sensação de temor, a ideia exclusiva do homem de que ha provavelmente outros seres mais potentes do que elle, poder-se-ha admittir, segundo creio, que toda a raça humana tem uma religião. Mas nós não podemos olhar como prova da existencia de uma religião que uma criança tema as trévas ou hesite ao entrar n'um quarto escuro. Além d'isso, se se adopta esta definição a religião não pertence só ao homem. Devemos admittir que os sentimentos de um cão ou de um cavallo para com seu dono têm alguma cousa do mesmo character; o ladrar de um cão á lua é um acto de adoração tão completo como algumas ceremonias descriptas pelos viajantes ⁽²⁾.» Com effeito se não ha ahi uma cerimonia religiosa, ha um germen da religiosidade que com o andar dos tempos se podia converter em religião se o cerebro do animal se podesse elevar á perfeição do raciocinio complexo do cerebro humano.

Nas tribus que desconhecem completamente as ideias religiosas, não deixa de existir a religiosidade, ou o temor, primitivo germen das religiões. Se os viajantes affirmam que não encontraram entre muitos povos selvagens as minimas noções de ideias religiosas, é porque não souberam ex-

(1) *Abeokuta*, vol. 1, 179 apud Lubbock *Orig. de la civ.* 210.

(2) *Ob. cit.* pag. 208.

plorar o motor principal e inicial da religiosidade, isto é, o temor. O que rodeia a creatura desde a nascença, o que ella vê todos os dias e a todas as horas, não a surprehende, não lhe causa espanto, admiração, nem susto, porque não lhe fere os órgãos visuaes ou auditivos de uma maneira imprevista; aquelles objectos, porém, que se revelam bruscamente, que affectam por qualquer fôrma as suas acções, os seus movimentos, o seu estado normal enfim, são os que primeiro adquirem para ella uma superioridade que a assusta, que lhe causa uma impressão dolorosa; por isso os fetiches têm quasi sempre a maldade e a ferocidade, que os selvagens procuram abrandar ou desviar de si por meio de offertas, dadivas, ou ameaças. Muitos selvagens fabricam fetiches para seu uso e trazem-os em sua companhia; quando o deus material não faz a vontade ao seu possuidor, ao crente, quando não cede ao pedido que este lhe fez, é abandonado, desprezado, castigado e até destruido; os selvagens fazem aos seus deuses o mesmo que as raparigas das nossas aldeias fazem ao Santo Antonio de barro, quando este as não casa cedo.

Eis um exemplo de fetichismo, citado pelo padre Rougeyron (1), missionario francez, que explica como os selvagens adquirem as primeiras ideias religiosas. Como na Nova Caledonia os indigenas roubassem os missionarios, estes mandaram ir da Europa um *bull-dog* para os proteger

(1) Apud Letourneau, *ob. cit.* pag. 130.

contra as proezas d'aquelles. Como no paiz não havia quadrupedes, os naturaes viram no animal um sêr prodigioso, tiveram um profundo terror e raciocinando com a logica elementar de selvagens, resolveram conquistar-lhe as boas graças; para esse fim enviaram-lhe uma embaixada com offertas de fructos e inhames, e encarregada de lhe fazer um longo discurso, em que sollicitavam a sua amizade e lisongevam o seu poder.

O fetichismo tem inherente a si a materialidade; os fetiches não são a imagem de seres ideaes, são os proprios deuses, que favorecem ou perseguem os crentes; são outros tantos entes ou individuos, que pensam, obram e sentem como os proprios selvagens que n'elles creem. Verdadeiramente ainda não ha ideia de divindade ou de sobrenaturalismo, ha apenas a ideia de superioridade bruta; os fetichistas curvam-se perante a realidade, perante a materia que animam e vivificam, desconhecem a immaterialidade, só mais tarde pelos sonhos é que se elevam ás especulações idealistas, mas ainda assim sob a fôrma material. Adorando, ou melhor, temendo a materia animada ou bruta, o fetichista vê as cousas como na realidade ellas são, apenas as não sabe explicar, não sabe relacionar os diversos phenomenos naturaes, e assim affasta-se pouco a pouco de uma interpretação simples e racional para se lançar nos vastos campos do idealismo, de um mundo sobrenatural, aonde vae buscar explicações absurdas e banaes, que obscurecem a simplicidade e o rigor primitivo dos phe-

nomenos e falsificam o ponto de vista humano, perdido durante milhares de seculos e só encontrado outra vez á custa de perseverantes trabalhos pelos homens da sciencia.

Com bastante razão nota G. de Rialle ⁽¹⁾ que «o feticchista possui uma intuição da realidade das cousas naturaes muito mais exacta do que aquelles que cavam nas especulações religiosas e metaphysicas um abysmo profundo entre a humanidade e o resto do universo.»

O feticchismo é o periodo organico do estado theologico; passaram por este periodo todos os povos antes de se elevarem ás especulações polytheistas e monotheistas das grandes religiões; o culto e as castas sacerdotaes formaram-se nos gráus superiores do feticchismo, e foram essas castas principalmente que promoveram a evolução das religiões primitivas no sentido idealista do polytheismo e monotheismo. Ninguem melhor do que Augusto Comte definiu o feticchismo, quando o caracterizou pelo «desenvolvimento livre e directo da nossa tendencia primitiva para conceber todos os corpos exteriores, quaesquer que elles sejam, naturaes ou artificiaes, como animados de uma vida essencialmente analogá á nossa, apenas com mutuas differenças de intensidade ⁽²⁾.»

São diversos os gráus de feticchismo desde a admiração primitiva das anomalias, como deno-

(1) *La mythologie comparée*, pag. 191.

(2) *Cours de philosophie positive*, vol. v pag. 25.

mina Herbert Spencer a primeira phase fetichista, até á astrolatria, phase que precede immediatamente o polytheismo. Não tentamos agora a especialisação d'essas differentes phases, porque isso requer um trabalho mais rigoroso, para que não nos achamos por ora habilitados. Mesmo não temos em vista mais do que divulgar um certo numero de verdades sobre as religiões, que o nosso publico ignorante e catholico precisa conhecer para sair do estado de inanição a que a inquisição e os jesuitas de mãos dadas com a realza o levaram.

Nos capitulos seguintes vamos estudar diversos casos particulares de fetichismo, que com o decorrer dos seculos se transformaram, vindo alguns até nós mais ou menos modificados pela evolução historica.

II

A celebre phrase de Proudhon: «Deus é o mal,» que levantou contra o auctor a colera de todo o clero, encerra em si um pensamento profundo, uma verdade revelada pela sciencia. Tanto entre os povos selvagens da actualidade, como entre os povos mais antigos, cujas tradições se conhecem, encontram-se provas evidentes da divinisação do mal, isto é, das cousas que lhes causam prejuizo, mal estar, doença ou susto, porque o selvagem não pode ter uma noção inteiramente abstracta, metaphysica ou positiva, do bem e do

mal, mas só a ideia da sensação agradável ou desagradável, proveniente de uma acção material. D'este modo para o selvagem o mal é tudo aquillo que elle teme, tudo que o fere, que o prostra, que o mata, que lhe causa terror, prejuizo ou damno; é o trovão que ribombando o assusta; é o raio, que fende a arvore frondente, e o assombra ou o lança por terra; é o mau tempo que lhe destroe as cearas, é o animal feroz que o persegue; é a doença que lhe tira as forças, que o faz soffrer; é o reptil que o envenena; é emfim o *bull-dog* dos missionarios da Nova Caledonia, ou qualquer outro sêr prodigioso e desconhecido, que vêem pela primeira vez. São innumeros os exemplos que se podem citar, tanto entre os selvagens modernos, como entre os povos da antiguidade historica. Daremos alguns começando por aquelles.

Lichtenstein ⁽¹⁾ conta, que, tendo morrido o rei dos Cafres Kussas pouco tempo depois de partir um pedaço de uma ancora, os selvagens ao passarem pela ancora a saudavam respeitosa-mente, pensando que vivia. O mesmo auctor diz que os Bechuanas attribuem todo o mal a um deus invisivel, a que chamam Murimo. Collins, no seu *English Colony in New South Wales* ⁽²⁾, affirma que os indigenas não assobiavam ao passarem

⁽¹⁾ Travels I, 251 apud Lubbock, *Les orig. de la civ.* pag. 279.

⁽²⁾ Pag. 382 idem.

por certa rocha nos arredores de Sydney, porque uma vez havia-se soltado um rochedo e esmagado alguns compatriotas que passavam assobiando. Os Pelles Vermelhas, segundo Craver, temem os ataques dos espiritos máus e para os affastarem recorrem a ceremonias phantasticas dos seus sacerdotes. Os Coroados do Brazil reconhecem um principio malfeitor a quem attribuem todos os seus males ⁽¹⁾.

Segundo Robertson, citado por Lubbock, os *Cémis*, nas Antilhas, eram espiritos máus, auctores de todos os males que affligem a humanidade. Na Nova Zelandia cada doença é causada por um deus particular; os Guds da India têm um culto dedicado aos flagellos e perigos, entre estes deuses contam-se o cholera, a febre, e o tigre. Diz Tanner ⁽²⁾: «Uma noite Picheto (chefe Indiano da America do Norte) muito assustado pela violencia da tempestade, levantou-se e offereceu tabaco ao trovão, pedindo-lhe para se calar.» Os Hottentotes, segundo Thunberg ⁽³⁾, têm ideias mais precisas de um deus malfeitor, do que de qualquer divindade boa, «porque crêem que elle é a causa das doenças, da morte, do trovão e de todas as infellicidades que podem affligil-os.» Os negros da Africa occidental dizem que os seus deuses «são pretos e máus, o que têm o

(1) Idem.

(2) *Narrative of a captivity among the Indians*, pag. 136 apud Lubbock, pag. 218.

(3) Pinkerton, *Voyages*, xv, 142, idem.

prazer de atormentar os homens (1).» Entre os negros da Guiné o deus principal é a serpente, bem como no alto Egypto e na Abyssinia. «Este animal, diz Lubbock (2) é não só malfeitor e mysterioso, mas a sua mordedura, tão innocente na apparencia e cujos effeitos são comtudo tão terriveis, produzindo a morte com tanta rapidez e sem causa apparente, sugere ao selvagem quasi irresistivelmente a ideia de alguma cousa de divino, segundo a noção que elle tem da divindade.» Na America, os Azteques (Squier), os Natchez, os Caraibas, os Peruanos (Muller), os Mandans e os Monitarris (Klemm) adoravam egualmente as serpentes. Segundo Müller e Klemm na America, além da serpente, os selvagens adoravam o jaguar, o lobo, o urso e varios passaros. Os indigenas das ilhas Sandwich, segundo Cook na sua *Third Voyage to the Pacific*, pareciam ter venerado o corvo. Na costa da Guiné adoravam-se certos passaros pretos, e alguns peixes. O corcodilo é tambem adorado na costa de Africa.

O sentimento dos selvagens para com as suas divindades é o temor e o receio, e nunca por fórma alguma o amor ou a gratidão. As offertas que lhes fazem é para apaziguar a sua colera, é para desviareem de si a ira do fetiche. Por isso muitas vezes o insultam; ameaçam-no, procurando exercer sobre elle o susto ou o medo de que elles pro-

(1) Astley, *Collection of Voyages*, II, 664, idem.

(2) Ob. cit. 261.

prios estão possuídos. Bastantes vezes se observa um facto identico com as crianças, quando entram ás escuras n'um quarto e vão fallando em voz alta para afastarem a causa do pavor. Com os seguintes exemplos comprehende-se bem o que é a religião dos selvagens em geral.

Na *Voyage to Siberia*, diz Strahlenberg, citado por Lubbock, que os Vogulitzi, depois de matarem um urso, fazem-lhe discursos, procurando provar-lhe «que as flechas foram feitas pelos Russos, que foram elles tambem que forjaram o ferro e que é a elles por conseguinte que se deve dirigir toda a queixa.» O mesmo costume existe entre os Ostiakes, segundo a narração de Pallas. Tambem Schoolcraft conta que nas margens do lago Superior ouviu um Indio pedir perdão a um urso que acabava de matar. O selvagem apenas reconhece no fetiche uma superioridade brutal ou mysteriosa sobre elle; compara-o ao chefe da tribu inimiga, mas é ainda mais terrivel do que este. Com o chefe visinho póde medir-se em forças, póde vencel-o e póde ser vencido; pelo fetiche é sempre vencido, porque a divindade serve-se para conseguir o seu fim de armas desconhecidas e occultas. Algumas tribus selvagens se podessem matariam os seus fetiches. «Os Beduininos selvagens, diz Burton ⁽¹⁾ perguntam-vos onde se póde encontrar Allah; e se se inquirir da causa d'esta pergunta respondem-vos: Se os Eesa conseguissem apanhal-o elles o matariam a golpes de

(¹) *First footsteps in East Africa*, 52, idem pag. 210.

lança, porque é elle que destroe as suas casas e faz perecer os seus animaes e mulheres.» Uma velha da mesma tribu arabe tendo uma forte dôr de dentes exclamava: «Oh! Allah! possam os teus dentes fazerem-te tanto mal como os meus! Possam as tuas gengivas fazerem-te soffrer tanto como as minhas!» Observa Yate ⁽¹⁾, que os Novos Zelandezes, attribuindo certas doenças aos ataques do deus Atua, procuram ora apazigual-o, ora expulsal-o para o que empregam ameaças. Os Bechuanas durante uma tempestade amaldiçoavam o seu deus porque elle fazia trovejar.

Na antiguidade tambem *Deus era o mal*, como actualmente entre os selvagens. Os deuses Assyrios e os Chananeos eram sanguinarios e crueis. Os Egypcios rendiam culto exclusivamente aos animaes malfeitos, repellentes e temiveis. Cada nomo tinha um animal sagrado que adorava; assim em Thebas divinisavam o corcodilo, em Herinopolis o ibis, o hyppopotamo em Papremite e o gato em Bubaste. Os antigos Egypcios pensavam, que as doenças eram causadas por espiritos máus, que se introduziam no corpo humano e occasionavam desordens mais ou menos graves, de que muitas vezes resultava a morte. Por este motivo as receitas comprehendiam duas formulas, uma medical, outra magica; esta era uma esconjuração ⁽²⁾. A serpente Âpap é a personi-

⁽¹⁾ *Account of New Zealand* 141, idem.

⁽²⁾ Maspero, *Hist. anc. de l'Orient*, e Lemoine, *La ph. pos.* xviii, 261.

ficação das trévas, que Rá ou Hor (o sol) combate todos os dias, antes do nascer do sol, á sétima hora da noite. A lucta entre as trévas e o sol era para os Egypcios o emblema do combate entre o mal e o bem ⁽¹⁾. Na India, nos *Vêdas* dá-se tambem a lucta entre Indra, o deus do céu luminoso, e Ahi, a serpente, a nuvem da tempestade ⁽²⁾. «Os Aryas Hindús, diz Lemoyne, cantam a grande lucta dos assuras (*demonios*) e dos suras (*deuses*). Mas, no Rig-Veda, esta differença não está estabelecida. Toda a materia considerada como acção (concepção fetichica) é Asura.

«Nas mais antigas tradições iranianas são os Dews, os máus espiritos, que perseguem os Aryas, de paragem em paragem, e impedem-os de possuir as boas terras que atravessam ⁽³⁾.»

Angrômainyous, a serpente, é no zoroastrismo o emblema do mal, do espirito maligno ⁽⁴⁾. Os Medas antes de encarnarem n'este deus o mal ou o espirito máu já tinham offertas e supplicas para as cousas más e julgavam inutil fazerem preces e dadivas aos deuses beneficos. Estes foram creados em contraposição áquelles, mas não tinham o poder de se fazer adorar tão intimamente, por-

(1) Lenormant, *La magie chez les Ch.* 75, *Les orig. de l'hist.* 104 etc.

(2) Maury, *Croyances et leg. de l'ant.* 96 e seg.

(3) *La Ph. pos. revue.* xviii, 395.

(4) Lenormant, *Les orig. de l'hist.* pag. 102. *La Ph. pos.* idem 393.

que o terror exerce sobre o espirito uma impressão mais funda do que a alegria ou a confiança. A nuvem que obscurece o azul luminoso do céu e que occulta o sol é comparada ao reptil mysterioso e malevolo, que se arrasta no solo e causa a morte do homem. D'ahi o dualismo, que á proporção que as civilisações antigas avançavam se acentuou cada vez mais. Na religião de Zoroastro toma toda a grandeza na lucta entre Ahri-man, o deus máu, e Ormuzd, o deus bom. O mesmo phenomeno natural pode ser considerado como divindade boa ou má, segundo a sua influencia sobre o homem; a agua que nos tira a sede tambem nos pode afogar; o sol, que é a origem da vida e do movimento, é tambem a causa da morte, principalmente nas zonas torridas; todos os phenomenos naturaes se vêm sob duas faces; o que para um povo é o emblema do bem, é para outro o emblema do mal; o bem e o mal é sempre relativo e vacillante na consciencia primitiva da natureza. A serpente foi entre todos os povos da antiguidade o symbolo do poder das trévas e do mal; ás vezes era considerada como o symbolo de vida e de renascença, entre os Chaldeo-Assyrios por exemplo, mas então é porque tem perdido o seu character primitivo, como em geral todos os deuses bons. No *Genesis* a serpente é o mais astuto dos animaes, é o espirito tentador, como nas tradições do zoroastrismo. «Dizem-nos formalmente, escreve Lenormant (1), que foi da

(1) Ob. cit. pag. 100.

mythologia phenicia que Pherocydes de Syros, tirou o seu conto sobre o velho Ophion, o deus serpente, primeiro senhor do céu, precipitado com os seus companheiros no Tartaro pelo deus Cronos, que triumphava d'elle na origem das cousas, conto, cuja analogia é notoria com a historia da queda «da serpente antiga, que é o calumniador, e Satan,» lançado e encerrado no abysmo, a qual não figura no Antigo Testamento, mas existia nas tradições oraes dos Hebreus e foi mencionada nos capitulos XII e XX do *Apocalypse* de S. João.» No *Apocalypse* esta velha divindade do mal é descripta com sete cabeças. N'um velho hymno accadico encontra-se: «Como a grande serpente enorme de sete cabeças... como a grande serpente, que bate as ondas do mar...» A serpente era para os Judeus um talisman e este mytho «renova-se no Genesis, desde que as relações do Judeu com a Media trazem por meio da tradição da serpente malévola Afrasieb uma concepção cosmogonica, que não tinha na Chaldêa» (1). O dragão ou a hydra, personificação do mal, encontra-se ainda nas tradições medievas, como por exemplo na lenda de S. Jorge e n'um conto popular que muitas vezes ouvimos em criança — *A bicha de sete cabeças*. As serpentes impressionaram os povos primitivos, tanto pela sua fórma aterrorisadora, como pelo seu contacto repugnante, pelo seu assobio, pelo seu rastejar, pela sua mordedura por vezes mortal; a multidão

(1) Th. Braga, *Hist. Univ.* (Chaldêa e Babilonia) 231.

viu n'estes animaes uns seres intelligentes e extraordinarios, que se compraziam em fazer mal. O corcodilo representava o deus Seb ou Sebec, genitor dos deuses egypcios; era tambem um sêr maligno.

A geographia influio igualmente na formação de divindades más. «Por toda a parte onde vemos vulcões ou outros phenomenos capazes de impressionar vivamente espiritos timoratos e incultos, diz Léon Metchnikoff⁽¹⁾, figuram tambem na mythologia sob a fórma de fetiches mais particularmente diabolicos. Vesuvio era Vejovis, o máu deus, e Hekla era um diabo sob o nome de Haekal. As geleiras de Karvendel e de Orteks eram os demonios Karventil e Orentil. Os campos ardentes de Odessa, para além do mar Caspio, como os da Thessalia ou de la Trinidad (Perú)—como os *solfatares* italianos de Cumac— foram adorados primeiro como fetiches diabolicos; depois, na época polytheista, como sédes malditas de titans que se haviam insurgido contra as divindades creadoras; assim forneceram o principal contingente de diabos ás religiões dos povos christãos que hoje habitam estes logares.»

Todos os deuses foram más antes do serem bons. A ferocidade e a força bruta foram qualidades inherentes á divindade. Os fetiches eram seduzidos por meio de dadas, de offertas e de sacrificios. Indra, a divindade vedica, representava antes do céu puro e luminoso, o céu carre-

(1) *La Science Politique*, revue, vol. II. n.º 7.

gado de nuvens e relampejando; no Rig-Veda, Indra lança o raio e extermina os inimigos ⁽¹⁾; o céu e a terra tremem de medo na sua presença. Zeus, o grande deus pelagico, foi na sua origem um titan monstruoso, que fazia tremer a terra. A Demeter era representada como um monstro ornado de serpentes e de animaes ferozes. O Olympo de Hesiodo é o theatro da colera dos deuses; os deuses de Homero ainda não têm adquirido benevolencia e bondade; são principalmente máus, se os invocam é porque elles são os mais fortes, como se lê na *Odyssêa*. O mesmo se dava na Italia com o polytheismo italiota. Segundo Henri Martin os druidas consideravam *Avank-Du*; o principio do mal, filho da natureza, e *Esus*, o deus celta, é qualificado de terrivel, forte e assombroso.

Entre os Hebreus, Jehovah chamou-se primeiro *El*, o forte, segundo diz Metchnikoff. O proprio Jehovah é representado na Biblia com côres sanguinarias e terrificas. E' elle que extingue a humanidade por meio do diluvio; é elle o destruidor de Sodoma e Gomorrha; é o que exige de Abraham o sacrificio de seu unico filho; é ainda o deus que abandona seu proprio filho e o deixa morrer na cruz o que dá liberdade a Satan para tentar as almas dos crentes. Jehovah, na opinião

(1) Lemoyne, *Des idées d'expiation et de penitence*, *La ph. pos.* xviii, 396. Lenormant, *Hist. anc. de l'Orient*, vol. ii. pag. 288 e 289.

de Littré ⁽¹⁾, era um deus da luz e do sol; era concebido como um deus severo, inaccessível á humanidade, um deus que tinha de ser apaziguado por offertas, sacrificios e até por victimas humanas. No primeiro livro de Samuel, David dirigindo-se a Saul diz: «Se Jehovah te excitou contra mim, que accite o odor da vianda do sacrificio; mas se foram os homens que sejam malditos deante de Jehovah.» Será, porventura, Jehovah, um deus bom e misericordioso, como quer a theologia christã? Mas mesmo no Christianismo encontramos vestigios da feição maligna da divindade primitiva. Christo falla com dureza a sua mãe; expulsa os vendilhões do templo a chicotadas, trata rudemente os inimigos, e aconselha aos amigos a abandonarem seus paes e parentes. O catholicismo accentuou ainda mais esta feição escura de Jesus. Os flagícios e as penitencias para castigarem a carne, provam-no sufficientemente; mas ainda temos mais, temos a Inquisição com todo o apparatus de torturas e supplicios, applicados em nome do crucificado. O que é o diabo legendario da edade media e da Egreja catholica, senão um deus tão poderoso e muitas vezes ainda mais, do que Jesus Christo? O amor de Deus não era a adoração de uma divindade boa, benefica e generosa; era principalmente o temor do castigo eterno, das penas infernaes, da colera divina. O antigo fetichismo diabolico dos povos

(1) *La religion d'Israel, La Ph. pos. xxi.*

primitivos não se extinguiu; existe, como vemos, no seio do catholicismo; os Jesuitas propagam o temor do Deus que castiga, e não o amor da divindade que perdôa. Mas a influencia d'esse fetichismo naturalista é mais profunda ainda; o povo attribue tudo a Deus, tanto o bem, como o mal. As doenças, os flagellos, os desastres, os infortunios, os crimes são *por vontade de Deus*, — *Deus assim o quiz* — *estava assim determinado nos designios da Providencia*, são phrases que se ouvem a cada momento, ditas com convicção, e pelas quaes se faz Deus responsavel de todo o mal que se pratica á face da terra. *Foi castigo de Deus*, quantas vezes não dizem de um desastre, de uma morte, de um aleijão!

O Deus dos christãos é ainda o Jehovah dos Hebreus, como o Jupiter tunante, como o Zeus dos Hellenos, o Indra dos Aryas, etc. Nos nossos campos ainda é vulgar ouvir-se dizer ás crianças quando troveja: *E' o pae do céu a ralhar*.

Muitos outros exemplos poderíamos citar que comprovassem o que julgamos ter demonstrado. As divindades malevolas foram primeiro adoradas, do que os deuses bons, os quaes, em todos os tempos, têm conservado signaes da sua origem; não puderam perder inteiramente o character primitivo de maldade e ferocidade.

III

A dualidade, estabelecida pela crença religiosa, e ainda adoptada por algumas escolas metaphysicas, do homem ou da creatura em geral, tem a sua origem no estado rudimentar ou primitivo do cerebro humano. A separação fundamental da alma e do corpo, ou do espirito e da materia, que é uma das bases essenciaes do Christianismo, e uma das crenças que mais concorre para impedir ou obstar á rapida vulgarisação das noções positivas, tem raizes profundas na intelligencia humana, visto ser um producto directo de uma época em que a humanidade se achava realmente no seu estado infantil. De certo é um producto da observação e experiencia, mas observação e experiencia realisadas em condições falsas e quando o cerebro humano ainda não tinha elementos sufficientes para comprehender e explicar os phenomenos da natureza. A primitiva dualidade estabelecida pelo selvagem foi inteiramente material, como todas as suas concepções; só com o decorrer dos seculos e com o aperfeiçoamento intellectual é que se elevou á noção subjectiva do espirito ou da alma, isto é, de *cousa immaterial*.

A esta crença da dualidade do homem, prendem-se muitas outras crenças e superstições, que fazem parte integrante da religião catholica, como a vida eterna, a resurreição da carne, os anjos da guarda, as almas do purgatorio, etc. ou da re-

ligião popular, como as almas do outro mundo, os phantasmas, a interpretação dos sonhos, etc., etc.

E', portanto, este um dos pontos mais importantes e mais dignos de attenção, no vasto campo da historia das religiões. Procuraremos rapidamente as origens d'esta dualidade, considerando em especial o fetichismo dos povos selvagens.

Um dos phenomenos naturaes que, decerto, mais havia de despertar a attenção dos homens primitivos, era a sombra projectada pelo proprio corpo do selvagem e que o acompanhava sempre, ora precedendo-o, ora seguindo-o, ora caminhando ao lado, sem o deixar um só instante, salvo quando os raios do sol eram interceptados pelas nuvens, ou, de noite, quando a lua não brilhava no horisonte. Essa cousa escura e impalpavel, de formas humanas, que por vezes se estendia, tomando as proporções de um gigante, e de outras se encolhia e apresentava as dimensões acanhadas de um anão, e ainda de outras se mostrava desconforme e extraordinaria, devido ás sinuosidades do solo e á direcção dos raios da luz, essa cousa escura e impalpavel, diziamos, tornava-se para o selvagem um sêr real, uma parte da sua propria individualidade. Que outra ideia poderia formar de uma sombra uma pessoa inteiramente no estado selvagem? Não vemos ainda as crianças considerarem a sombra como um sêr real e temerem-na, chegando muitas vezes a chorarem com medo d'ella? N'este estado estão os selvagens. Os Ouanikas, segundo Bastian, têm

medo da sombra, e os negros de Benin consideram-a como se fosse a sua alma. Para os Fidjios é um *espirito sombrio*. Segundo Crantz, entre os Groenlandezes a sombra é uma das almas do homem, é a que deixa o corpo de noite. Entre os Indios da America do Norte, é considerada como a alma ou a vida. Diz Tanner: «Eu os ouvi reprehender um convalescente, por commetter a imprudencia de se expôr ao ar, dizendo-lhe que a sua sombra ainda não se havia de todo fixado n'elle.» ⁽¹⁾ Assim a sombra é considerada como uma parte integrante do individuo, como um outro *Eu* que acompanha sempre o corpo humano, durante as horas em que o selvagem está acordado. Esta crença acha-se confirmada pelas antigas civilisações onde o homem comprehendia duas ou mais partes distinctas; entre os Romanos uma d'essas partes era a *umbra*, que depois da morte do individuo vagueava ao redor da sepultura.

A par da sombra um outro phenomeno natural havia de contribuir para a formação das varias crenças e superstições animistas. Esse phenomeno é a reflexão da propria imagem na agua. A reflexão observada pelo selvagem ao approximar-se da beira de um rio não podia ter para elle a significação scientifica que tem para nós, nem podia ser recebida com a indifferença vul-

(1) *Captivity*, pag. 291. Veja-se Herbert Spencer *Principes de Sociologie*, tr. fr. vol. 1, pag. 170 e seg. e Lubbock *Les origines de la civilisation* cap. v.

gar, com que a recebem hoje ainda os homens mais ignorantes. A ideia de um sêr que se vê distinctamente igual a nós, mas intangível, não póde ser comprehendida pelo selvagem como uma imagem optica formada pelos raios de luz reflectidos na agua. Segundo Williams, para certos Fidjios o homem possui dois espiritos, o *espirito sombrio* de que já fallámos ou a sombra, e a imagem reflectida na agua ou n'um espelho; elles crêem que o primeiro vae para o Hades, depois da morte, e que a segunda se conserva no lugar em que o homem morre ⁽¹⁾. Effectivamente estas imagens são distinctas, e os selvagens podiam vê-las ao mesmo tempo.

«As imagens reflectidas, diz Herbert Spencer, foram pois uma crença confusa e inconsistente talvez, mas apesar de tudo uma crença, segundo a qual cada individuo tem um duplicado, ordinariamente invisivel, e que comtudo se póde vêr indo á borda da agua e olhando para dentro.» ⁽²⁾ Os Caraibas e os Pelles Vermelhas tambem crêem que o homem tem mais de uma alma ⁽³⁾.

O phenomeno psychico dos sonhos tambem de certo contribuiu muito para estas distincções e divisões do homem primitivo, todas absolutamente materiaes, porque o espirito do selvagem não se podia elevar á abstracção da alma, como

(1) Spencer, *Princ. de Sociologie*, vol. 1 pag. 173.

(2) Ibidem, idem.

(3) Lubbock *Les orig. de la civ.* pag. 234.

mais tarde os theologos e metaphysicos, e nem sequer havia nos vocabularios rudimentares palavras apropriadas para exprimirem qualquer noção subjectiva.

Os modernos trabalhos de physiologia cerebral, ou psycho-physiologia, têm explicado admiravelmente esse phenomeno natural dos sonhos, que tanta influencia teve nas concepções religiosas dos selvagens. O que poderia pensar o homem selvagem ao accordar de um somno e ao lembrar-se que momentos antes andara caçando, galgando montes, atravessando rios, passando perigos, e no entanto achava-se de repente deitado no sólo em sitio muito distante d'aquelles que percorrera em sonho, e exactamente onde se deitara antes de adormecer? Os jejuns forçados e os excessos de alimento, que se lhes seguiam, na vida aventureira do caçador ou de nomada, excitavam o espirito do selvagem e influíam directamente na exaltação dos sonhos e pesadelos. Quando cheio de fome e de cansaço se estendia por terra e adormecia, sonhava frequentes vezes com a abundancia de caça, que perseguia, apanhava, preparava; mas de repente, acordando, achava-se esfomeado, como antes do sonho, e sem ter ao pé de si as peças de caça, de que se apoderara. Outras vezes succedia o contrario; depois de uma abundante alimentação adormecia e via-se em sonho entre as garras de uma fera ou n'um precipicio atroz, e então acordava sobresaltado, mas o perigo desaparecera e encontrava-se no lugar seguro, onde momentos antes se deitara e ador-

mecera. Como explicar este phenomeno? Pelo modo mais simples e natural para a acanhada comprehensão de um espirito selvagem. Cria, pois, que era duplicado, que emquanto uma parte de si proprio se conservava ali quieta e insensivel, a outra fôra passear, caçar, entrar em luctas, etc. E' assim que os habitantes da Groenlandia crêem na realidade dos sonhos e julgam que de noite vão caçar, fazer visitas, etc. como diz Crantz; para elles é evidente que o corpo não vae a estas aventuras nocturnas, mas que têm em si um outro sêr que póde abandonar o corpo e voltar a elle quando queira (1). Os Indios da America do Norte, segundo Schoolcraft crêem em duas especies de almas; emquanto uma vae livremente passear durante o somno, a outra conserva-se com o corpo. Os naturaes da Nova Zelandia, segundo Thompson, crêem egualmente que o espirito deixa o corpo durante o somno e que os sonhos são realidades observadas durante as suas peregrinações nocturnas. A mesma crença existe entre os Dayaks; segundo Saint-John, elles estão convencidos de que a alma faz expedições durante o somno, e que vê, falla, ouve, etc. Entre as tribus montanhezas da India acredita-se, como o diz Mason, que «durante o somno o espirito (*Lá*) se transporta ás extremidades da terra

(1) Crantz, *History of Groenland*, vol. 1 pag. 200; Lubbock ob. cit. pag. 216.

e que os nossos sonhos são o que o *Lá* vê e experimenta nas viagens de exploração (1).»

E' dos sonhos que vem a crença nos espiritos. Os Veddahs de Ceylão crêem nos espiritos, porque os seus parentes mortos os visitam em sonho; os Manganhas baseam no mesmo facto a crença na vida futura (2). Em Madagascar todos os habitantes respeitam os sonhos porque durante elles os deuses os advertem do que devem fazer ou evitar. Os naturaes das ilhas Sandwich tambem crêem que os defunctos apparecem algumas vezes em sonhos ás pessoas de familia que sobrevivem, e que elles velam pelos seus destinos. Os Tahitianos têm egualmente a crença de que o espirito do morto apparece em sonho algumas vezes aos sobreviventes. «Os Ouanikas, diz Krapf, crêem que os espiritos dos mortos apparecem aos vivos nos sonhos (3).» Segundo Callaway (4) os Cafres Amazulu crêem que os espiritos dos paes e irmãos mortos vivem ainda, porque lhes apparecem em sonhos.

Os espiritos malfeitores têm talvez origem nos sonhos. Nas ilhas Fidjis existe a crença de que o espirito de um homem ainda vivo, póde deixar o corpo para atormentar outras pessoas, enquanto dorme. Em Bornéo ha a mesma crença.

(1) Spencer, ob. cit. pag. 196.

(2) Lubbock, ob. cit. pag. 216.

(3) Spencer, ob. cit. pag. 198.

(4) *The religious system of the Amazulu*, apud Lubbock, ob. cit. pag. 232.

Os selvagens pensam que o espirito ainda se conserva vivo depois da morte do corpo, pelo menos durante um certo tempo. A causa d'esta crença está nos sonhos, como vemos.

Perguntae ao negro, diz Du Chaillu ⁽¹⁾ «onde está o espirito de seu bisavô. Responde-vos que nada sabe, que já não existe. Perguntae-lhe onde está o espirito de seu pae ou de seu irmão morto hontem, então enche-se de medo e de terror. Crê que elle reside perto do lugar onde o corpo foi enterrado, e bastantes tribus mudam de acampamento, immediatamente depois da morte de um de seus membros.» Os Hawaïos, segundo Ellis, crêem que o espirito do morto anda em volta dos logares em que habitou durante a vida. Em toda a Africa, quasi, existe esta mesma crença. Os Africanos orientaes julgam que as almas estão sempre perto das sepulturas. Nas ilhas Aleoutianas, as almas invisiveis dos mortos, segundo imaginam os naturaes, erram entre seus descendentes.

Os Chipchas abandonam quasi sempre a casa, onde lhes morreu um parente; os Kamtschadalas tambem pelo mesmo motivo mudam muitas vezes de logar; entre diversos povos da Africa existe o mesmo costume. Os Hottentotes, segundo diz Kobben, mudam de logar quando um habitante morre. Os Bechuanas, segundo Thompson, tam-

(1) *Trans. Ethn. Soc. nouvelle série* t. II pag. 309, apud Lubbock, *ob. cit.* pag. 232.

bem «abandonaram a cidade de Lattaku, á morte de Mallahauan, conforme o uso do paiz ⁽¹⁾.» Ainda entre nós se encontram vestígios d'estas superstições. Nas provincias, a maior parte das pessoas teme de aproximarem-se de noite dos cemiterios, porque receia encontrar ou vêr as almas que, segundo a crença vulgar, vagueam ao redor das sepulturas. N'algumas partes, nas nossas aldeias, crê-se que as almas dos defunctos visitam frequentes vezes os logares que habitaram em vida. Mesmo nas cidades, e até em Lisboa, existe entre algumas familias o costume de mudarem de casa, logo que lhes morre alguma pessoa de familia; outras têm por costume conservarem fechado e não quererem entrar no quarto onde se deu o fallecimento. Tudo isto são incontestavelmente restos supersticiosos das crenças dos selvagens, que vimos de mencionar em breves paginas. Por vezes entre os povos atrasados e primitivos, a existencia ou vida posterior das almas depende do genero de morte ou do systema do enterramento. Prende-se talvez com esta crença o uso de collocar uma lage ou montões de pedras sobre as sepulturas ⁽²⁾ e o embalsamento dos cadaveres. Muitas outras crenças têm relações directas com esta dos sonhos e das almas, mas o

(1) Spencer, ob. cit. pag. 278 e seg.

(2) Vid. pag. 19 e seg. d'este volume.

seu estudo exige trabalhos especiaes; não nos occuparemos agora d'ellas.

Parece-nos ter determinado bem a origem das differenças estabelecidas pelos povos primitivos entre o corpo e o espirito ou os espiritos de cada individuo. Esta divisão do homem em varios seres passou dos selvagens para os povos civilisados e encontram-se vestigios d'esta crença entre todos os povos da antiguidade.

«Ha muitas especies de almas, diz Gérard de Rialle ⁽¹⁾, e as distincções subtis que encontramos nos corpos de doutrinas theologicas e metaphysicas, pertencentes a sociedades civilisadas provêem evidentemente, por uma filiação ininterrompida, das antigas concepções fetichistas. Assim a triple divisão em almas vegetativa, sensitiva e racional, tão querida dos doutores em escolastica da idade media, a dos philosophos gregos em *voûc*, em *ψυχή*, e em *πνεῦμα*, a dos rabbinos, não são tão recentes e podem ser reduzidas sem custo a distincções analogas que se encontram entre os selvagens. Os Romanos, que distinguiam na alma uma sombra ⁽²⁾ voltejando ao redor da sepultura, os manes descendo aos infernos e um espirito subindo ao céu (umbra,

(1) *Mythologie comparée*, pag. 108.

(2) Esta crença da *sombra* que ficava sobre a sepultura não terá origem na sombra das arvores plantadas sobre as campas e que se moviam conforme as folhas eram movidas pelo vento?

manes, spiritus) não estavam muito afastados das theorias psychicas do fetichismo.»

A distincção theologica e metaphysica do espirito e da materia, ou da alma e do corpo, tem origem na mesma crença fetichista.

V

AS MISSÕES RELIGIOSAS

I

Apezar de nos encontrarmos no ultimo quartel do seculo XIX e de vermos as sciencias naturaes e sociaes desenvolverem-se progressivamente e levantarem cada vez mais o nivel mental das sociedades modernas, dando-lhes uma disciplina rigorosa e positiva, não é raro ouvirmos a pessoas que alardeam erudição e intelligencia, e até mesmo no seio do parlamento, que as missões religiosas são o unico meio efficaz de civilisar as nossas colonias, e de as tirar do estado de inanição e de estiolamento em que se acham. Esta ideia repetida successivamente por ministros, pares, deputados e jornalistas é uma prova da insufficiencia e da vacuidade cerebral dos individuos que dirigem actualmente os destinos da nação e dos que se arrogam o titulo de

representantes da opinião publica. Umas ligeiras noções de anthropologia e historia bastam para destruir pela base todos os argumentos que possam appresentar-se a favor das missões religiosas. Parece-nos que não será de todo inutil, no momento presente, juntarmos alguns factos que provem a inefficacia d'este pretendido factor da civilisação.

Comecemos, pois, por historiar rapidamente o movimento das missões catholicas desde o seculo xv, época em que se fizeram as descobertas e as primeiras conquistas na Africa, Asia e America, e que marca o principio dos tempos modernos na evolução da humanidade. Os navegadores e conquistadores dos seculos xv e xvi juntavam ao esforço guerreiro e á ambição das riquezas a fé religiosa, e apossavam-se das terras descobertas em nome da patria e da religião christã. O papa, confirmando a posse das regiões tomadas pelos portuguezes e hespanhoes, via estender-se o dominio da Egreja catholica e incitava o fervor religioso dos monarchas da Peninsula. As expedições eram acompanhadas por missionarios; enquanto os conquistadores iam augmentar as terras e os vassallos do rei, elles iam buscar novos adeptos para a doutrina christã. Os primeiros navegadores foram ao Oriente em companhia de alguns missionarios, quasi todos franciscanos, que iniciaram a catechese com pouco successo. No entanto na India o terreno estava preparado; o estado intellectual das populações achava-se apto para receber a doutrinação christã. As antigas

religiões orientaes aproximavam-se muito do Christianismo; este ia ali encontrar as suas fontes; o buddhismo e a lenda de Christna tinham muitos pontos de contacto com os ritos catholicos e com a vida de Christo. Os missionarios notavam as semelhanças; diziam que o demonio para tentar os christãos havia feito uma parodia da religião christã, com um deus-homem, encarnação da divindade no seio de uma Virgem, com a apresentação no templo, com o supplicio para remissão dos peccados, com jejuns, confissões, missas, conventos, camandulas, etc., etc. Os ingenuos missionarios não sabiam explicar estas semelhanças senão como obra do diabo. Os franciscanos pouco fizeram; a maior difficuldade que encontravam era a linguagem; era custoso o fazerem-se entender; este obstaculo não se podia vencer sem muito trabalho e sem muita intelligencia, e os missionarios eram no geral crassamente ignorantes. Os jesuitas foram uma excepção no meio das ordens monasticas; tinham illustração, intelligencia e firmeza de vontade; por isso no Oriente, como por toda a parte, obraram mais, do que os outros missionarios. Francisco Xavier, o primeiro padre jesuita que passou á India, foi incansavel na propaganda da doutrina; ao mesmo tempo procurava conservar os portuguezes sob o dominio da crença e converter os indigenas; entre estes começava por conquistar a sympathia dos miseraveis e dos ignorantes; adoptava o seu modo de vida, habitava com elles nas cabanas humildes, servia-lhes de medico, en-

sinava-os, era o juiz nas suas contendas, apaziguava-os e assim passava mezes e mezes seguidos em sua companhia, catechizando-os e baptizando os novos adeptos que conquistava. Na costa do Malabar viveu quinze mezes por esta forma, baptizando milhares de pessoas cada mez. Mas com a mesma facilidade os novos christãos abandonavam o Christianismo pelas crenças antigas, principalmente desde que os missionarios se afastavam. Em 1565 existiam em Goa mais de trezentos mil christãos novos, convertidos na maior parte porque dependiam dos missionarios ou dos portuguezes.

Em Africa succedeu ainda peor. Houve conversões em massa. No Congo o rei e os subditos fizeram-se todos christãos; pelo menos os missionarios davam-lhes este nome porque os pretos tinham pelas imagens catholicas a mesma adoração, que consagravam aos antigos fetiches. Desde que se deixavam baptisar eram considerados christãos pelos padres; tambem o dominio dos missionarios não foi ahi muito longo e extinguiu-se talvez com mais facilidade ainda, do que teve a formar-se. Sem melhor resultado começaram os franciscanos a missionar em Cabo Verde e Guiné, no anno de 1553. Sete annos depois, fallando das conquistas apregoadas pelos missionarios, dizia o bispo de S. Thomé que *estava muito desconfiado* das conversões do gentio de Angola. E tinha razão, porque os resultados foram nullos; e no principio do seculo XVII teve de recommençar a catechese o padre Balthasar Bar-

reira, da companhia de Jesus, que tambem não alcançou melhor resultado.

Na America as missões religiosas não tiveram successo mais favoravel do que na Africa e na Asia. Em 1493 foram os beneditinos introduzidos na America, e a estes seguiram-se os franciscanos, os agostinianos, os capuchinhos, os lazaristas e os jesuitas. A ordem da Graça estabeleceu missões no Chili antes de todas as mais; porém, em 1553, foram fazer-lhe concorrência os franciscanos e os dominicanos. As ordens religiosas eram rivaes e guerreavam-se mutuamente; levaram para as missões os odios e as divergências que as separavam na Europa. Estas dissensões inutilisavam os esforços dos melhores missionarios. Martinho de Loyola, sobrinho do fundador da Companhia, foi com alguns outros jesuitas missionar no Chili, em 1593.

Na Venezuela e nas margens do Orenoque foram os capuchinhos os primeiros que tiveram missões e chegaram a fundar algumas cidades, mas nada conseguiram a favor da civilisação, ou pelo menos do catholicismo. Os jesuitas tambem ahi estabeleceram missões, obtendo identico resultado, tanto em 1576, como em 1687, como ainda posteriormente; as missões succederam-se umas ás outras e os effeitos foram sempre os mesmos. Em Florida as missões começaram em 1549; os dominicanos que as inauguraram foram massacrados em 1565 e egual sorte tiveram depois os jesuitas, quando tentaram por diversas vezes catechisar os indigenas.

No Mexico havia um principio de civilisação e uma certa identidade de tradições entre este paiz e a Europa; por isso os missionarios alcançaram aqui melhor resultado, principalmente os jusuitas que se souberam aproveitar de alguns symbolos da religião nacional. Entre 1524 e 1540 foram baptisados seis milhões de mexicanos, segundo a avaliação de Torquemada, e em 1680 os jesuitas tinham n'este paiz setenta missões, mas viam-se forçados de lutar incessantemente com a volubildade dos indigenas. No Paraguay ainda conseguiram mais; chegaram a formar uma republica theocratica. O principal motivo d'este successo está decerto em que os missionarios protegiam os indigenas contra a oppressão da metropole.

Antes dos jesuitas muitos missionarios já haviam procurado estabelecerem-se no Paraguay, mas inutilmente; alguns chegaram mesmo a soffrer o martyrio. O padre Francisco Victoria, da ordem de S. Francisco, e bispo de Tucuman, lembrou-se de chamar os jesuitas para ver se estes podiam conseguir o que os outros religiosos não tinham podido; e effectivamente mais felizes, ou mais habéis, do que estes, fundaram no Paraguay algumas missões que rapidamente progrediram. N'ellas fundam os auctores catholicos a principal gloria da companhia de Jesus. Os padres influiram no espirito dos selvagens pela musica; é notavel a acção dos sons dos instrumentos musicos sobre o animo dos povos incultos e mesmo sobre os animaes; Orpheu domando

as feras pela musica é a traducção mythica de um phenomeno real; os jesuitas experimentaram a acção da musica sobre os selvagens e no Paraguay tiveram bons resultados; mas, mais ainda do que pela musica, seduziram-nos pela protecção que lhes deram contra os Europeus. Aprenderam as linguas e dialectos dos indigenas e assim tinham facilidade em entenderem-se com cada tribu. Não lhes impunham á força o catholicismo, incomprehensivel para aquelles povos ainda infantis, inteiramente fetichistas. Aceitavam a sua religião material e transformavam-na gradualmente como podiam, sem atacarem de frente as crenças indigenas. Os Guaranyes, tribu agricolas, onde a estupidez e a superstição era geral, foram os seus primeiros protegidos. Após vieram os Chiquitos, os Maxas e outras muitas tribus. Em seculo e meio, de 1593 a 1746, conseguiram os jesuitas fundar no Paraguay 33 parochias, formadas por estas diversas tribus. Era uma republica theocratica. Cada parochia era governada por um cura, escolhido entre os melhores padres da companhia de Jesus, e todos os curas estavam sob as ordens de um superior, investido pelo papa com poderes muito extensos. A vontade do cura era a lei na parochia, pois os colonos obedeciam-lhe, como os filhos obedeciam ao pae nas familias patriarchaes. Em cada parochia havia um governo local de eleição popular; os chefes militares tambem eram eleitos pelos colonos; mas escusado será dizer que tudo não era mais do que uma parodia do systema repre-

sentativo, pois os padres tinham a direcção geral, e mesmo os eleitos eram sempre os designados pela companhia. Era uma sociedade artificial e falsa por falta de instrucção salutar e de sciencia. O missionario era ao mesmo tempo o braço e o espirito dos indigenas, incapazes de pensar, de raciocinar, de calcular, de prever! Todos os selvagens da republica jesuitica deviam aprender a ler e a escrever, mas era-lhes defeso o estudo da lingua hespanhola ou de qualquer outra lingua europêa, para evitarem a corrupção da simplicidade nativa. Os indigenas a quem era concedida uma instrucção superior, estudavam a biblia e outros livros traduzidos pelos missionarios. Assim os jesuitas isolavam-nos de todo o contacto com a civilisação europêa. Os estrangeiros não se podiam deter mais de tres dias no territorio das missões, para não se relacionarem com os naturaes, o que poderia trazer o enfraquecimento da auctoridade moral da companhia. Os padres para os selvagens eram verdadeiros fetiches. Um dos elementos empregados para sujeitarem os indigenas ao regimen jesuitico era a pompa e o apparatus religioso; as festas de egreja faziam-se com o maior esplendor ao som de instrumentos e no meio de flores, luzes, incensos e toda a ordem de attracções. Tinham uma escola de musica e canto para ensinarem os naturaes que mostravam mais aptidão para esta arte, que elles utilisavam como arma civilisadora. Todos os trabalhos eram revestidos de folguedos e diversões afim de os tornarem attrahentes aos olhos dos povos incultos;

assim iam para as lidas agricolas com dansas e festejos e largavam o trabalho do campo com as mesmas festas e alegria, com que o haviam começado. Quando alguma tribu nomada se aproximava em tom hostil do territorio das missões, saia-lhe ao encontro o cura acompanhado de uma boa parte da população com grande quantidade de comestiveis e brindes que offereciam aos inimigos, e promettiam fazer-lhes quotidianamente dadivas e offertas semelhantes se quizessem ficar entre elles e imital-os nos seus trabalhos e diversões. Quando, seduzidos pelas promessas, accitavam o offerecimento, eram repartidos pelos diversos estabelecimentos jesuiticos, ficando confundidos entre os colonos para mais depressa se adaptarem á nova fórma de vida, e effectivamente em breve se dedicavam a enfeitar e ornar os templos de folhagens e flores, com a mesma satisfação que revelavam os mais antigos subditos das missões. E' curioso e admiravel o modo como os jesuitas formaram esta sociedade inteiramente artificial e apparente, chegando a ter sob o seu dominio mais de quinhentos mil indigenas. Dizemos *artificial e apparente*, e na verdade sobejam as provas de que toda esta organização social era falsa e illusoria, sem condições algumas de estabilidade. Basta lembrarmonos que dez annos depois da expulsão dos jesuitas a sociedade estava reduzida a cem mil almas e que actualmente o territorio das missões jesuiticas no Paraguay é um paiz quasi deserto. Os jesuitas quizeram empregar o mesmo systema para sub-

metterem outras tribus em diversos pontos da America e todas as tentativas falharam; assim succedeu na Patagonia e ao occidente do Paraguay.

No Brazil as missões foram inauguradas pelos padres Nobrega e Anchieta no meado do seculo XVI. Estes padres da companhia de Jesus e todos que se seguiram nas missões brasileiras adoptaram o systema jesuitico que tão bons resultados deu no Paraguay, mas com inferior successo. Ainda chegaram a fundar aldeias no interior e protegeram os indigenas contra os colonisadores portuguezes, mas a civilisação não creou raizes entre os povos selvagens das regiões brasileiras.

No principio do seculo XVII, a America, segundo diz Herrera (*Descripcion de las Indias*, pag. 80), contava cinco arcebispados, vinte e sete bispados, quatrocentos conventos, etc., mas na realidade o effeito das missões sobre os indigenas havia sido nullo.

Pelo que deixamos dito vê-se que por toda a parte as missões catholicas tiveram os mesmos resultados; tanto na Asia, como na Africa e na America, a civilisação nada lucrou com a catechese nem com os supplicios a que se expozeram muitos missionarios. Os povos que tinham uma religião avançada e philosophica, como o budhismo, o brahmanismo, etc. e portanto que estavam n'um estado mental mais adequado para accitarem o dogmatismo e o metaphysismo christão, não abandonaram as crenças de seus antepassados pela doutrina que lhe prégavam os aven-

tureiros europeus. Se algumas conversões houve, foram por utilidade ou necessidade propria, e não porque tivessem convicções inquebrantaveis da religião que adoptavam. Os povos selvagens, n'um estado de civilisação rudimentar, ainda na phase fetichista, e sem as menores noções abstractas, não podiam levantar-se de repente á metaphysica christã, nem aceitar uma moral muito superior á sua mentalidade. Assim foram inuteis radicalmente todos os esforços dos missionarios, tanto das comunidades religiosas, como do clero secular.

As rivalidades entre as diversas ordens e as luctas dos frades com os sacerdotes, enfraqueciam constantemente a auctoridade dos missionarios aos olhos dos naturaes, que eram espectadores desprevenidos em face de scenas pouco edificantes e na realidade em contradicção manifesta com os principios e doutrinas que elles pré-gavam e ensinavam. Estas contendias eram mais um elemento negativo para o resultado civilizador das missões e contribuíram muito para o estacionamento da doutrinação christã principalmente no Hindustão. Ainda a isto se juntava o espirito mercantil e interesseiro, de que estavam eivados muitos dos missionarios, que se entregavam de preferencia ao commercio dos productos orientaes, do que á conversão do gentio. Este estado das missões prolongou-se até nossos dias; as missões do seculo actual não differem essencialmente das missões do seculo XVI; apenas a sua área de acção tem diminuido muito, porque

tambem tem diminuido em proporção o numero dos missionarios. Nos seculos XVII e XVIII por diversas vezes os governos procuraram melhorar este estado de cousas, mas todas as tentativas de reforma foram improficuas; os missionarios obraram sempre da mesma fórma e empregaram constantemente os mesmos processos de propaganda christã, sem poderem chegar a resultados positivos e seguros. Alguns auctores têm elogiado as missões lutheranas e anabaptistas, pondo-as em confronto com as catholicas, mas a verdade demonstrada pelos factos e pela historia das missões é que os protestantes não têm sido mais felizes do que os catholicos.

II

Para se poder fazer uma ideia clara do que foram sempre as missões catholicas nas possessões portuguezas, vamos recorrer a documentos officiaes e transcrever d'elles o interessante quadro que ellas appresentaram no seculo XVIII e que pouco differe, no geral, do seu estado anterior ou posterior. A situação das missões era tão vergonhosa que os ecclesiasticos buscavam esconder a verdade a seus superiores. Em carta de 2 de fevereiro de 1772, dirigida ao padre Pascoal Pinto, de Condolim, dizia o padre Caetano Victorino que o Nuncio o havia encarregado de fazer um relatorio sobre as missões, e que o fi-

zera servindo-se de apontamentos fornecidos por D. Antonio José de Noronha, bispo eleito de Halicarnasse e pelo desembargador Mendanha; e acrescenta:—«e d'esta sorte fiz huma serie de todas as missões, *sem declarar os seus estados actuaes para não desgostar a quem nos não que- reria ouvir,*» etc. ⁽¹⁾ Mas obrigando-o o Nuncio a escrever informações mais precisas, fugiu ainda quanto ponde do assumpto principal e tratou de generalidades banaes e de particularidades insignificantes de algumas missões.

Que verdades eram essas que o padre Cactano Victorino procurava esconder do Nuncio para não o desgostar? São decerto as que o mesmo padre alguns annos depois revelou n'umas Glo- sas á informação de D. Fr. Manuel de Santa Catharina, bispo de Cochim e governador do ar- cebispado de Goa. Eram em primeiro lugar a vida escandalosa, as desordens e luctas travadas em todo o dominio portuguez entre os religiosos regulares e o clero secular como se vê pelos se- guintes periodos, que o padre Victorino escreve a proposito de Cactano Francisco Couto que du- rante tres annos governou o bispado de Cochim: *«reprimindo o orgulho dos propagandistas, e es- tirpando os abusos até então pacificamente manti-*

(1) Apud *A conjuração de 1787 em Goa e varias cousas desse tempo.*—Memoria historica por J. H. da Cunha Rivara—Nova Goa. Imp. Nacional, 1875, pag. 68 e documento n.º 32 (pag. 49).

dos por aquelles chamados missionarios, reduzindo almas para o gremio da igreja catholica no lugar de Vencourt mais de cinco mil, que se baptisarão, fora innumeraveis apostatas que se unirão á igreja como é notorio. Occupado nesta fadiga teve que sustentar a escandalosa perseguição dos Frades Franciscanos, que vivião naquelle bispado a titulo de missionarios com procedimento escandaloso ao mesmo paganismo, mahometanismo, e aos protestantes, calvinistas, e luteranos, porque vendo os catholicos o suave modo de reformados costumes, e continuas predicas dos novos missionarios clerigos, conhecerão que aquelle modo dos frades era horroroso, e por isso recorrerão ao seu rei, para que excluísse os frades das suas parochias, appresentando-lhe os ditos christãos as mulheres e filhos dos seus falsos missionarios, por conhecerem que o dito reverendo governador não podia exclui-los pela protecção com que vivião dos mesmos pagãos, etc. . . (1)» Na glosa ao paragrapho segundo da informação diz que Pedro de Figueiredo, governador do arcebispado de Cranganor, «foi recebido por todo o seu rebanho com muita assistencia, mas teve muito que padecer em todo o decurso do seu governo, porque o jesuita Mathias Excerptentel, allemão, se tinha constituido cabeça daquelle governo, e unindo-se com os propagandistas intentou por todos os modos de o perturbar, e para isso se uniu com os Frades Franciscanos, que a titulo de mis-

(1) Ob. cit. doc. n.º 35.

sionarios andam dispersos por aquelle arcebispado, favorecidos por Fr. Antonio de Padua, e seus sequazes de Goa, e *armarão-lhe ciladas por todos os modos* para perturbar a paz, com que era recebido, e para removêlo do seu governo, e por isso *por vezes o accusarão de trahidor, e espia dos portuguezes, e outros tramam perante o tribunal do Nababo Aydar Ali Kan*, donde sempre saiu victorioso com confusão dos perturbadores, e ainda que cuidou naquelle rebanho incansavelmente para bem ordenal-o, com tudo *sempre o acompanhou a perseguição dos frades*, athé que foi chamado a Goa para tomar posse de inquisidor, como presentemente he, *custando-lhe esta retirada summo trabalho, e grande demora para se livrar das ciladas, e dos assassinos, que lhe puzerão pelo caminho o dito Fr. Antonio de Padua, e mais frades de Goa.*»

Como vemos por estas palavras, os religiosos não recuavam nos seus propositos indignos, nem sequer perante a ideia do assassinato, e esqueciam assim completamente a doutrina que pretendiam propagar. Que salutaes exemplos davam estes missionarios aos indigenas que se propunham catechisar! E distrahidos como andavam n'estas perseguições e intrigas mal podiam occupar-se da instrucção dos naturaes e do augmento da civilisação e do dominio do Christianismo n'aquellas paragens. Mas continuemos a transcripção; referindo-se a Fr. Manuel de S. Francisco diz na glosa ao paragrapho terceiro da informação: «Este Frade era commissario dos seus mis-

sionarios do bispado de Cochim, ou para melhor dizer, protector e defensor dos Frades, que vivião naquelle bispado sem alguma religião, e querendo o dito padre Caetano Francisco Couto corrigil-o, fugiu para o arcebispado de Cranganor, no qual o constituiu governador, por achar nelle todos os merecimentos, e *particularmente, escandalosos no mesmo arcebispado, e para poder viver com mais segurança, e maior consolação nos seus vícios, lhe deu cinco Frades da Madre de Deos, quando nunca estes Frades da Madre de Deos forão capazes para tal emprego, assim por ignorantes, como por escandalosos.*» (1) Os frades não eram só escandalosos, ignorantes e máus; chegavam mesmo a pegar em armas contra as autoridades portuguezas como se vê da glosa ao paragrapho 5.º sobre a missão de Timor: «Esta missão, diz o padre Victorino, foi dos Frades Dominicos de Goa, aos quaes indo corrigir o bispo D. Fr. Geraldo da mesma ordem, *o perseguirão de tal modo, que se vio obrigado a fugir em huma noite da dita ilha para Maissur, aonde veio acabar-se fóra de si, deixando terror aos que lho quizessem seguir, como até o presente ha trinta annos que não teve successor; e por fim indo ordem da corte para se recolherem aquelles Dominicos para Goa, estes puzerão em armas, e pelejarão contra S. Magestade de modo que hum dos Frades morreu no conflicto com armas na mão,*

(1) Ob. cit. pag. 57—doc. n.º 35.

etc. (1)» N'uma compilação que o padre Caetano Victorino de Faria fez d'estas glosas para ser apresentada á rainha D. Maria I diz: «Nunca esteve a religião catholica tão desordenada e abatida na India como no presente estado em que ella se acha destituida de pastores, semeada de vicios, corrupta de moral, e perseguida ainda dos mesmos ecclesiasticos, de modo que se póde dizer livremente—*Filii Matris meae pugnauerunt contra me.*» (2) N'estas palavras está descripto com toda a precisão o verdadeiro estado das missões catholicas no seculo XVIII.

Talvez alguém dê por suspeito o padre Caetano Victorino em razão da rivalidade que sempre existiu entre os religiosos e o clero secular; e na verdade não seria digno de inteiro credito se não houvesse mais documentos, que viessem confirmar as extraordinarias affirmações feitas nos periodos transcriptos. Felizmente existem provas de outra natureza e mais dignas de fé como são officios do vice-rei, do secretario de Estado, e de outras autoridades competentes. Já em 1734 escrevia para Lisboa o conde de Sandomil, vice-rei da India, em carta escripta de Goa e datada de 19 de janeiro: «Sendo muitos os religiosos n'esta cidade, e vindo todos d'esse reino com o titulo de missionarios, ainda não ouvi vozes de missão n'ella, nem o máo exemplo,

(1) Idem, idem.

(2) Ob. cit. pag. 63.

que a maior parte d'elles costuma dar com as suas acções, daria logar a que fizessem fructo as suas palavras; e como a largueza de consciencia, com que n'esta terra se vive, necessita muito de ministros evangelicos, que com espirito, e exemplo reprehendão os vícios, e para este ministerio costumão ser mais a proposito aquelles de quem são desconhecidos os peccadores, parece-me muito necessario que V. Magestade se sirva de mandar alguns missionarios de Varatojo, ou Brancanhes, e que depois de trabalharem dous ou tres annos n'este Estado, voltem para o Reino, e venhão outros em seu logar.» ⁽¹⁾ O conde de Sandomil depositava tanta confiança nos missionarios e no meio em que tinham de desenvolver a sua acção, que os pedia dos que gosavam de melhores creditos e ainda assim não se deveriam demorar mais de tres annos nas missões, sob pena de se corromperem e de seguirem as pisadas e os exemplos dos que residiam desde muito nas colonias portuguezas! Dois annos antes, em 25 de setembro de 1732, procurara D. João V por uma provisão regular interinamente as relações entre os bispos do Ultramar e as ordens religiosas afim de suspender as continuadas luctas que entre elles havia com prejuizo dos interesses nacionaes e da conquista das almas para a religião christã. As cousas, porém, não melhoraram no meio se-

⁽¹⁾ Livro das Monções n.º 102 fl. 697 apud ob. cit. pag. 77.

culo decorrido até á época em que escreve o padre Caetano Victorino. N'uma representação dirigida ao arcebispo de Goa diziam os christãos de Cochim: «Ha doze annos que vieram mandados de Goa para cá os Religiosos Franciscanos para augmentar a fé, e elles em lugar de o fazerem, a tem diminuido, *occasionando e causando com seus mãos procedimentos a nós a infamia, tomando por força as nossas mulheres, e raparigas por suas concubinas, como que fossem elles seus maridos: causando a nós o onus de criar, e sustentar os seus filhos, de que nos queixando com elles, não davam castigo, assim por suas mãos, como por pessoas do Rey, subornando-as; . . .* » (1) O que succedia em Cochim dava-se egualmente em todas as possessões portuguezas, os desregramentos dos sacerdotes regulares desacreditavam as missões e tiravam todo o prestigio á autoridade constituida; eram mesmo uma ameaça permanente para o dominio portuguez nas colonias. O arcebispo primaz do Oriente, considerando que era mais prejudicial do que util para o estabelecimento do Christianismo n'aquellas partes a propaganda confiada aos missionarios franciscanos, dominicos, e outros, em 11 de fevereiro de 1775 tirou as missões a todas as ordens religiosas regulares. Esta medida energica e sensata foi mal

(1) Ibidem n.º 168, fl. 134—apud ob. cit. pag. 32 doc. n.º 15. Enviado com outros por Martinho de Mello e Castro, secretario de Estado, ao bispo de Cochim na monção de 1779.

acolhida em Lisboa, como não podia deixar de ser n'uma côrte fradesca e fanatisada como a de Maria I, e em 20 de abril de 1777 o secretario de Estado, Mello e Castro, ordena em nome da rainha ao arrojado arcebispo que restitua todas as missões ás ordens que as possuíam, e que ponha tudo no mesmo estado em que estava antes da famosa resolução tomada em 1775. O arcebispo teve de cumprir as ordens regias e em 3 de março de 1778 escreveu aos superiores das ordens participando-lhes a vontade do governo de Lisboa.

Mas bem depressa a verdade sobre as missões do Oriente chegou ao conhecimento do secretario de Estado; e, apesar da protecção dispensada aos religiosos pela rainha, Martinho de Mello e Castro viu a necessidade urgente de proceder a reformas, que transformassem o estado lamentavel em que se achavam todas as missões, e levantassem o espirito publico á altura da moral catholica que os missionarios prégavam. Em alvará de 5 de março de 1779, dado em Salvaterra de Magos e dirigido ao bispo de Cochim, lê-se a seguinte recommendação:—«Quanto ás Missões estabelecidas nas differentes partes do Oriente sujeitas, ou suffraganeas do arcebispado de Goa; este he um negocio que sobre todos se faz mais digno do vosso pastoral cuidado e vigilancia: e como toda a felicidade e prosperidade das ditas missões consiste essencialmente em se destinarem a ellas missionarios, que não só com as suas doutrinas, mas com os seus exem-

plos fortifiquem os povos christãos na perseverança da fê, na communhão do christianismo e no gremio e obediencia da igreja catholica: e toda a ruina das mesmas missões provenha principalmente de serem empregados nellas missionarios, que com relaxação e estrago da disciplina regular e monastica, em lugar de edificarem, servem somente de perturbação aos fieis, e de escandalo até aos mesmos gentios; para vos poderdes conduzir sobre esta importante materia com o devido acerto; logo que chegares a Goa, vos deveis informar do estado, em que se achão as referidas missões; etc.» O alvará continua recommendando ao bispo de Cochim que trate de indagar miudamente, quer por si, quer por visitadores dignos de confiança e imparciaes, do estado das missões, se os missionarios cumprem com os seus deveres «ou se pelo contrario não tem de missionarios mais que o nome, só cuidão em accumular riquezas pelos reprovados meios de negocio e do commercio, opprimindo e vexando os povos com extorsões e praticando outros desmanchos diametralmente oppostos ao santo ministerio, que lhes foi confiado. Logo que vos achares bem instruido de tudo o que houver a este respeito, e tão certo nos factos, que vos não surprendão com sinistras e dissimuladas informações, que não deixão de ser muito frequentes e usuaes na India; louvareis os missionarios, que se tiverem comportado com espirito apostolico, imitando nas virtudes, santidade, zelo da religião, e bem das almas, os santos patriarchas e fundadores das ordens religiosas,

de que são filhos; e procedereis com toda a severidade, que vos permitem e prescrevem os canones, contra os perversos, iníquos, e incorrigíveis, fazendo-os não só sahir das missões, onde não servem senão de escandalo, mas mandando-os processar, sentenciar, e executar as sentenças contra elles proferidas, segundo a gravidade das suas culpas.»

Para evitar «os embaraços, contestações, e disputas, que com tanto prejuizo da egreja se tem até agora agitado nos meus dominios ultramarinos entre os prelados diocesanos, e as Ordens regulares por conta dos seus privilegios e isenções» o alvará era acompanhado de um decreto em que se determinava a autoridade dos bispos sobre todas as ordens religiosas. ⁽¹⁾ Como se vê no alvará ha referencias apenas muito geraes á desorganisação e ao estado decadente das missões, e occupa-se de preferencia a traçar a linha de conducta do bispo de Cochim no inquerito e reforma que ficava a seu cargo.

Este alvará, porém, foi acompanhado de algumas cartas do secretario de Estado para o mesmo bispo em que se occupa mais detidamente das missões e dos missionarios, baseando-se em documentos e provas existentes na secretaria. Eis as palavras de Martinho de Mello e Castro: «Pelo que respeita ao artigo das Missões, devo dizer a V. Ex.^a que ainda que ellas se achem

(1) Ibidem n.º 168, fl. 113, doc. n.º 43 apud ob. cit. pag. 73 e 74.

confiadas ás Ordens regulares de S. Domingos, da Graça, de S. Francisco e de S. Filippe Nery, e que os augustos Monarchas, predecessores da Rainha nossa senhora, descansassem sobre o zelo e cuidado das mesmas ordens para conservar, augmentar, e promover a nossa santa fé catholica nas referidas missões por meio de religiosos missionarios, ornados de letras e virtudes, e de hum espirito verdadeiramente apostolico, que mandassem a ellas; *huma triste e fatal experiencia tem mostrado tudo o contrario*, e que as missões de Solor e Timor, e de Moçambique e Rios de Sena confiadas á Ordem regular dos Gracianos, as de Cochim, e Costa de Malabar confiadas á Ordem regular de S. Francisco; e ainda as de Ceilão confiadas aos padres de S. Filippe Nery; *se acham todas reduzidas ao maior desamparo excepto as ultimas, onde os escandalos não são tão conhecidos e publicos.*» (1) E' preciosa esta confissão do secretario de Estado, de que a experiencia tem mostrado a inefficacia das missões confiadas ás ordens religiosas. Mas ha ainda mais. Na mesma carta acrescenta: «Todo o cuidado das referidas Ordens se dirige a conservar cada huma das missões, que lhe estão incumbidas, não permittindo que outro algum religioso, ou ecclesiastico secular se intrometta nellas: a obrigação porém de mandarem para as ditas missões religiosos habeis, e exemplares, que edifiquem em logar de escandalisar, que apascentem

(1) Ibidem apud ob. cit. pag. 79, doc. n.º 44.

as ovelhas em lugar de lhes tirar a lã, que sejam enfim verdadeiros pastores, e não lobos vorazes; isto infelizmente tem devido até agora muito pouco cuidado aos prelados das referidas religiões; e as relações e documentos que se achão nesta secretaria de Estado, são provas constantes da situação deploravel, em que as ditas missões se acham...» (1) Na verdade era preciso que as provas da corrupção e dos abusos dos missionarios fossem numerosas, para que um ministro da fanatica Maria I fallasse d'este modo.

As torpezas dos missionarios eram de toda a ordem, como se conclue das cartas do secretario de Estado. N'uma d'ellas ordenava ao bispo de Cochim que prohibisse «aos ditos missionarios, e ainda aos vigarios geraes terem escravos seus, e quando a qualidade do paiz, e circumstancias d'elle exigirem por necessidade indispensavel alguma escravatura, esta se lhes deve permittir com tal moderação e cautella, que não exceda por modo algum a que fôr meramente precisa.» (2)

Uma das causas, que mais contribuia para a relaxação dos missionarios e descredito das missões, era o commercio feito pelos religiosos; estes eram antes de tudo mercadores, preferindo á conquista das almas o trafico dos generos e especiarías do Oriente que lhes deixavam lucros fabulosos. O ouro em pó, o algodão, as sedas, o sandalo, o marfim, a pimenta, etc. que recebiam

(1) Idem, ibidem, pag. 80.

(2) Idem fl. 117—ibidem pag. 84, doc. n.º 45.

como esmolos, ou extorquiam por qualquer meio aos naturaes, eram vendidos por elles em proveito proprio e com prejuizo da disciplina das ordens e dos interesses da patria e do catholicismo. Sobre este assumpto escreve Mello e Castro ao bispo: «Consta nesta secretaria de Estado por varias cartas, queixas, e representações, *acompanhadas de muitos documentos e provas*, que geralmente em todas as missões confiadas ás Ordens regulares se pratica sem algum reboço pelos mesmos regulares missionarios hum trafico e commercio semelhante ao que se faz nas casas dos negociantes seculares; e sendo esta relaxação tão publica, como geral, e não a tendo cohibido os prelados maiores, a quem ella pela sua publicidade, além de outras razões, não pode ser occulta, he evidente que se pratica, e prosegue nas referidas missões com conhecimento, ou pelo menos com tolerancia dos ditos prelados maiores; e nesta certeza que fructos espirituaes se podem esperar de huns missionarios, os quaes em lugar de se empregarem todos no serviço da Igreja, e bem das almas, misturam este ministerio sagrado com os interesses profanos?» ⁽¹⁾ Mais adeante na mesma carta diz: «*O escandalo que os ditos religiosos tem dado nas ilhas de Timor e Solor consta igualmente das devassas, que alli se tiraram, e que param nas mãos do prelado da dita Ordem, a quem se remetteram; e constam da mesma sorte do*

(1) Idem fl. 121, doc. n.º 46—ibidem pag. 85.

espolio, que se achou a tres dos mesmos religiosos, do qual depois de se haver extorquido grande parte pelos exactores destas diligencias, e de se commetterem outros descaminhos, com que os particulares cuidaram em se aproveitar do que puderam extraviar dos ditos bens, o restante delles, que se pode vender em hasta publica, montou ainda assim 28:559\$800 réis, que são setenta e hum mil cruzados, fazendo incrível que em huma conquista tão pobre, tão miseravel, e tão destituida de meios, tivessem ainda assim a arte tres missionarios para adquirirem nella a grande somma, que fica acima indicada; e se isto aconteceu em Timor e Solor, bem se pode entender qual será o cabedal que terão adquirido os outros religiosos da mesma Ordem em Moçambique e Rios de Senna com os preciosos generos de ouro e marfim, em que aquella conquista abunda, e que fazem os dous preciosos ramos do seu trafico e commercio.» (1) Effectivamente n'estas possessões succedia ainda peor; os sacerdotes não iam administrar os sacramentos senão á custa de bom dinheiro, como refere o padre Caetano Victorino nas suas glosas á informação; «e tal he o esquecimento de si, e da religião catholica, affirma o mesmo ecclesiastico, que mandando S. Magestade triennialmente um destes Frades com o titulo de capellão da guarda do imperador de Menomotapa, cuidão os Frades que este titulo não he para mais que

(1) Idem, ibidem, pag. 86.

para adquirir naquelle triennio o quanto puderem para se recolherem a Goa.» (1) De todos os religiosos os que gosavam de melhor nome eram os congregados de S. Filippe Nery; mas d'estes mesmos diz Mello e Castro: «he sem duvida que no comportamento pessoal, na decencia, e na modestia são exemplares os ditos padres, e que nisto se distinguem muito de todas as Ordens regulares da India; mas tambem he certo que no trafico mercantil, e nos interesses, e extensão do commercio, não só as imitam, mas excedem muito, ainda que o praticam com grande disfarce, e muita parte d'elle por terceiras pessoas.» (2) E eram estes os melhores dos missionarios!

Pelos trechos transcriptos e como elles podiamos citar muitos mais, avalia-se bem o estado das missões no seculo XVIII e comprehende-se o que pode dar o Christianismo como elemento civilizador. As missões catholicas nas collonias portuguezas foram sempre um elemento negativo da civilisação. As colonisações mercantis hollandeza e ingleza, comparadas com o dominio portuguez na Africa, na Asia e na America provam sufficientemente a inutilidade das missões catholicas.

(1) Ob. cit., doc. n.º 35.

(2) Ob. cit. doc. n.º 46, pag. 88.

.III

No seculo XIX a propaganda christã não tem dado melhores resultados. As relações dos viajantes que têm visitado os territorios das missões dizem-no bem alto; e muitas autoridades ecclesiasticas o confessam francamente. Na Africa, na Australia, na America, por toda a parte o successo é o mesmo; soria difficil citar excepções.

O dr. Adolfo Bastian na sua viagem ao reino de Sião em 1863 ⁽¹⁾ observa que os missionarios americanos, como medicos, têm influencia nas classes medias de Baugkok e que gosam em paz de estabelecimentos consideraveis; mas que a religião official nada soffre com a concorrência do catholicismo. A doutrina christã foi ali introduzida no seculo XVI pelos portuguezes e nos trezentos annos decorridos não tem ganho terreno; as communidades catholicas conservam-se isoladas e sem a menor influencia sobre a marcha geral dos negocios publicos. O acontecimento mais importante d'aquella época na esphera religiosa havia sido a descoberta de um elephante branco nas florestas de Laos e a sua trasladação para o templo de Baugkok, com tanta solemnidade e

(1) *Die Voelker des ostlichen Asien. Studien und Reisen. Tomo III Reisen in Siam im Jahre 1863.*

devoção, como se o Christianismo fosse ali absolutamente desconhecido.

N'uma sessão da Sociedade anthropologica de Londres, em 1866, fizeram-se revelações importantes e curiosissimas sobre este assumpto. Ahi Winwood Reade, segundo o interessante resumo d'esta sessão feito por Letourneau ⁽¹⁾, disse: «Observei no Gabon que apesar do zelo e da seriedade dos missionarios americanos os seus proselytos não são mais sinceros, nem mais virtuosos, do que os indigenas pagãos; pois que os meus creados sendo christãos, acreditando em Jesus e recusando-se a trabalhar aos domingos, faziam restricções mentaes no oitavo mandamento; e que as mulheres d'elles, como vi e ouvi, estavam do mesmo modo promptas a infringir o setimo. Para fallar com franqueza vi que toda a preta christã era prostituta, como todo o christão preto era ladrão.» Walker que residira na Africa durante quatorze annos confirmou as palavras de W. Reade. Segundo a opinião d'este, os pretos africanos baptisam-se em massa, porque crêem que o deus christão é mais forte do que os fetiches que elles adoram; esta mudança, não de religião, mas de fetiches, não influe no comportamento moral dos pobres selvagens, que nem sequer podem comprehender os dogmas catholicos. Burton veio reforçar as palavras dos oradores que o precederam, o proclamou a inutilidade e mesmo os deploraveis resultados das missões christãs en-

(1) *Science et matérialisme*, pag. 386.

tre os negros da Africa. As munições exteriores obtêm-se facilmente d'elles; as egrejas estão sempre cheias; os domingos e dias santos guardam-se religiosamente, porque os pretos amam sobre tudo o descanso; as crenças christãs não substituem as antigas; amalgamam-se com ellas; a moral não soffre modificação. «Na Serra Leôa, quartel general das missões na costa occidental da Africa, as mulheres não conhecem a honestidade, nem os homens a honra. O roubo é o movel dominante da população, e os hospitaes regorgitam de syphiliticos.» Em Fernando Pó, os vestidos dos indigenas têm apenas meio pé de comprimento; os missionarios, estabelecidos n'esta ilha desde 1858, não puderam conseguir ainda que as mulheres adoptassem vestuarios mais decentes. No Aschanti os padres estenderam o seu campo de acção até Komasi; mas o rei aqui residente continua a imolar um homem cada dia em honra do seu deus, sem que o Christianismo tenha exercido a minima influencia civilisadora. Harris (de Sherbro) confirma as palavras de Reade e Walker com a sua propria experiencia, adquirida em dez annos de vida na Serra Leôa, e acrescenta entre outras cousas que a polygamia é um uso impossivel de desarreigar; até os missionarios a adoptam. As enormes sommas gastas com as missões não produzem fructo algum. Mesmo as crianças educadas pelos missionarios e que perdem as superstições e os costumes patrios não conseguem destruir pelo Christianismo os instinctos hereditarios. Burton avança mais, affirma

que os indigenas convertidos ao Christianismo são os mais desmoralizados da raça, chegando a inspirar horror aos proprios pagãos, como succede na Serra Leôa. Para este anthropologo os relatorios dos missionarios não são dignos de credito; a maior parte d'elles são fabricados em Londres *in majorem populi injuriam*. Burnard Owen, defensor das missões, confessa que os missionarios catholicos pouco tem conseguido, mas crê que os protestantes ganham terreno, lenta e firmemente. O bispo do Natal, J. W. Colenso, enumerando os obstaculos ao rapido successo das missões, diz que em primeiro logar a acção dos missionarios, sendo nulla sobre os selvagens adultos, é quasi neutralizada pela da familia sobre as crianças que não se separam de seus paes. Mas antes da acção ha ainda um obstaculo enorme que é a ignorancia da lingua dos indigenas e os equivocos causados pela má traducção dos textos, e principalmente a difficuldade para a introdução de ideias abstractas e novas para os selvagens. As discussões espinhosas são tambem um rude obstaculo, porque o bom senso dos indigenas muitas vezes atrapalha os missionarios. O bispo do Natal encontrou-se uma occasião muito embaraçado para responder a um selvagem que lhe perguntou pelo pae de Satan. Para maior infelicidade ainda, quando os missionarios não são ignorantes, são apenas theologos; e o bispo confiaria mais no resultado da propaganda se elles fossem tambem medicos, mechanicos ou agricultores. Esta opinião do reverendo Colenso é

digna de notar-se, como um testemunho insuspeito por partir de um ecclesiastico.

Bastantes provas confirmam estas afirmações. Citaremos algumas. Como haviam os missionarios de traduzir ideias abstractas, como *Deus* e *alma*, ⁽¹⁾ completamente incompreensíveis para muitos selvagens? Estavam n'este caso os indigenas da California, segundo diz o padre Baegert, e os Zulus como affirmam varios missionarios. Moffat ⁽²⁾ explicava um dia a ideia de Deus a um chefe Zulu, quando este ultimo exclamou de repente: « Oh! como eu desejava poder chegar-me a elle para o trespassar com a minha lança! » E era um chefe intelligente, observa o missionario. Estas palavras do Zulu indicam o seu bom senso que não podia admittir a divindade absurda de Moffat, o deus creador de todas as cousas — tanto do bem como do mal. Tambem entre algumas tribus arabes se dá o mesmo. « Os Beduinos selvagens, diz Burton ⁽³⁾, perguntam-vos onde se póde achar Allah; e, se se inquerer a causa, respondem: Se os Eesa conseguissem encontral-o elles o trespassariam em seguida a lançadas, porque é elle que destroe as suas casas

(1) Vid. o nosso ensaio anterior sobre as *Origens das religiões* onde nos occupamos mais extensamente do modo como se formaram as ideias abstractas de *Deus* e *alma*.

(2) Lubbock *Orig. de la civ.* pag. 323.

(3) *First footsteps in East Africa*, pag. 52 apud Lubbock ob. cit. pag. 210.

e faz perecer os seus animaes e as suas mulheres.» Com a alma dá-se o mesmo entre alguns povos. Bik tratando dos Arafuras de Vorkay ⁽¹⁾ diz: «Não têm a menor ideia da immortalidade da alma. A todas as minhas perguntas sobre este objecto respondiam: Nenhum Arafura voltou depois da morte, não podemos pois saber se ha uma vida futura; além d'isso é a primeira vez que ouvimos fallar em tal.» Um amigo de Lang ⁽²⁾ «procurou bastante tempo e com muita paciencia fazer comprehender a um Australiano, muito docil e muito intelligente, a existencia independente da alma, mas o selvagem a custo podia conservar-se sério e achava ordinariamente uma desculpa para se afastar. Um dia elle seguiu-o e viu que ia para um canto rir a bom rir da ideia absurda de que um homem podesse viver e mover-se sem braços, sem pernas e sem bocca para comer. Durante muito tempo não poudé acreditar que o branco fallasse sério, e quando se convenceu, quanto mais sério se tornava o branco, tanto mais o Australiano considerava ridicula a ideia.» Como se vê a intelligencia do selvagem não pode perceber as ideias abstractas de *Deus* e *alma*, e o bom senso natural recusa-se a aceitar essas abstracções puramente ideaes, miragens subjectivas, devidas a especulações theologicas e metaphysicas. Como poderiam os selvagens compre-

(1) Apud Lubbock, ob. cit. pag. 209.

(2) *The Aborigenes of Australia* pag. 31 apud Lubbock ob. cit. 369.

hender os missionarios e aceitarem a doutrina catholica? Os dogmas e os mysterios da crença são absurdos para os espiritos mais lucidos das tribus indigenas da Africa, da America e da Australia; a logica pratica d'estes cerebros condemna sensatamente as visualidades e o subjectivismo dos christãos. O dogma da resurreição dos corpos ensinado pelos missionarios aos habitantes do Taiti, era para estes *assombroso e incrivel*, e, diz Ellis, ⁽¹⁾ «á medida que este assumpto tornou a voltar maior numero de vezes á scena, nas predicas ou na leitura dos livros santos, e que elles foram por conseguinte obrigados a prestar-lhe attenção e a fazer a applicação aos seus antepassados, a si e a seus descendentes, pareceu-lhes rodeado de grandes difficuldades, para não dizer impossibilidades.»

As missões muitas vezes têm produzido resultados oppostos aos desejados; não só não civilisam os indigenas, como pretendem, mas ainda lhes viciam e corrompem os costumes e os dotes naturaes. Rose tinha razão e fazia inteira justiça quando escreveu estas palavras citadas por Quatrefages: «Os povos são simples e confiantes quando chegamos, perfidos quando os deixamos. De sobrios que eram, nós os fazemos bebados; de corajosos, cobardes; de homens honestos, ladrões.» Na verdade esta grave accusação não se

(1) *Polynesian Researches* t. II pag. 165 apud ob. cit. pag. 569.

dirige só aos missionarios; refere-se a todos os Europeus que têm tido contacto com os selvagens; mas aos missionarios cabe uma grande parte de responsabilidade na degeneração e na decadencia das tribus indigenas. As arbitrariedades e injustiças que os padres commettem para com os naturaes contribuem muito para essa mudança. E não se julgue que exageramos. Ainda ultimamente na camara dos deputados em Londres se fizeram sérias accusações aos missionarios protestantes. O dr. Cameron chamou a attenção do governo britanico para os castigos barbaros infringidos pelos missionarios aos indigenas da Africa e pediu que se prohibisse o exercicio da jurisdicção criminal a todos os individuos que não tivessem nomeação especial ou não estivessem investidos d'essa autoridade. Os missionarios inglezes em Blantyre castigaram um preto, que roubara uma insignificante porção de chá, com 200 chibatadas, de que lhe resultou a morte poucas horas depois. Estas violencias têm os mais tristes resultados. Laplace, ⁽¹⁾ occupando-se dos indigenas do Taiti, escreveu: «A população não tomou de nós mais do que os vicios, e vale menos do que valia antes de receber as nossas lições. Encontra-se hoje, apesar de christã, completamente desorganizada, envilecida moral e physicamente.» Tambem Dumont d'Urville ⁽²⁾

(1) Apud *La Science politique* n.º 3 pag. 220.

(2) Idem ibidem.

dizia: «Elles sugaram os nossos vícios e prestam-se com ardôr ás desordens da embriaguez e da libertinagem.—A população innocente, infantil, meiga, descuidada e alegre cedeu o lugar a uma multidão immunda, maltrapilha, astuciosa e vil, devassa e venal. Os missionarios faltaram completamente ao seu mandato.»

Podíamos accumular n'estas paginas provas sobre provas, que viessem em abono de tudo quanto deixamos escripto, e citar um grande numero de opiniões auctorisadas, que viessem confirmar tudo o que temos avançado n'este ligeiro trabalho; parece-nos, porém, sufficientemente demonstrada a nossa these, isto é, que tem sido nulla em geral a influencia das missões christãs para a civilização das raças atrasadas, com rarissimas excepções e estas mesmas insignificantes nos resultados obtidos. Muitas vezes, além de ser inutil a acção dos missionarios, tem sido prejudicial para as populações selvagens que degeneram rapidamente pela corrupção dos costumes rudimentares, mas sãos.

IV

A causa principal da inefficacia das missões religiosas para civilisar os povos atrasados está na differença da cultura intellectual e na variedade de aptidões entre as diversas raças humanas. Reade na celebre sessão da Sociedade Anthropologica de Londres, já por nós citada, disse

crer que uns poucos de homens não podem converter um continente, senão com a condição de introduzirem n'elle uma religião bem adaptada ao estado moral da raça que o habita (1). Le-tourneau desenvolve mais esta ideia e corrobora-a dizendo que o deploravel resultado das missões, e «os progressos recentes das sciencias anthropologicas dão facilmente a verdadeira razão, que é a desigualdade cerebral das raças humanas. A cada typo physico humano correspondem necessariamente aptidões moraes e intellectuaes rigorosamente correlativas.» (2) Esta profunda verdade tem sido constantemente desconhecida tanto pelos missionarios, cujos vãos esforços deveriam levar o convencimento d'isto a todos os espiritos, como pelos governos e pelas individualidades, que ateimam irreflectidamente em empregar ou em defender este systema de civilisar as colonias. Contra todas as leis das sciencias e contra a observação e a experiencia de seculos, continua-se a recommendar a propaganda religiosa como o melhor elemento civilizador. Tal é a força da rotina,—a inercia das intelligencias,—que as não deixa ver uma verdade scientifica rigorosamente demonstrada por factos biologicos e sociaes. Os cerebros que ainda advogam as missões religiosas estão no mesmo estado d'aquelles que, apezar de conhecerem as leis da astronomia,

(1) *Science et Materialisme*, pag. 388.

(2) *Idem*, pag. 392.

crêem que Josué fez parar o sol para o exercito escolhido de Deus acabar de destroçar o inimigo!

Talvez nos façam uma objecção. Talvez nos observem que as missões catholicas podiam ter-se desenvolvido na India, pois que o estado mental d'aquelles povos é mais conforme, senão identico, ao estado mental dos christãos e que além d'isso tanto uns como outros pertencem á grande familia indo-europêa; não havendo portanto differenças profundas de raça, como se dão entre os Europeus e as tribus africanas ou australianas. Com effeito no Hindustão existe o elemento Arya, sobreposto a outras camadas de raças inferiores, e as religiões predominantes são monotheistas e atheistas ou, para fallarmos com mais propriedade, metaphysicas como o Christianismo. São essas religiões o buddhismo e o brahmanismo, mas a par d'estas domina ainda nas classes populares e escravas o fetichismo, e quando muito um polytheismo rudimentar. O mesmo succede entre nós; o Christianismo ou o catholicismo não é comprehendido pelo maior numero, pelo povo ignorante e rude das aldeias e campos; ahi por toda a parte predominam as superstições e formulas fetichistas; as imagens dos santos, os Christos e as Virgens são outros tantos deuses ou fetiches, que os camponezes brancos e estupidos adoram materialmente. Ao contemplar este estado mental dos paizes catholicos poderiamos perguntar: Que tem feito o catholicismo no seio das nações civilisadas? Como pretendem os missionarios catholicos civilisar os povos selvagens, se em dez

seculos não conseguiram civilisar o meio em que vivem? A verdade é que toda a civilisação di-
mana dos progressos scientificos e industriaes.

Mas voltemos ao Oriente. O Christianismo en-
contrava-se na India em face de religiões tam-
bem metaphysicas, como as mencionadas ou
como o islamismo que tinha ali alguns adeptos;
encontrando-se com doutrinas irmãs, ou com dou-
trinas d'onde recebera muitos elementos, tinha de
luctar inutilmente para as supplantar, pois que
não representava um progresso sobre ellas, nem
tinha condições superiores de desenvolvimento.
Foi o que aconteceu; o Christianismo, estabele-
cendo-se na costa, onde os Europeus fundavam
fortalezas ou feitorias, não conseguiu estender a
sua area de acção para alem dos limites a que
chegaram as armas dos conquistadores portu-
gueses. Ahi mesmo o dominio da religião christã
era tão effectivo e tão consciante para as popu-
lações subjugadas, como o havia sido anterior-
mente o dominio do buddhismo ou do brahma-
nismo; isto é, o fetichismo popular adaptava ás
suas crenças e ás suas formulas a religião dos
dominadores.

Eram christãos só em nome. Se se dava este
phenomeno entre povos sujeitos desde muito ás
crenças superiores do brahmanismo e do buddhis-
mo; se mesmo na Europa o Christianismo não
consequira nunca desarreigar as superstições pó-
pulares e os restos dos cultos fetichistas; como
havia de eliminar essas crenças rudimentares de
cerebros tão atrasados e tão improgressivos, como

os dos pretos da Africa ou os dos selvagens da America e da Australia?

Bastam umas ligeiras noções de anthropologia para se conhecer a inferioridade das raças africanas, australianas e americanas em comparação á indo-europêa, áquella que mais tem caminhado e cuja civilisação é a mais adiantada. Não nos deteremos a fazer a comparação anatomica e physiologica d'estas raças; limitar-nos-hemos a consignar aqui algumas notas sobre a capacidade craneana e o indice cephalico, que variam com o estado intellectual de cada raça. Extrahimos estas notas do bello livro de Topinard—*L'Anthropologie*. Eis algumas medias da capacidade intellectual, segundo as observações de Broca:

124 Parisienses.....	1:558
85 Pretos da Africa occidental.	1:430
18 Australianos	1:347

Medias de algumas medidas tomadas por Morton:

38 Europeus	1:534
79 Pretos de Africa.....	1:364
10 Pretos da Oceania.....	1:234
164 Americanos	1:234

O indice cephalico, segundo as medias de Broca é o seguinte:

384 Parisienses (<i>mesaticephalos</i>).	79,50
--	-------

85 Pretos da Africa occidental (<i>dolichocephalos verdadeiros</i>).....	73,40
27 Australianos (<i>idem</i>)	71,49

Segundo Davis:

39 Inglezes	77,0
28 Australianos	71,8

O indice cephalico dos Americanos aproxima-se dos Europeus (78, 12—79, 16—79, 25 segundo Broca); esta raça é mesaticephala, mas se n'este character é identica aos povos superiores, n'outros, como na capacidade craneana, fica ainda abaixo das outras raças inferiores. ⁽¹⁾

Se passarmos a considerar as linguas e os dialectos dos selvagens encontramos identica inferioridade, a mais absoluta falta de termos que

(1) Damos aqui em nota algumas medias da capacidade dos craneos e do indice cephalico, colligidas por Havelacque no seu novo livro *Les débuts de l'humanité*, pag. 171-4. O primeiro numero indica a capacidade dos craneos masculinos, o segundo a dos femininos, e o terceiro o indice cephalico:

Auvernhezes	1.598.....	1.445.....	84
Baixo Bretões	1.564.....	1.366.....	81
Bascos hespanhoes.....	1.574.....	1.356.....	78
Esquimós	1.539.....	1.428.....	71
Novo Caledonianos.....	1.460.....	1.330.....	?
Negros da Guiné.....	1.430.....	1.251.....	73
Australianos.....	1.329.....	1.298.....	71

exprimam ideias abstractas. As observações dos viajantes provam-o exuberantemente. Fallando dos indigenas do Brazil dizem Spix e Martius que em vão se procuraria nos seus dialectos «palavras para exprimir as ideias abstractas de planta, de animal, e para as noções ainda mais abstractas de côr, de tom, de sexo, de especie, etc.; o unico traço de uma generalisação de ideias que se encontra entre elles, é o que se exprime nos infinitos de verbos, de que fazem um uso frequente, andar, comer, beber, dansar, cantar, escutar, etc.» ⁽¹⁾ O que se dá com os indigenas do Brazil, dá-se do mesmo modo com os Africanos e Australianos e mesmo com alguns povos da India. O selvagem, não tendo termos que exprimam noções e ideias abstractas, por fórmula alguma pôde elevar o espirito ainda ás mais fracas especulações metaphysicas. Aquelles que os missionarios e os viajantes classificam de intelligentes, esses mesmos não podem sair dos grãos mais simples da capacidade intellectual; cançam-se apenas os chamam para um gráu mais complexo ou quando a conversa se prolonga por algum tempo. Burton affirma fallando dos Africanos orientaes, que «dez minutos bastam para fatigar o mais intelligente d'entre elles, quando se lhe fazem perguntas sobre o seu systema numerico.»

Estas provas de inferioridade das raças sel-

⁽¹⁾ Herbert Spencer *Principes de sociologie*, vol. 1 pag. 127.

vagens são confirmadas pelo seu estado rudimentar, tanto na religião, como nos costumes, nas artes, nas formas sociaes, etc. Citaremos alguns exemplos, começando pela familia, pelo parentesco. Todos sabem que o gráu mais inferior, mais primitivo do parentesco é a filiação pela mulher, o *matriarcado* como lhe chamam alguns escriptores. O parentesco vem pela linha feminina, como a herança; o filho não é o herdeiro do pae, mas sim do tio, irmão da mãe. Este costume é geral entre as tribus africanas principalmente no Congo, na Guiné, no Senegal, etc. N'alguns pontos, porém, como em Ajudá, e onde os pretos têm formado sociedades um pouco mais complexas do que a tribu, elevaram-se ao segundo gráu do parentesco—o *patriarchado* ou descendencia pela linha masculina. O mesmo succede na America entre os indigenas; o parentesco materno é muito mais vulgar do que o paterno; a mãe dá o nome de familia e as heranças seguem o uso da filiação uterina, em que o sobrinho é herdeiro do tio materno e nada tem com o pae nem com os parentes d'este. Na Australia talvez ainda seja mais primitivo o estado dos selvagens; aqui como na America e na Africa predomina a filiação pelo utero, mas n'alguns pontos logo que as crianças podem procurar os alimentos são abandonadas pelas mães; é ainda o verdadeiro estado animal. Muitas vezes a mulher segue o homem como escrava; elle considera-a como uma cousa, como qualquer objecto material. O hetairismo é vulgar ainda na America, na Australia, na Africa; a

exogamia é a fórmula do casamento mais commum entre estes povos. ⁽¹⁾ Em vista do que deixamos dito escusado seria fallar das fórmulas sociaes, que são ainda as mais primitivas; correspondentes a este estado da familia. A organização social dos Australianos não difere muito das hordas de chimpanzés commandadas pelos mais velhos ou pelos mais fortes. Os chefes exercem uma autoridade despotica sobre os fracos e sobre as mulheres; estes não podem fugir á servidão. No archipelago Fidji o poder supremo é hereditario e os chefes regem absolutamente os povos; a organização social é um tanto superior. Na Africa a organização social varia entre o estado errante das familias dos Buschmen, e as sociedades pastoraes dos Hottentotes, até ás monarchias despoticas como a do Ashanti com poder absoluto, castas e escravidão; mas a maioria dos povos não sahio ainda das fórmulas mais rudimentares. Na America os Fucgianos são vagabundos, andam em grupos pouco numerosos, e estão n'um estado de animalidade completa; outras tribus nomadas têm já um principio de organização social; e entre alguns povos o poder supremo é hereditario.

O estado religioso é egualmente o mais primitivo. Algumas tribus não têm ideias, nem noções algumas religiosas; não têm sequer fetiches, como os Buschmen e os Cafres Bechuanas, segundo Livingstone; e os Cafres Makololos, os

(1) Vid. n'este volume o ensaio *Origens da familia*, pag. 53 e seg.

Mpongwes e os Esquimós, na Africa. Farrar diz que se tem observado a falta de ideias religiosas entre muitos povos d'Australia. A maioria, porém, está na phase fétichista tanto na Australia, como na Africa e America; adoram os manipansos que fabricam, ou quaesquer objectos naturaes; na Costa de Ouro divinizam os corcodilos, as serpentes, etc. Na Africa occidental adoram a lua; Paul du Chaillu diz: «Estes povos acolhem tambem com um temor supersticioso cada apparição da lua nova.» ⁽¹⁾ O temor ou o medo é a origem de todas as religiões; o selvagem só adora o que receia; essa adoração consiste em captar as boas graças do fetiche; fabricando-o, julga tél-o sujeito á sua vontade pelo temor do castigo ou da vingança; por isso quando o desejo do indigena não é satisfeito, o fetiche é deitado ao mar ou espedaçado, e faz-se um novo para o substituir. Os roubos tem uma grande influencia na religião dos selvagens; consideram-os revelações feitas pelos manes dos mortos, (Yorubans da Africa occidental) ou realidades, acontecimentos passados pelas proprias sombras durante o somno (Groenlandia, etc.) D'aqui procede o culto dos mortos e a deificação dos antepassados; os manes ou as sombras são em geral considerados espiritos malignos, que muitas vezes são os auctores das doenças ou dos desastres que os selvagens

(1) *Ethnologie de l'Af. equatoriale occid.* — *Annales des Voyages*, 1868 pag. 317. Vid. atraz o ensaio *Origens das religiões*.

soffrem. Não nos deteremos mais a mencionar e a exemplificar todas as especies de fetichismo que se encontram entre os pretos da Africa e os indigenas australianos e americanos; basta dizermos que rendem um culto mais ou menos rudimentar a objectos inanimados e animados, como pedras, fogo, rios, arvores, animaes, etc. Ora, pretender-se fazer passar os povos selvagens d'este estado material de crenças fetichistas para o estado metaphysico do Christianismo é inteiramente absurdo e insensato, ou como diz Letourneau «é tão racional como querer ensinar o calculo differencial a uma criança de cinco annos.» (1)

Não nos devemos esquecer, além do mais, que o espirito atrasado dos selvagens é essencialmente contrario a toda a mudança, a toda a inovação. A inercia exerce uma pressão despotica nas intelligencias rudimentares; o espirito conservador predomina e supplanta completamente as tendencias progressistas que por ventura excepcionalmente se revelem. Herbert Spencer notou já este facto nos seus *Principios de sociologia*. «O homem primitivo, diz elle, é no mais alto gráu conservador. Ainda mais, se nós comparamos entre si as raças superiores, e mesmo as diversas classes de uma sociedade, observamos que as menos desenvolvidas têm maior aversão pela mudança. E' difficil introduzir no povo um methodo aperfeiçoado; repelle mesmo um novo alimento; não gosta d'elle. Esta aversão pela novidade é

(1) *Science et materialisme* pag. 393.

eminentemente o caracter do homem não civilizado. O seu systema nervoso mais simples, perdendo muito cedo a sua plasticidade, torna-se ainda menos capaz de se acostumar a novos modos de obrar.» (1) Em vista d'estas observações comprehende-se facilmente a difficuldade da implantação de um systema religioso mais avançado.

O mais que podem conseguir os missionarios christãos é fazer com que os selvagens admittam mais um ou muitos fetichos, que para elles em nada differem dos antigos deuses das suas raças. Crêmos que isto não é civilisar, e que a humanidade nada lucra em que os indigenas da Africa ou da America tenham mais um deus, ou substituam o nome de uma divindade pelo nome de uma outra.

Ainda não ha muito tempo que lemos n'um trabalho escripto por um socio da Sociedade de Geographia de Lisboa e segundo tenente de marinha, o sr. Nuno de Freitas Queriol, os seguintes periodos:

«O espirito do negro, naturalmente propenso a acreditar no sobrenatural, tem uma notavel inclinação para phantasiar os *seus deuses* do uma maneira verdadeiramente terrivel. Não se conhece em nenhuma das religiões africanas uma unica que tenha do Deus omnipotente uma noção boa.

«Os deuses africanos são uns deuses que só se invocam para lhes applacar as furias. São elles

(1) Ob. cit. vol. 1 pag. 103.

que mandam o raio, que prohibem as chuvas, e por conseguinte que matam de fome o negro que vive d'estas contingencias metereologicas. São elles finalmente que tudo destroem, e que para se applicarem necessitam sacrificios humanos, sangue e horrores.

«Se o missionario, embora abusando d'esta crença no sobrenatural, embora recorrendo a artificios, conseguir d'esta raça na infancia da intelligencia a substituição do deus terrivel pelo Deus bom, tal qual o concebem os povos civilizados, terá cumprido uma das mais brilhantes missões que competem aos espiritos modernos.»

Por estas palavras se vê o que os catholicos entendem por civilização; foi sempre este o ideal das missões, substituir os deuses dos indigenas pelo deus catholico, e estender o dominio da Egreja. E' muito pouco, segundo o nosso modo de vêr. Civilisar as raças inferiores é fazel-as progredir, procurar levantá-las até ás raças superiores, impellil-as enfim para o caminho da evolução social. Estes resultados não se podem obter pela passagem instantanea do estado fetichista, inteiramente material para o estado monotheista do Christianismo metaphysico. Entre um e outro estado ha uma grande distancia; a humanidade, isto é a parte progressiva d'ella, levou seculos e seculos a transpôr o espaço que medeia entre as duas phases mentaes e todos esses seculos representam um factor muito importante, talvez mesmo o mais importante, em todas as transformações sociaes,—o tempo. E' pela accumula-

ção constante e vagarosa de effeitos sobre effeitos, de elementos sobre elementos, que se conseguem todos os progressos, todas as transformações no seio das sociedades. Nada se faz de salto. Por tanto para se modificar sériamente a mentalidade das raças inferiores é indispensavel uma acção continuada, salutar e evolutiva, que os missionarios christãos nunca poderão exercer.

V

Crêmos ter provado sufficientemente a inutilidade das missões religiosas e bem assim o absurdo de serem consideradas como um elemento civilizador dos povos selvagens. Falta-nos acrescentar duas palavras. O que é que se deseja obter de sério com as missões? De certo não é a propaganda religiosa, não é o augmento da Igreja catholica, que hoje se procura. A religião não é mais do que um meio, que se propõe para se conseguir um fim;—este é a civilisação ou o desenvolvimento das colonias. Já provamos a inefficacia d'este meio. O que ha portanto a fazer em vista das conclusões a que os factos nos levaram? De duas uma. Ou se ha de abandonar o indigena, deixando que elle desapareça e se extinga pouco a pouco, como tem succedido por toda a parte onde os Europeus têm penetrado, e se ha de promover a emigração da Europa para os paizes selvagens e o estabelecimento de colonos

n'aquellas regiões, como succedeu por exemplo na America do Norte; ou então querendo-se aproveitar e civilisar o indigena é preciso antes de tudo estudar a sua mentalidade e as suas condições physicas e moraes, e depois applicar um systema de modificação gradual e solida, de modo que o selvagem ascenda vagarosa, mas facilmente á civilisação. Poder-se-hia ensaiar talvez com vantagem o systema da evolução historica, como já alguém lembrou; a humanidade para chegar ao estado positivo passou successivamente por diversas phases, que são, na ordem descendente: metaphysica, monotheista, polytheista e fetichista; cada uma d'estas phases e em especial a ultima ainda se subdivide em diversos gráus; segundo o methodo de educação historica levantar-se-ha o espirito do indigena fazendo-o percorrer successivamente todos os gráus que se seguem ao verdadeiro estado mental, em que se acha. Mas, crêmos que não seria absurda outra ordem de experiencias. Parece-nos que talvez se consiga mais e em menos tempo empregando immediatamente o methodo scientifico, em vez da evolução historica de que acabamos de fallar. Para nós o desenvolvimento religioso foi um desvio que a humanidade soffreu na sua evolução; da realidade insciente partiu o espirito humano para as divagações subjectivas e ficções abstractas, d'onde voltou á realidade, mas á realidade consciente—ao relativismo. Para se adquirir a consciencia da realidade era indispensavel passar-se pela idealisação theologica e metaphysica? E' um problema

que está por resolver. Poder-se-hiam tentar algumas experiencias; e attendendo ás observações dos viajantes e dos missionarios sobre o bom senso dos selvagens, — algumas das quaes tivemos occasião de citar n'este estudo, como as palavras do Zulu a quem Moffat fallou de deus, e o riso do Australiano a quem explicavam a alma, — parece-nos que os resultados seriam decisivos.

VI

AS GUERRAS E O ESPIRITO MILITAR

Nas cinco sessões que teve no anno de 1878, o Congresso internacional das Sociedades da Paz, reunido em Paris, «attendendo a que a appellação para as armas produz innumeras calamidades, e é absolutamente inefficaz para terminar as questões internacionaes de um modo satisfactorio,» resolveu consignar entre muitos outros artigos os seguintes:

«Que é do dever dos governos e dos povos procurar outros meios de resolver as difficuldades, mais em harmonia com a razão, com a justiça e com a religião;

«Que a guerra offensiva é o latrocínio internacional, que enthronisa o despotismo e que aggrava a condição das populações, tanto no paiz vencedor, como no paiz vencido;

«Que os mesmos principios de justiça e de humanidade que a moral universal consagrou para

as relações particulares devem ser applicados ás relações internacionaes;

.....
«Que o direito de decidir a guerra não deve pertencer ao poder executivo;

«Que a intervenção armada nos negocios internos de outro Estado civilisado não é menos criminosa do que a guerra de conquista;

.....
«Que os governos dos povos civilisados deverão começar o mais cedo possivel negociações para chegar a um desarmamento proporcional e simultaneo em cada paiz;

.....
«Que os odios internacionaes e a glorificação da conquista deverão ser combatidos pelo ensino, pela imprensa e pela predica religiosa; etc.»

Estes artigos e os fins do congresso suscitaram-nos varias questões que procuramos resolver, taes como:

Qual a influencia do espirito militar na marcha progressiva da humanidade?

Se as guerras têm sido favoraveis ou prejudiciaes ao desenvolvimento material e intellectual das sociedades?

Se têm exercido sempre a mesma influencia, tanto na antiguidade, como nos tempos modernos; tanto sobre os povos barbaros, como sobre os povos civilisados?

Se a evolução do espirito guerreiro tem sido positiva ou negativa?

São estas as questões que vamos procurar re-

solver n'este ensaio sociologico, servindo-nos do methodo positivo de investigação e filiação historicas, o unico que pode conduzir á verdade scientifica, a qual deve ser o fim de todos os trabalhos humanos.

I

Se considerassemos o apparatus bellico que se ostenta hoje em toda a Europa; se considerassemos os numerosos exercitos permanentes que nada produzindo absorvem enormes capitaes e derramam a desmoralisação; se considerassemos os orçamentos militares que se elevam a cifras fabulosas e consomem mais de metade dos rendimentos publicos ⁽¹⁾; se considerassemos enfim as guerras do seculo XIX e as suas espantosas carnificinas, e particularmente a guerra entre a França e a Prussia e a ultima guerra do Oriente ⁽²⁾; se

(1) Segundo Kolb na sua *Statique comparée* (1880), citada por Yves Guyot no seu excellente livro *La Science Économique* (1881), pag. 445, o estado de guerra custa á Europa a enorme somma de 691:110 contos de réis; deve-se juntar a esta cifra 36:056 contos das listas civis e 781:065 contos de juros das dividas, causadas na sua maior parte pelas guerras externas e internas, o que faz o total de 1.508:231 contos de réis despendidos inutilmente em cada anno!

(2) O calculo da devastação occasionada pelas guerras nos ultimos vinte annos está orçada pela seguinte fórma na *Science Économique* de Yves Guyot, pag. 445:

attendessemos ao sem numero de causas que originaram estes phenomenos sociologicos, diriamos que hoje mais do que nunca estava forte e vigoroso o espirito militar, como alguns escriptores têm avançado, e que, portanto, era inutil e absurda a tentativa das Sociedades da Paz.

Não devemos, porém, architectar raciocinios sobre bases inteiramente falsas. Se quizermos chegar a uma conclusão verdadeira temos de estudar os factos sociaes que dizem respeito a este assumpto, e encaral-os sob todas as suas faces, não só os actuaes, os que estão sob nossos olhos, mas ainda aquelles que os precederam e de que estes são a consequencia proxima ou remota. Só pelo estudo attento dos phenomenos sociologicos é que o nosso trabalho pode ser proficuo, e que podemos conhecer as leis que regem estes phenomenos, como só pela observação experimental dos phenomenos de combinação e de decomposi-

Custo da guerra da Criméa.....	1.530:000	contos
Guerra da Italia (1859).....	270:000	"
Guerra civil americana:		
O Norte.....	4.230:000	"
O Sul.....	2.070:000	"
Guerra do Sleswig-Holstein.....	31:500	"
Guerra da Austria e da Prussia (1866).	297:000	"
Expedições ao Mexico, a Marrocos e ao Paraguay.....	180:000	"
Guerra franco-allemaõ.....	2.230:000	"
Guerra russo-turca.....	1.125:000	"
Total.....	11.983:500	"

Reduzimos os francos a réis.

ção dos corpos pode o chimico deduzir as leis da chimica, ou pelo estudo e comparação dos phenomenos vitaes o physiologista as leis biologicas dos organismos.

Devemos, pois, começar por investigar as origens da guerra e do espirito militar, estudar a sua evolução através dos seculos e das civilisações que se têm succedido até nós, e determinar qual a sua influencia no progresso da humanidade.

Se lançarmos os olhos para as mais antigas civilisações historicas, taes como as dos Egypticos, dos Assyrios e dos Chaldeos, vemos em todas ellas a actividade humana dirigida para a guerra, e o espirito militar ser o dominador e mesmo o organisador d'essas civilisações. O mesmo diremos das antigas civilisações aryanas; o espirito militar domina inteiramente a India, a Grecia e Roma. Se nos voltarmos, porém, para os tempos prehistoricos, e quizermos conhecer qual o estado social dos nossos antepassados nos periodos quaternario e terciario, temos de recorrer ás descobertas dos paleontologistas e archeologos distinctos. Tornaram estes evidente a existencia do homem prehistorico; ao lado dos ossos dos grandes animaes, ha muito extinctos, têm-se encontrado instrumentos rudimentares de silex e de osso, e em jazigos de épocas posteriores instrumentos de bronze. São estes instrumentos na maior parte armas guerreiras, taes como lanças e machados, e eram naturalmente empregados, quer contra animaes ferozes e selvagens, quer

contra creaturas humanas. Os homens d'essas épocas não só necessitavam de armas para se defenderem dos animaes, como tambem para adquirirem pela caça o sustento indispensavel á existencia. A guerra era a sua occupação principal, e quasi que diremos exclusiva, porque ainda então não tinham os menores rudimentos de qualquer arte ou industria, mal sabiam talhar e facear o silex para fabricarem os instrumentos guerreiros; só mais tarde aprendem a pollir a pedra e a traçar os grosseiros desenhos que ornarn muitos d'esses antigos objectos. Innumeros povos selvagens da America, da Africa e da Australia podem-nos fornecer ainda hoje uma ideia do viver das populações primitivas.

Nas civilisações historicas encontramos, como no Egypto, um regimen militar organizado, que emprega a sua actividade em repellir ou submeter as tribus selvagens que eram trazidas pelas migrações ás proximidades do Nilo; ou como na Asia, os Aryas e os Persas que se separam e combatem por odio de religião. A Grecia apresentanos tambem uma organização completamente guerreira, e as cidades luctam entre si para alcançarem a supermacia, ou contra os povos invasores para defenderem as suas liberdades e independencia. Roma funda-se e engrandece-se pela guerra e é a decadencia do espirito militar que mais do que qualquer outra causa entrega o imperio aos barbaros.

Na idade media dão-se as grandes guerras originadas pelas crenças religiosas, taes como: as

Cruzadas, a conquista das Hespanhâs sobre os Arabes, a derrota e perseguição dos Albigenses, as conquistas portuguezas ao longo da costa africana e na India, e as luctas da Reforma. A par d'estas travam-se as guerras internacionaes e civis para defenderem ou implantarem dynastias, e as revoltas communaes que tiveram como consequencia a elevação do terceiro estado; e posteriormente as revoluções dos Paizes Baixos, da Inglaterra, da America e da França, em prol da liberdade humana e contra os privilegios da nobreza, o predominio do clero e o despotismo dos reis.

Nos tempos primitivos havia homens dextros e valentes, mas não exercitos aguerridos; tinham a força bruta e a coragem, faltava-lhes a disciplina. No Egypto já a organização militar é um facto, e essa organização é tão poderosa que supplanta o regimen theocratico; tambem as suas condições especiaes, tendo as fronteiras expostas a constantes invasões, obrigam-no a constituir-se militarmente; o serviço militar era considerado como um privilegio. Entre os Assyrios, os Medas, os Indios e outros povos da antiguidade houve igualmente uma organização militar mais ou menos desenvolvida, porém exercitos bons só os houve nos bellos tempos da Grecia e de Roma.

E' bem conhecida a constituição das cidades gregas, e particularmente a de Sparta, onde só tinham direito á vida as crianças fortes e robustas, as quaes desde a mais tenra idade começavam a adestrar-se para os exercicios bellicos.

Por isso os Spartanos eram os melhores soldados da Grecia, «eram, como diz Littré, os primeiros dos *hoplites* gregos e compunham o que tinha de mais efficaz e de mais temivel a força da Lacedemonia (1).» A superioridade militar dos Gregos e Romanos consistia principalmente em que os exercitos eram formados de homens livres, e homens no uso pleno dos seus direitos e que faziam parte das classes dominantes.

Desde que diminuiu o espirito guerreiro e que os imperadores romanos começaram a admittir ao seu serviço as legiões barbaras, apressou-se a queda do mundo antigo. Enquanto os Romanos tiveram disciplina venceram e subjugaram os barbaros, logo que a perderam foram vencidos e subjugados por elles.

A organização militar da idade media é muito inferior á da antiguidade. Havia sem duvida individuos para quem a guerra era uma profissão e que desde muito novos se adestravam no manejo das armas, mas a maioria dos exercitos era formada por plebeus inexperientes e de todo estranhos ao serviço militar. Demais os antigos combatiam como homens livres e independentes; tinham a consciencia de suas acções; enquanto estes ultimos combatiam como subditos, eram obrigados a servirem e batiam-se inconscientemente, sem saberem, a maior parte das vezes, a causa ou a razão, porque se lançavam contra os inimi-

(1) *Etudes sur les Barbares et le Moyen Age*, pag. 78.

gos. No mesmo caso estão as tropas mercenarias que têm por unico movel o interesse.

Na antiguidade eram os cidadãos ou o senado quem decidia e approvava a guerra; na edade media e nos tempos modernos esteve ao arbitrio de um só a vida e a morte de milhares de individuos. Hoje mesmo entre nós ainda está á mercê do Estado ou poder executivo o *declarar a guerra e fazer a paz*, isto é, as vidas, os capitaes e o futuro da nação!

Vejamos qual tem sido a influencia da guerra no progresso da humanidade.

II

A sociologia, a sciencia mais complicada e a ultima das sciencias fundamentaes, creada por Augusto Comte, mas cuja organização definitiva ainda está por fazer, deverá basear-se em factos biologicos, não só porque a unidade primordial de toda a sociedade é o homem, cujo estudo pertence á biologia, mas principalmente, e por isso mesmo, porque a origem de todos os phenomenos sociologicos se vae encontrar nos phenomenos physiologicos do organismo humano.

Pretende o sr. Theophilo Braga ⁽¹⁾ e segundo o nosso modo de ver com bastante fundamento, que a base da sociologia seja a *lei da população* de Malthus, identica ao *conflicto vital* de Darwin,

(1) *Traços geraes de philosophia positiva*, cap. v.

á *lucta pela vida e selecção natural* que se dá entre todos os seres, tanto animaes, como vegetaes. A lucta pela vida ou o conflicto vital de que saem vencedores apenas os mais perfeitos, isto é, aquelles que melhor se adaptam ao *meio*, é já uma lei biologica de valor incontestavel. A lei da população não é mais do que a mesma lei com applicação á sociedade.

A guerra nos primitivos tempos o que foi senão uma consequencia inevitavel do conflicto vital? O homem via-se obrigado a luctar contra a natureza, ainda que não fosse senão para se defender e supplantar os animaes que entravam com elle em concorrência; a lucta pela vida foi-lhe imposta pela necessidade dos alimentos indispensaveis á sua subsistencia e sobrevivencia; quando escasseavam tinha de os disputar ao seu semelhante, o que não havia de ser raro; basta lembrarmos-nos que só mais tarde e talvez muito tarde é que o homem aprendeu a domesticar os animaes, a juntal-os em rebanhos, e a cultivar as terras. Os estados de pastor e de agricultor indicam-nos já um certo gráu de adiantamento e de civilisação relativo, incontestavelmente filho das frequentes carestias a que o homem estava sujeito.

Segundo a lei de Malthus a população cresce na razão geometrica, ao passo que a subsistencia cresce na razão arithmetica. Em condições favoraveis a população augmenta rapidamente, póde mesmo duplicar-se no espaço de vinte e cinco annos; ora a subsistencia augmenta com muito mais

difficuldade, e não corresponde ao desenvolvimento da população. Torna-se portanto inevitavel o conflicto. A eliminação dos individuos superfluos dá-se sob varias fórmas nã sociedade, pela miseria, pelas pestes e doenças contagiosas, pelas guerras, etc. Nas antigas sociedades era a principal fórma da eliminação.

Vê-se, pois, pelo que acabamos de expôr, que a guerra foi uma consequencia do conflicto vital, consequencia que deu o character predominante aos povos da antiguidade prehistorica (como vemos pelas descobertas archeologicas) e historica (como vemos pela historia dos Egypcios, Phenicios, Chaldeos, Gregos, Romanos, etc.)

Como demonstra Darwin no seu admiravel livro sobre a *Origem das especies*, os individuos imperfeitos e fracos succumbem e desapparecem diante dos mais perfectos e mais fortes. Esta *selecção natural* que se dá entre os vegetaes e os animaes irracionaes, dá-se egualmente entre os racionaes, apenas com uma modificação: que a *perfeição* e a *fortaleza* que n'aquelles são inteiramente physicas, tornam-se n'estes, á proporção que augmenta a civilisação, puramente moraes. Podemos citar para exemplo d'este phenomeno a diminuição e desapparecimento gradual dos povos selvagens na America e na Australia diante da colonisação europea, que os vae pouco a pouco substituindo. Pode-se affirmar que, sendo a guerra util e favoravel ao progresso entre povos selvagens, é quasi sempre prejudicial entre povos civilisados.

Se recorrermos á historia veremos que a guerra defensiva concorreu e não pouco para a civilisação egypcia. A fertilidade do solo fecundado pelas inundações periodicas do Nilo attrahia as tribus selvagens e obrigava os habitantes a sustentarem constantes luctas. «A historia do Egypto, diz o snr. Theophilo Braga (1), tem por movel principal os factos produzidos no sentido de combater estas invasões; termina com a invasão da Persia, a ultima sob a disciplina de conquista, contra a qual a dissolução da nacionalidade ficou impotente. Desde os tempos prehistoricos que excitou a organização da força militar nos nomos independentes para combater e repellir as invasões do sul; esta necessidade constante desenvolveu essa fórma de poder analogo ao feudalismo europeu.»

O estado de civilisação a que chegou o Egypto sob a duodecima dynastia, época em que se alargaram as fronteiras e se repelliram as hordas asiaticas, as tribus nomadas, e os povos visinhos, que devastavam ou ameaçavam o imperio; em que se procedia á exploração das minas de turquezas e de cobre e á construcção do lago Méris; em que o commercio, a agricultura, as lettras e as artes tomaram grande desenvolvimento; em que tudo concorria para o augmento da riqueza e felicidade publica e para a paz que se prolongou por espaço de seculos; esse estado de civilisação—

(1) *Historia Universal*—Egypcios, pag. 99.

como dissemos—teve por consequencia a decadencia e enfraquecimento do espirito guerreiro. Por este motivo foi o Egypto subjugado pelos povos selvagens e nomadas da Syria que o conservaram por mais de cinco seculos. Durante este tempo organisou-se a resistencia, e, como quasi sempre succede, o vencido civilisado predomina sobre o vencedor selvagem. As luctas da independencia renovando o espirito guerreiro deram novo vigor ao Egypto, para o qual começou com o *Novo Imperio* uma nova época de civilisação. Sob a vigesima sexta dynastia dá-se uma especie de renascença nacional na arte e ao mesmo tempo a decadencia do espirito militar, como se prova pelo grande numero de mercenarios que estão ao serviço do Egypto, e aos quaes são dadas terras. Dois seculos depois cahia nas mãos dos Persas.

A Grecia esteve primitivamente dividida em varios reinos ou cidades que se guerreavam entre si procurando supplantar-se mutuamente; porém quando Dario invadiu o territorio hellenico esqueceram ou abafaram as antigas rivalidades, uniram-se todas contra a Persia, e venceram as forças inimigas em Marathon, Salamina, Plátea, etc. Unidas pela causa commum, bem depressa se tornaram a separar para se esphacelarem; o espirito militar da Grecia não diminuiu como o do Egypto no auge da sua civilisação, porque a organização das cidades gregas o não permittia, mas diminuiu o amor da independencia e o espirito militar tornou-se mercenario a ponto de entregar a patria ao estrangeiro.

Roma engrandeceu-se pela guerra, e pode dizer-se que a civilização latina é filha das armas; Roma rodeada de povos selvagens ou irmãos via-se obrigada a lutar para viver; assim foi pouco a pouco alargando as fronteiras, levando a civilização aos povos barbaros, recebendo os restos das civilizações passadas, adornando-se com os ricos despojos da Grecia, da Africa e do Egypto, e preparando o terreno para a civilização moderna. Roma, ao passo que dominava pelas armas, dominava tambem pela administração e pelas leis. A maior contribuição do povo romano para o progresso da humanidade está na legislação. Enquanto o espirito guerreiro predominou, Roma augmentou de territorios e de poderio; apenas chegou a um elevado gráu de civilização decaiu o espirito militar e foram admittidos os mercenarios. Quando os barbaros invadiram o imperio, mais como alliados do que como inimigos, encontraram-no indefeso e quasi morto no meio de uma transformação social e religiosa. As invasões atrazaram cinco seculos o progresso humano.

Durante a idade media renovou-se o espirito militar pelas constantes luctas entre os senhores feudaes e pelo combate com os Arabes na Hespanha e na Palestina, porém desde o seculo XVI. entrou de novo em decadencia, apesar das guerras dynasticas originadas pelo pretendido direito divino de successão, ou pelas ambições de qualquer soberano.

Do que deixamos dito conclue-se:

1.º Que as guerras nos principios de qual-

quer sociedade são uma necessidade que tem a sua origem no conflicto vital e que concorrendo para engrandecer, fortalecer e civilisar os povos são uteis e indispensaveis ao progresso;

2.º Que as guerras de povos civilisados contra povos selvagens ou atrasados não são menos uteis, nem menos indispensaveis do que aquellas, quer sejam defensivas para proteger e livrar a civilisação de um perigo imminente, como as luctas dos Egypcios contra as tribus nomadas e selvagens e a dos Gregos contra os Persas, quer offensivas para livrar os povos civilisados de uma catastrophe remota como as conquistas do povo romano sobre os italiotas, os samnites, os gaulezes e os barbaros, as Cruzadas e as conquistas dos portuguezes no Oriente;

3.º Que as guerras entre povos civilisados são prejudiciaes ao progresso como as luctas entre as cidades gregas que enfraqueciam os laços de união e parentesco que as unia, entregando-as ao estrangeiro; as luctas dynasticas da idade media e as diplomaticas dos tempos modernos;

4.º Que as que têm por consequencia a submissão de povos civilisados a povos atrasados ou selvagens são mais do que quaesquer outras prejudiciaes ao adiantamento evolutivo das sociedades, quer por atrasarem temporariamente o progresso humano, como a conquista do Egypto pelos povos da Syria e a do imperio romano pelos barbaros, quer por interromperem a civilisação de um povo, como a conquista do Egypto pelos Persas e a da Grecia pelos Macedonios.

Ainda outra conclusão podemos tirar dos factos mencionados. Dissemos que á proporção que augmenta a cultura e a civilisação o conflicto vital e a selecção natural se tornam puramente moraes. Encontramos na diminuição do espirito militar entre os povos mais civilisados uma comprovação do que avançamos. A' proporção que augmenta a riqueza e a felicidade publica e que se desenvolve a industria, o commercio e as bellas-artes, diminue o espirito guerreiro, e o conflicto vital torna-se pacifico e toma um character inteiramente novo. A' eliminação dos seres inuteis ou superabundantes dá-se mais pela miseria, pelo celibato, pela prostituição, pelas pestes, etc. do que pela guerra. O conflicto vital conduz então ao desaparecimento das classes medias accumulando todas as riquezas nas mãos de alguns individuos.

No Egypto, em Roma e nos fins da idade media vemos a decadencia do espirito militar. A Grecia parece uma excepção, mas se estudarmos attentamente o seu estado social veremos que esse facto é devido á organização das cidades gregas e ao phenomeno physiologico da hereditariedade. Por este motivo em vez do espirito guerreiro diminuir, como nas outras civilisações, tornou-se venal, o que moralmente é tambem uma decadencia.

Agora que já consideramos a influencia geral das guerras e do espirito militar passemos a considerar varias influencias particulares.

III

A guerra, a fôrma primitiva do conflicto vital, contribuiu muito para o aperfeiçoamento da especie humana pela eliminação dos entes fracos, inuteis ou estupidos e pela conservação e desenvolvimento dos mais fortes, dos mais dextros e dos mais intelligentes. Só os mais aptos conseguiam triumphar do meio em que viviam e propagar-se; eram esses os que se distinguiam pela força, pela agilidade, pela coragem, ou por qualquer outra causa de superioridade. Para a lucta necessitavam-se homens robustos e bem constituídos; todo o homem que não servisse para a guerra era inutil; por este motivo entre muitos povos da antiguidade esteve admittido como lei o infanticidio; os seres fracos e os do sexo feminino eram condemnados á nascença. Em Sparta eram votadas á morte as crianças debéis ou defeituosas; na China esteve em uso e ainda hoje é frequente o infanticidio de crianças do sexo feminino. Encontram-se innumerous exemplos d'este uso barbaro nas relações de viajantes que têm estado entre povos selvagens, como os Todas, os Konds, os habitantes das ilhas de Fidji e da Sociedade, etc.

Por outro lado a guerra tambem contribuiu para a organização da familia; a exogamia ou o casamento por captura foi incontestavelmente a primitiva fôrma regular da união conjugal. O

vencedor dispondo a seu livre arbitrio do vencido, que de ordinario assassinava, guardava para si a mulher. «E' evidente, diz Lubbock, que mesmo na época da communidade das mulheres, um guerreiro que apresava uma mulher em qualquer expedição devia reclamar-a só para si, e, se era possivel, infringir o costume existente (1).» Em apoio d'esta opinião poderíamos citar innumeros factos dos selvagens actuaes e do velho symbolismo, cujos restos ainda chegaram até nós (2).

A guerra assim como influiu na organização do individuo e da familia, tambem influiu na organização da tribu, e na união d'estas em nações. Todo o organismo social teve por origem a união de um certo numero de homens para se defenderem mais facilmente de um outro grupo ou para o atacarem. Esta influencia teve-a a guerra durante muitos seculos, mesmo para a formação das grandes sociedades, facilitando assim a troca de mercadorias e de ideias, e contribuindo por esta fórma para o desenvolvimento do commercio e para o augmento do progresso hu-

(1) *Les orig. de la civilisation*, pag. 93.

(2) Vid. o nosso estudo *Origens da familia* n'este mesmo livro e Lubbock, ob. cit. pag. 76, 95, 97 e seg. 109, etc. Buchner *L'homme selon la science* pag. 292, note 68; Michelet *Histoire Romaine*, vol. I pag. 101, *La Philosophie positive*, revue, vol. XX e XXI, *La famille dans le passé*; Letourneau *La sociologie*; Alf. Maury *La terre et l'homme*, etc., etc.

mano. «A guerra, diz Herbert Spencer, no curso lento das cousas, traz uma aggregação social favoravel ao estado industrial que é incompativel com a guerra, e comtudo só a guerra poderá trazer uma aggregação social (1).»

Mas a guerra não só trouxe a aggregação social de que falla Spencer, como tambem contribuiu directamente para o adiantamento da industria. O homem primitivo creou, antes de quaesquer outras cousas, armas para se defender e atacar o inimigo racional ou irracional. Como já dissemos, os instrumentos encontrados nas cavernas e escavações feitas em terrenos terciarios são quasi na sua totalidade lanças e machados de pedra e bronze, e como os usados ainda hoje por alguns povos selvagens.

«Os primeiros utensilios do homem, diz Augusto Comte (2), sempre foram necessariamente armas, quer contra os animaes, quer contra os seus competidores. Durante uma longa serie de seculos, o homem deve ter empregado principalmente, por um exercicio energico e continuado, a destreza e a sagacidade em executar e melhorar osapparelhos militares, offensivos ou defensivos; e esses esforços, além da sua indispensavel utilidade primitiva, não foram inteiramente superfluos para o progresso ulterior da industria propriamente dita, que por felizes transformações tirou d'ahi muitas vezes indicações importantes.»

(1) *Introduction à la Science sociale* pag. 212.

(2) *Cours de Philosophie positive*, vol. v, pag. 119.

Os metaes foram applicados antes de tudo a fabricar armas para substituirem os rudimentares instrumentos de pedra; durante muitos seculos e ainda na edade media vemos que os trabalhos mais perfectos e mais cuidados são exactamente aquelles que tinham uma applicação guerreira. Este facto explica-se pelo predominio do espirito militar que se póde afoutamente affirmar ter sido o inovel principal das sociedades antigas.

Demais a guerra ainda concorreu por outra fórma para o progresso industrial. As tribus vencedoras que primitivamente assassinavam os vencidos, mais tarde conservavam-lhes a vida e aproveitavam-se d'elles para os trabalhos indispensaveis da industria. Nas antigas civilisações os trabalhos manuaes eram despreziveis e estavam abandonados aos escravos, enquanto os livres e os nobres exerciam a profissão das armas. Só na edade media começou a rehabilitação da industria e das artes manuaes tão desprezadas na antiguidade. Assim pela creação da escravatura contribuiu a guerra efficazmente para o progresso e augmento da industria e das artes em geral.

A' medida que a industria tem progredido e conquistado nova importancia e poderio, tem por seu lado o espirito militar decahido gradualmente e perdido terreno. Desde a civilisação romana, onde o militarismo chegou ao auge do seu esplendor, a evolução guerreira tornou-se negativa, ao passo que a evolução industrial continuou sempre positiva.

As descobertas industriaes e scientificas têm aperfeiçoado os instrumentos guerreiros, mas essa mesma perfeição, a rapidez e certeza com que os novos instrumentos espalham a morte, longe de augmentarem o espirito guerreiro, diminuem-o.

Pelo que temos dito conclue-se que a evolução do espirito militar pode-se considerar em relação a um povo, a uma nação, a uma phase social, ou á humanidade em geral. Quando dizemos *humanidade*, referimo-nos particularmente á serie de civilisações que se succederam e que são como que élos de uma mesma cadeia. Dentro de cada civilisação historica teve o espirito militar um engrandecimento e uma decadencia; dentro da humanidade deu-se o mesmo phenomeno; Roma foi o zenith do militarismo.

IV

Desde o seculo XVI apressou-se a decadencia do espirito militar. As grandes descobertas scientificas e a sua applicação á industria têm chamado para este campo os principaes espiritos, desviando-os da actividade guerreira e destruidora da antiguidade e da idade media. A descoberta da polvora e o emprego das armas de fogo contribuíram pelos seus effeitos terriveis e mortiferos para a decadencia do militarismo. O espantoso incremento que tomaram as sciencias, a industria, o commercio e as artes, tornou cada

vez mais necessario um estado de paz geral e constante. Só um grande movel podia lançar na guerra as multidões. Esse movel era a autonomia, a liberdade, a independencia; toda a lucta que não tivesse um fim grande e justo, um interesse social e colectivo, era injusta e inutil, e muitas vezes prejudicial ao progresso. Taes são as guerras dynasticas e diplomaticas, em que se debatem os interesses ou os caprichos de duas familias ou de dois individuos. As luctas com um fim elevado, justas e conscientes, como as revoltas communaes da idade media, têm sido as revoluções dos Paizes Baixos, da Inglaterra, da America e da França.

As maiores reacções porque passou a Europa nos tempos modernos foram as tentativas guerreiras altamente retrogradas dos dois Bonapartes. As guerras de Napoleão I atrazaram por largos annos o movimento evolutivo da sociedade, obrigando os povos a unirem-se aos reis para repellirem a oppressão franceza; o odio que tinham aos invasores estendeu-se ás ideias revolucionarias que tinham elevado o tyranno. Depois da Restauração accentuou-se mais do que nunca a tendencia pacifica dos povos modernos pelo augmento e desenvolvimento do regimen industrial e commercial. Os trinta e cinco annos de paz, que decorreram entre a queda do primeiro Bonaparte e a elevação ao throno do traidor infame de 2 de dezembro, provam sufficientemente que a Europa caminha para a extincção completa do espirito militar; mas o segundo imperio parodian-

do em tudo o primeiro, tambem paralisou por alguns annos este movimento. «Apenas Luiz Bonaparte conquistou um throno pelo prejuro e violencias sangüinarias, diz o eminente sabio Emilio Littré ⁽¹⁾, desapareceu a éra pacifica. Tivemos a guerra da Criméa. Depois o governo francez declarou guerra á Austria de acordo com o Piemonte que se tornou Italia. A Prussia seguiu o exemplo que lhe fôra dado e pela victoria de Sadowa desembaraçou-se da Austria na Allemanha. Quatro annos depois procurando o governo francez a desforra dos seus erros diplomaticos só encontrou a sua ruina e a da França. Com estes precedentes a Russia não hesitou no anno passado entrar em campanha contra a Turquia; e hoje mesmo a Inglaterra está prompta a desembainhar a espada se não lhe dão satisfação sobre os perigos que lhe ameaçam os interesses. Cinco grandes guerras em menos de vinte e cinco annos; foi uma guerra por cinco annos!»

Estas cinco guerras, todas ellas filhas da diplomacia, foram inteiramente inuteis para o progresso humano, e antes, pelo contrario, as quatro primeiras, além da innumera quantidade de vidas e capitaes que absórveram, fizeram estacionar a Europa por espaço de vinte annos. A ultima com que tambem nada se lucrou contribuiu para a crise economica e industrial que estamos atravessando.

A guerra na época actual é um facto contra-

(1) *La philosophie positive*, revue, xxi, pag. 149.

producente, pelos immensos males que causa, sem nenhuma compensação benefica e salutar. A guerra destroe e inutilisa braços, capitaes e materiaes que poderiam ter uma applicação proveitosa e lucrativa se fossem destinados a sustentar a industria, o commercio e a sciencia. Devemos lembrar-nos que os exercitos permanentes nada produzem e consomem uma grande parte das receitas do Estado, o que é um prejuizo duplo; pois não só os individuos, cujos braços e intelligencia são esterilizados no exercito, poderiam produzir e lançar no mercado valores uteis para o productor em particular e para a sociedade em geral, valores que além d'isso iam augmentar a receita publica, mas tambem os grossos capitaes que os exercitos e as guerras absorvem teriam melhor applicação e tornar-se-hiam reproductivos (1).

Além de tudo isso a guerra e o militarismo desviam uma parte importante da capacidade in-

(1) Segundo os calculos de Larroque no seu livro intitulado—*De la guerre et des armées permanentes*—os exercitos europeus antes da guerra da Criméa comprehendiam 2.800:000 homens perdendo um trabalho avaliado em 131:910 contos de réis e consumindo os seis setimos das receitas publicas em 945:000 contos; as propriedades ao serviço da guerra valem mais de 3.240:000 contos; as dividas publicas occasionadas pela guerra passam de 6.840:000 contos. Tudo isto e os juros voltariam á producção! E' preciso em seguida multiplicar por dois as vantagens que d'ahi resultariam, porque em vez de um consummo improductivo, ter-se-hia um consummo reproductivo. — *Du principe de Population* de Joseph Garnier, pag. 132 nota.

dustrial e organisadora dos povos, que no caso contrario faria progredir e desenvolver as sciencias e as artes em proveito da humanidade.

Hoje nas massas populares ha a mais absoluta repugnancia pelo serviço militar; o tributo de sangue é o mais penoso de todos os tributos; chega a ser tal o odio pelo militarismo que as populações ruraes das nossas provincias do norte preferem mandar para o Brazil crianças de onze e doze annos, completamente sós e abandonadas, expondo-as á morte provavel em regiões inhospitas e epidemicas, a deixal-as entrar mais tarde no recenseamento militar. Infelizmente a par d'esta repugnancia quasi geral pelo serviço militar encontra-se uma ignorancia lamentavel e desanimadora e a falta dos mais rudimentares conhecimentos scientificos e de todos os interesses politicos e municipaes.

Como diz Büchner ⁽¹⁾: «talvez nunca em nenhuma outra época houve tanto desaccordo entre a necessidade e a sua satisfação, entre a ideia e a realidade, entre o pensamento e o que existe. Toda a organização do Estado, da sociedade, da Igreja, da educação, do trabalho, etc. está por causa de uma lei de inercia dominante, bem para traz do que reclama a consciencia geral da humanidade, que a sciencia, a reflexão e o progresso material têm ennobrecido. Se as forças inimigas do progresso não encontrassem um apoio tão importante e tão poderoso na indolencia e na

(1) *L'homme selon la science*, pag. 318.

immobilidade da grande massa ignorante, o estado de cousas actual teria ha muito tempo cedido o logar a um outro.»

E de facto a essa inercia dominante se podem attribuir os desastrados effeitos das duas reacções napoleonicas no corrente seculo. Os despotas imperiaes encontraram um apoio na inercia, e puderam assim atrazar por alguns annos o movimento evolutivo da nossa sociedade. A guerra estrangeira foi o seu principal recurso; precisavam embriagar e deslumbrar o povo com os louros sanguinarios dos triumphos para o deterem na sua marcha lenta, mas continua e progressiva.

Apesar de tudo, a evolução negativa do espirito militar tem sido rapida no seculo XIX. A França que nos fins do seculo passado venceu todos os inimigos da republica e prolongou por largos annos e por largo espaço as luctas até ao desvario militar de Napoleão I, preferiu em 1871 uma paz desfavoravel á continuação da guerra; e nos annos decorridos tem procurado restabelecer-se e recuperar o seu antigo logar na influencia europeia. A guerra tornou-se inutil e prejudicial ao desenvolvimento da sociedade.

Mas, porventura, poder-se-hia proceder immediatamente ao desarmamento militar das nações?

Não, com certeza; porém o dever de todos os governos na actual época será favorecer por todos os meios possiveis a grande obra social; será empregar uma politica pacifica e progressiva, isto é, baseada nos dois polos da evolução social—*ordem e progresso*; será enfim applicar successi-

vamente medidas praticas e uteis, que estejam de accordo com as necessidades sociaes e com as indicações da sciencia. O homem de Estado precisa conhecer as leis do organismo social, como o medico conhece as do organismo humano; o primeiro deve estudar as sciencias sociaes, como o segundo estuda a anatomia e a physiologia; o primeiro tem de estudar o corpo social, como o segundo estuda o corpo humano.

E' impossivel na época actual o desarmamento completo, ainda mesmo simultaneo e proporcional, de todas as nações; deve-se começar pela criação dos exercitos nacionaes e pela extinctão dos exercitos permanentes; a organização militar da Suissa está-nos indicando o caminho a seguir. Só por este meio se poderá chegar um dia ao *desideratum* das Sociedades de Paz.

Demais, crêmos que a sociedade só poderá entrar desassombradamente no caminho do progresso illimitado, sem temer as reacções temporarias do militarismo «quando, como diz o economista Joseph Garnier ⁽¹⁾, ao systema de armamentos que roubam annualmente milhares de francos e o melhor da população viril á producção, succeder, pelo esforço da opinião publica e dos governos esclarecidos, um regimen de federação pacifica e liberal.»

(1) *Du principe de Population*, pag. 132.

VII

AS REVOLUÇÕES SOCIAES

A humanidade, no seu progredir incessante e no seu aperfeiçoamento illimitado, atravessa épocas de crise, em que se acham em conflicto as formulas atrazadas de um gráu de desenvolvimento com as necessidades e aspirações de um novo estado de cousas, tendente a solidificar-se. Huxley, comparando estas crises ás mudas periodicas da lagarta, definiu admiravelmente estas transformações sociaes por que passa a humanidade. De todas as grandes crises da sociedade humana a que melhor conhecemos pelos documentos historicos que nos ficaram, não fallando da crise actual que verdadeiramente ainda não terminou, é aquella em que se deu a dissolução do polytheismo e a formação de uma nova doutrina religiosa para o substituir no dominio das consciencias e da imaginação popular. Foi o Christianismo a religião que teve origem n'esta profunda e longa crise dos espiritos, quando Roma chegara

ao auge das suas conquistas e fizera a unidade do mundo.

Actualmente encontramos-nos em situação idêntica a essa. O Christianismo chegou ao ultimo gráu de dissolução e uma nova ordem de crenças agita o espirito publico em todas as nações civilisadas. Dá-se uma crise intellectual, moral e social, como aquella foi. E' preciso que se considere attentamente a crise que atravessamos e que se procure dar-lhe uma direcção consciente, evitando todos os desvios, todos os erros, todas as vacillações prejudiciaes ao gradual e pacifico desenvolvimento das sociedades modernas no sentido do maior progresso.

O criterio historico e philosophico deverá ser a nossa bussola no meio da transformação geral. O estudo das sciencias não é uma curiosidade vã e futil de saber, mas o unico meio de conseguirmos aproveitar em nosso favor as leis naturaes, as forças physicas e todas as propriedades da materia; das sciencias tiramos tambem a philosophia precisa para nos conformarmos com a ordem natural das cousas e para nos submettermos ao determinismo dos phenomenos por fôrma a não nos encontrarmos em conflicto com as leis da natureza. A sciencia social, como as demais sciencias, tem por fim a previsão dos acontecimentos para se concorrer para o bem estar da humanidade. O bello aforismo de Augusto Comte: «*Savoir, c'est prévoir, afin de pouvoir,*» applica-se a todas as sciencias indistinctamente. Por isso é grande a missão da historia, como já o compre-

hendia Cervantes quando a definia no seu immortal *Don Quijote* como: «emula do tempo, deposito das acções, testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertencia do porvir.»

Estas observações foram-nos suscitadas pela leitura rapida do primeiro capitulo do *Tableau d'une histoire sociale de l'Église*, por Victor Arnould, em publicação na magnifica revista de *La Philosophie positive*. As revoluções sociaes do primeiro seculo da nossa éra fizeram-nos lembrar as profundas transformações do seculo actual e levaram-nos a approximal-as, procurando tirar d'aquellas toda a luz que nos possa servir para guiar o nosso espirito na solução da crise que atravessamos. E' o que vamos tentar nas breves e despretenciosas linhas que se seguem.

I

Roma, engrandecendo-se pelo regimen republicano, depois da plebe romana triumphar dos patricios, fizera-se conquistadora e submetera todo o mundo conhecido, do Oceano até ao Euphrates e dos Alpes até além do Mediterraneo, até Carthago e até ao Egypto. Todas as velhas civilisações orientaes prestavam homenagem ao senado romano. Era este o senhor do mundo. Mas á proporção que os exercitos de Roma sujeitavam os outros povos, as civilisações adiantadas do Oriente exerciam poderosa influencia sobre o povo ro-

mano. Parte d'este, a antiga plebe, era um corpo de pequenos proprietarios, sujeitos a todas as eventualidades e que facilmente cahiam na miseria. Abaixo da plebe havia os escravos, que augmentavam constantemente com as successivas conquistas dos romanos. Uma troca estabelecia-se entre a Italia e as provincias, diz Michelet; a Italia enviava seus filhos para morrerem em paizes affastados e em compensação recebia milhões de escravos. Bem depressa os filhos dos libertos tornaram-se senhores de Roma, eram o principal elemento do povo romano. O estado social da republica romana aggravava-se com a decadencia da plebe; esta fizera-se forte com a instituição dos tribunos, mas a perda da propriedade, base do seu vigor, era a causa da sua ruina. A vida guerreira da conquista apressou a decadencia. Muito embora se levantou por varias vezes a questão da partilha das terras conquistadas; os Gracchos, os maiores defensores d'este projecto, succumbiram e desde então a plebe foi condemnada á decomposição. O imperio saiu d'esta decadencia; o dilemma fôra posto pelos factos: ou a republica aristocratica ou a dictadura. Pompêo e Brutus foram vencidos, triumphou Cesar e Augusto. Os imperadores, pelo menos, deram ás provincias um estado de ordem e de socego relativamente superior ao dos ultimos dias da republica; a esta tranquillidade geral, trazida pela dictadura, chamou Plinio—a immensa magestade da paz romana; entretanto a plebe em Roma reclamava *panem et circenses*, perdera a soberania

e a consciencia, lançava-se na desordenada orgia do imperio. O fisco imperial iria em breve terminar a obra do desmoronamento.

Ao mesmo tempo a decadencia moral acompanhava a decadencia politica e social; as antigas crenças tinham entrado na phase da dissolução; a philosophia grega e as crenças orientaes derramaram-se por toda a parte; Sérapis rivalisa com Jupiter; Isis supplanta Venus; o boi Apis tambem encontra adoradores. Os romanos olhavam com um certo desdém sceptico e desprezível todas as crenças. Começaram por abrir o Pantheon a todos os deuses dos vencidos e terminaram por divinisar os proprios imperadores.

No meio d'esta decomposição geral da sociedade antiga fermentava uma nova ordem de cousas. A transformação havia de levar seculos, mas fazia-se gradualmente; por vezes houve commoções violentas; nem podia deixar de ser assim. Encontravam-se em face duas classes distinctas; de um lado milhões de homens sem cousa alguma, sem a propria liberdade pessoal; do outro alguns milhares, senhores d'aquelles e de todos os instrumentos da vida. A escravidão que fôra uma consequencia das guerras, o destino dos vencidos, tornou-se uma degradação até dos antigos homens livres. Uma parte d'estes cahirá na escravidão, ao passo que muitos senhores eram simples libertos. Entre senhores e escravos deixou de haver differença de origem, de raça, de qualidade; a raça, a qualidade, a origem é a mesma, muitas vezes a instrucção e a cultura dos escla-

vos é ainda superior á dos senhores. Os escravos são um objecto de luxo, chegam por vezes a cinco, a dez, a vinte mil e mais; nas grandes casas havia um *nomenclator* cujo officio era simplesmente lembrar-se do nome de cada um dos escravos. Os escravos e os proletarios (a antiga plebe) eram o total da população, elegiam os imperadores contra os patricios, porque a dictadura d'aquelles era mais suave do que a oligarchia d'estes.

Ha muito tempo que este estado de cousas se accentuava e aggravava. Algumas revoluções haviam rebentado. Em 138 annos a. C. teve lugar a primeira revolta dos escravos; na Sicilia duzentos mil homens revoltaram-se sob as ordens de Eunus, escravo syrio, combateram o exercito romano, derrotaram successivamente quatro pretores, mas afinal foram vencidos por Rupilius que os fez massacrar a todos. Entre 105 e 101 a. C. deu-se a segunda guerra dos escravos á voz de Salvius e Athenion que depois de cinco annos de lucta tiveram o mesmo fim; o massacre foi horroroso. Depois de novo periodo de socego rebenta nova revolução 73 annos a. C. Os escravos tinham por alliados os proletarios e os camponezes; Spartacus á frente d'elles ameaçou Roma, destroçando exercitos sobre exercitos; mas segundo o costume foram desbaratados pelo general romano, por Crassus, que ordenou uma espantosa carnificina. Estas successivas derrotas tiraram a esperanza aos vencidos; a resignação, o desprezo de todos os males, começou a apossar-se

d'elles com as ideias vindas do Oriente. O ideal mysterioso da Asia, o *nirvânah*, o aniquilamento individual, o descanso eterno, inoculou-se pouco a pouco no animo das populações subjugadas. Com este desalento das camadas inferiores coincidia o esplendor das classes elevadas — o luxo oriental dos patricios misturado á cultura da philosophia, da arto, e da litteratura, recebida da Grecia. Foi o deslumbrante seculo de Augusto. E' então que Virgilio escreve a *Eneida*, o poema do povo romano, que vinha de abdicar o seu poder nas mãos dos imperadores. Assim entre os patricios e a plebe abriu-se um abysmo profundo, ao mesmo tempo economico e intellectual.

Toda a ordem de ideias vindas do Oriente achavam acolhimento entre a plebe. O Egypto e a India, conquistas dos Romanos, seduziram os vencedores e deslumbraram-os. O vasto imperio romano tornou-se um laboratorio onde se combinavam as ideias religiosas, moraes e philosophicas das velhas civilisações. (1) N'uma das pro-

(1) O Christianismo, já em decadencia, mas que ainda domina um grande numero de consciencias, e que os seus sectarios nos tentam impôr como revelação divina, como obra sobrenatural, basea-se unica e exclusivamente em elementos tirados de outras religiões mais antigas, e amalgamados sem plano nem criterio algum, conforme as tradições e os usos dos povos que contribuíram espontaneamente para a sua formação. O Christianismo, portanto, nada tem de original, de propriamente novo; mythos, lendas, culto, praticas religiosas, moral, rito, tudo recebeu quer das velhas religiões do Egypto e da Chal-dea, quer do monotheismo e do messianismo dos He-

vincias do imperio, na Judeia, foi ondê essa agitação tomou ao principio maiores proporções, por causa da maior resistencia d'esse povo vencido contra as ideias novas que se espalhavam por toda a parte. Os Israelitas eram fanaticos; Tacito diz d'elles: *Gens superstitioni obnoxia, religionibus adversa*. Este povo durante muito tempo alliara ao amor do culto, o amor da independen-

breus, quer dos cultos áricos, ou ainda dos philosophos gregos, dos gnosticos e moralistas. As cousas que á primeira vista parecem mais secundarias e mais insignificantes para o corpo da religião, essas mesmas não são mais, do que a copia, mais ou menos modificada, de usos e praticas que se encontram nas religiões orientaes. O ritual da Igreja catholica fornece-nos exemplos innumeraveis e dignos de serem estudados sob o ponto de vista comparativo e de filiação historica, não só como valioso subsidio para a historia das religiões, mas também como meio de ajudar á demolição d'esse edificio que se desmorona o que não pode servir já de abrigo aos nossos espiritos, sedentos de luz e necessitados de sciencia.

Limitar-nos-hemos aqui, n'esta nota, a dar um exemplo do que avançamos.

Todos os annos, no sabbado de alleluia, nas egrejas onde se celebram as festas da semana santa, ha o baptismo do cirio. Uma grossa vêla de cêra, lavrada e colorida, accesa com lume bento e tendo em cruz cinco grãos de incenso é conduzida á pia baptismal onde recebe o nome de Maria. Alguns pingos de cêra d'este cirio, algumas gotas de oleo santo e varias orações apropriadas para esse fim, convertem a agua da pia baptismal em agua benta, a qual serve em todo o anno ás ceremonias do culto; com ella se baptisam as crianças e os neophytos e se aspergem os fieis antes da missa do dia e nas

cia nacional. As guerras de que foram victimas, as calamidades que soffreram dos Egypcios, dos Chaldeos e dos Assyrios abateram-lhe o sentimento da independencia, mas reforçaram-lhe o amor do culto nacional; nos soffrimentos do captiveiro ou das derrotas refugiavam-se na crença; era esta que lhes dava a energia e a cohesão

festas sollemnes, bem como os devotos á entrada e á saída do templo.

Encontramos um costume identico, ao que deixamos descripto, entre os seguidores da religião do Sinto, no Japão. No quarto mez do anno ha um *Reibi* ou festa em que se celebra o baptismo de Buddha ainda criança; a agua que serve a esta cerimonia guarda-se e utiliza-se como panacea durante o anno; os Buddhistas tambem têm esta mesma festa. (*La Philosophie positive*, revue, vol. xxv, pag. 279).

A origem d'estas ceremonias religiosas do Christianismo e do culto do Sinto e de Buddha é decerto a mesma e acha-se talvez na religião brahmanica, que precedeu todas aquellas. Effectivamente no culto brahmanico emprega-se a agua lustral, da qual Jacolliot diz:

«A agua lustral é aquella sobre a qual o padre brahman, depois de ter feito dissolver n'ella incenso, myrrha, cravo da India, almiscar, sandalo, canela, lyrio e sal, pronuncia as seguintes palavras da consagração: *Em nome de Brahma, Vischnú e Siva, que esta agua se torne agua de purificação*. Esta agua serve para todas as ceremonias do culto, para as purificações dos padres e dos instrumentos dos sacrificios, assim como para o baptismo (*on-doiement*) dos recém-nascidos.» (Jacolliot, *Christna et le Christ*, pag. 154).

Por aqui se vê claramente a procedencia da agua benta empregada nas ceremonias e officios do catholicismo, e como estas podem fazer-se innumeras aproximações dos usos christãos com os das religiões orientaes.

da nacionalidade, de uma patria ideal, que ainda hoje conservam dispersos pelo mundo. Quando as extorsões dos empregados fiscaes e dos magistrados do imperio lhes tiraram toda a esperanza de melhorarem de sorte sob o dominio romano, lançaram-se na revolução e foram extinctos; foi a energia do fanatismo que os levara á revolta. Esse fanatismo, opposto á tolerancia romana, provocou maior agitação das novas ideias, como sempre succede; a reacção equivale á reacção. Muitos agitadores, prophetas ou feiticeiros, apparecem prégando doutrinas novas e indeterminadas, um mixto das religiões do Oriente e da philosophia grega. O proprio Jesus não foi mais do que um d'esses illuminados que pretendia introduzir na Judeia a revolução moral que se dava nas outras provincias do imperio. O odio que os Judeus lhe votaram é uma prova d'isso; com razão observa Victor Arnould que Jesus e seus discipulos eram considerados não como reformadores indigenas do culto, mas como traidores, imbuidos de ideias estrangeiras, que pretendiam supplantar a religião nacional. Jesus soffreu o supplicio da cruz, como muitos outros visionarios e agitadores antes e depois d'elle; era uma cousa vulgar n'aquella época. Com a morte d'elle parou a propaganda da sua doutrina. «Nada mais antipathico a Jesus do que a Judeia, diz Arnould; é ali que desde o primeiro dia a reacção contra elle é mais forte; até hoje, só os Judeus resistiram a toda a propaganda christã. Os discipulos sabem-no bem. Elles não deligenciaram evangelisar na Judeia!

Logo que Jesus morreu, não disputaram mais; voltaram á Galiléa para retomarem os seus officios. As mulheres que seguiam Jesus abandonaram inteiramente a propaganda; não se ouve mais fallar d'ellas. Se não existissem como primeiros elementos christãos, senão Jesus, seus discipulos e a Judeia, estava tudo acabado.» Mas, annos depois, as populações que ouviram Jesus despertaram á voz de um novo agitador; um homem de origem estrangeira, um certo Paulo, um desconhecido, préga a nova doutrina sob o nome mysterioso de Christo; os discipulos de Jesus combatem-no, calumniam-no, insultam o novo apostolo, como um intruso; mas são vencidos e arrastados na corrente da opinião. Elles mesmos recommencam a propaganda. O terreno desde muito estava preparado para receber a doutrina nova. As epistolas de S. Paulo provam-no; este apostolo dá-nos paizes inteiros como se fossem conquistados pela sua voz para a religião christã; mas na Syria já existiam egrejas organisadas antes d'elle prégar a nova crença e n'outros pontos haviam surgido diversos agitadores. No anno 64 da era vulgar, data da primeira perseguição, já o Christianismo fizera grandes progressos. Na verdade foi Paulo o principal fundador da nova crença; chamando a si os escravos, o maior numero, exalta-lhes a imaginação com as promessas de uma vida nova; não era um ignorante visionario, era um cidadão romano, com uma instrucção completa, conhecendo os philosophos e os poetas da Grecia, que se devotara á causa dos miseraveis. Con-

vence-os e domina-os pelo sentimento e pelo mysterio; o nome de Christo serve-lhe para esse fim; recebeu-o talvez do Oriente, das antigas tradições, e emprega-o como bandeira da doutrina que préga, isto é, a fé n'um renascimento; condemna ao desprezo a lei escripta e toda a auctoridade e assim attrae a multidão. «Como os escravos e os pobres são privados de toda a consideração publica, de toda a dignidade mental, como no fundo nada lhes importa senão as relações privadas, e como suprema alegria a vida de familia, S. Paulo faz do Christianismo a religião domestica por excellencia. Toma o «dar a Cesar o que é de Cesar» e estende-o tanto que o escravo christão acaba por fazer de si mesmo duas partes, quasi sem relações entre ellas: uma, o corpo, que sua, que se açouta, que faz todos os serviços mesmo os mais vis; a outra, a alma que vive para si mesma ou para outras almas com as quaes sómente porá em commun os seus sonhos. O mundo inteiro, a nação, a historia, a sociedade desaparecem. Não ha mais do que seres sem nome, sem personalidade, inclinados perpetuamente sobre o seu proprio nada.» Estas palavras de Victor Arnould descrevem bem a obra de Paulo.

A par d'esta revolução provocada por Paulo, dava-se outra mais profunda e mais radical contra as instituições romanas e contra as classes superiores, condemnadas a desaparecer; fazia-se egualmente sob o nome do Christianismo, mas não só declarava guerra á civilisação greco-romana, como tambem a Paulo, ás suas doutrinas

e aos seus discipulos. D'aquelle movimento revolucionario chegaram até nós as *Epistolas* de S. Paulo; d'este tambem possuimos um documento, que é o *Apocalypse*, de fórma prophetica, inteiramente asiatica. João, o auctor do *Apocalypse*, dirigindo-se ás sete egrejas da Asia chama *synagoga de Satan* á egreja de Smyrna e lança as maiores calumnias e injurias sobre todos os discipulos de Paulo, em especial sobre as egrejas de Pergamo, Thyatires e Sardes, contaminadas pela doutrina dos *Nicolaistas*, isto é dos adeptos do verdadeiro fundador do Christianismo. Epheso, pelo contrario, repelle «os que se dizem apostolos e não o são», odeia os discipulos de Paulo, «não sustenta os máus, experimentou-os e reconheceu-os mentirosos.» Philadelphia tambem se mostra adversa á «gente da synagoga de Satan.» Entretanto a setima egreja, Laodicéa, conserva-se indifferente, é o peor dos Estados, porque como a capital do imperio lançou-se na dissipação e na devassidão greco-romana. João chama as cidades que escutam Paulo ao bom caminho, incita-as a «voltarem ás primeiras obras», a abandonarem o intruso, o corruptor, o mentiroso, o estrangeiro. Em torno d'estas cidades antigas a que João chama as sete egrejas da Asia, estendia-se a vasta zona em que predominavam as ideias prégadas por Paulo, ou que segundo a tradição, elle percorreria e a cujos povos dirigia as suas cartas: Tessalonica, Athenas, Corintho, Creta, a costa da Syria, Cilicia, a Phrygia, etc. João combate a influencia do espirito, que reinava n'estes paizes,

sobre as sete cidades da Asia. As *Epistolas* de Paulo também se referem a inimigos poderosos que o combatiam, e que decerto são os amigos do auctor do *Apocalypse*. Paulo encontra-se entre dois partidos ou correntes extremas: a greco-romana ou do centro do imperio e a revolucionaria intransigente, ou a do *Apocalypse*. Para João, e em geral para toda a Asia revolucionaria, Paulo não é mais do que um traidor, porque prégua a abstenção, a contemporisação, quando era preciso attacar de frente o dominio imperial, elle leva o povo para um mysticismo sentimental e inerte, em vez de o conduzir á acção, á lucta. Revoltara-se quasi todo o imperio contra Nero, os exercitos e os povos alliavam-se contra o tyranno; Vindex na Gallia proclamou a revolta, a Hespânia, a Lusitania, a Africa e a propria Germania inferior seguiram-lhe o exemplo; o Oriente, porém, ficara silencioso, porque Paulo havia prégado a doutrina da covardia e do abandono. No *Apocalypse* João, pelo contrario, prégava a guerra nacional e social contra o dominio romano e contra a sua corrupção e chamava aos que aconselhavam a abstenção «falsos irmãos que era preciso combater com o mesmo ardor que a propria Roma.» Aos olhos de João e dos Asiaticos revolucionarios Paulo era um emissario do imperio, que aconselhava o povo a «dar a Cesar o que é de Cesar.» Na linguagem apocalyptica o imperio romano é um *dragão* a que «a terra inteira presta homenagem» e que é forte porque ha sobre a terra um outro animal que «falla como o dragão roma-

no» e que «seduz os homens tendo dois cornos semelhantes aos do cordeiro.» O cordeiro é o symbolo dos apóstolos do *Apocalypse*, emquanto que o animal que seduz os homens, sendo alliado do dragão, é o symbolo de Paulo e dos Nicolaístas.

Com a sua doutrina abstencionista Paulo conseguiu chamar a si os burguezes das cidades orientaes e gregas, que, odiando o imperio, detestavam tambem toda a exaltação revolucionaria. Segundo Victor Arnould, o João commetteu um erro, combatendo os paulistas como traidores, e obrigando-os a declararem-se por um partido definido; atacando-os, dispunha-os naturalmente contra si e a favor do inimigo commun, o que era prejudicial aos revolucionarios. Se estes não levantassem os odios da multidão contra a burguezia paulista, a revolução ganharia muito porque não encontrava resistencia da parte d'esta, a qual abstendo-se de intervir na lucta esperaria os acontecimentos. Diz o mesmo auctor que a eterna falta de todos os revolucionarios theoricos, como João, é o desconhecerem os partidos intermedios e lançarem-nos do lado do inimigo com quem os confundem. Parece-nos, porém, que os fins de Paulo eram bem differentes dos de João, pois levando o povo para o mysticismo sentimental, preparava-o para receber pacificamente a tyrannia dos imperadores, sem se revoltar, e aceitando-a como um castigo da providencia ou como um meio de ganhar mais facilmente a bemaventurança. João, pelo contrario, queria a revolução social contra o imperio e contra a dissolução gre-

co-romana, queria reorganisar. a sociedade em bases mais justas e favoraveis aos escravos e proletarios que de bom grado acceitavam as novas doutrinas. A influencia das doutrinas conservadoras de Paulo fez-se bem depressa sentir.

A agitação revolucionaria em que ficou o imperio á morte de Nero teve por consequencia immediata uma serie ephemera de Cesares saídos do elemento militar, que se succederam no throno de Nero, disputando-o uns aos outros pelas armas. Entretanto Vespasiano, o chefe militar do Oriente, que n'esta occasião procurara suffocar a revolta nacional dos Judeus, em vez de se lançar na guerra civil para ganhar o poder, conservou-se affastado e quasi indifferente á lucta, formando apenas uma especie de liga de salvação publica para a qual entraram as classes conservadoras que seguiam a doutrina de Paulo. Quando Vitellius quiz substituir as legiões de Vespasiano pelas legiões da Germania, aquellas revoltaram-se e proclamaram imperador a Vespasiano que foi logo reconhecido por todo o Oriente, á excepção das cidades da Lydia, que seguiam as ideias intransigentes de João. A subida de Vespasiano ao throno imperial foi o triumpho para a doutrina paulista; este imperador e seu filho Titus aniquilam os Judeus e destroem Jerusalem com o apoio de todo o Oriente que via n'aquelle povo o maior adversario da doutrina nova. Com razão observa Victor Arnould: «Sim! foi o Christianismo que se installou no throno com a familia dos Flavios. Não sem duvida o Chris-

tianismo purificado que mais tarde conheceremos depois da longa elaboração das ideias, mas o que existe nos tres quartos do primeiro seculo, isto é, o Christianismo sem o Christo, o Christianismo misturado aos sonhos de vinte povos, ás tradições de vinte raças, ao symbolismo assyrio e puro de João como ao idealismo israelita de Paulo, com as praticas de Serapis e o sentimentalismo do Egypto.» Vespasiano, assim como destruiu Jerusalem, tambem tirou a liberdade ás cidades revolucionarias da Lydia e isolou-as militarmente, afim de abafar o movimento revolucionario pré-gado por agitadores exaltados como João. Venceu assim a facção conservadora do Christianismo, mas vinte e cinco annos depois a facção exaltada dos revolucionarios incommoda outra vez o imperio e d'esta vez faz-se sentir no seio da propria Roma. Domiciano, o ultimo representante da familia burgueza, eleita pelos conservadores inclinados á reforma, persegue os exaltados e com elles os philosophos, os judeus reaccionarios, e até os proprios revolucionarios conservadores, e impõe o velho culto romano, quasi esquecido desde Vespasiano.

Porém durante os vinte e cinco annos de socego sob o dominio dos Flavios dera-se uma modificação profunda no movimento revolucionario do Christianismo, como se vê pelos documentos historicos, que segundo todas as probabilidades pertencem a esta época. Taes são os Evangelhos de Marcos, de Matheus e de Lucas, as epistolas de Pedro, de João e de Thiago e uma parte dos

Actos dos apóstolos. Por estes documentos conhece-se que o movimento revolucionario e social afastara-se da sua corrente primitiva tornando-se pacifico e inteiramente religioso. Como unica reforma social queriam o communismo de bens, essa utopia que vemos surgir sempre na historia como remedio ideal nos momentos de crise. Em vez de prégarem a revolta contra as instituições e contra a corrupção social, como no *Apocalypse*, estes documentos historicos advogam a paciencia, a doçura, o soffrimento. Em vez do desprezo das grandezas imperiaes, como aconselhava Paulo, recommendam a humildade e mesmo o aviltamento, quando dizem: *Se te derem uma bofetada na face direita offerece a esquerda*. Foi durante esta época de socego que tambem se começou a formar a lenda do Christo, aproveitando-se das tradições orientaes do mytho solar para fazerem um deus soffredor, morrendo sempre, e sempre resuscitando.

Assim pela transigencia dos discipulos de Paulo o movimento revolucionario social e politico converteu-se em religioso e o imperio romano prolongou a sua decadencia ainda por quatro seculos, inutilmente para a civilisação da humanidade.

II

A queda do imperio romano nas mãos dos barbaes trouxe a reorganisação lenta da sociedade

sobre novas bases—a propriedade territorial e a substituição dos escravos pelos servos da gleba. Foi entre o quinto e o decimo seculo da nossa éra, que se deu a profunda transformação social, d'onde saiu o regimen feudal que domina toda a idade media. O Christianismo desenvolveu-se n'este meio, como doutrina religiosa, apoderou-se das consciencias, chamou a si o poder espiritual, conseguiu mesmo dominar por vezes o poder temporal, tornou-se enfim sob o nome de Egreja catholica uma potencia preponderante e absoluta no meio de todos os estados da idade media, mas desviara-se inteiramente da corrente primitiva e adaptara-se completamente á nova ordem de cousas saída da complexa elaboração dos seculos mudos.

Como no mundo romano, durante seculos, se deu a grande luta entre os patricios e a plebe, até ao triumpho definitivo alcançado por esta, tambem assim na idade media e nos seculos posteriores tiveram logar as luctas gigantes entre o feudalismo, a monarchia e o terceiro estado. As revoltas communaes, as lojas de officios, as *jacqueries*, etc. o que foram senão o povo reclamando os seus direitos contra os senhores feudaes, como a plebe romana os reclamara contra os patricios. A gloriosa revolução de 1789, que teve por consequencia a proclamação dos direitos do homem, marca o periodo em que o povo, o terceiro estado, venceu definitivamente o feudalismo medievico e a monarchia absoluta que se lhe seguiu.

O movimento intellectual tomou o mesmo rumo. Em Roma o polytheismo decahira e esphacelara-se ao contacto da philosophia grega, que se introduzira em todas as camadas sociaes. Tambem desde o seculo XVI, que o desenvolvimento scientifico começou a atacar pela base o dogmatismo catholico da civilisação christã; principalmente o seculo XVIII foi um seculo de critica demolidora e dissolvente para a religião, que chegou a ser banida pela republica franceza e substituida pelo culto metaphysico da deusa Razão.

O espantoso desenvolvimento, que as sciencias tiveram n'estes ultimos seculos, abalou profundamente o Christianismo, lançando primeiro a duvida nas consciencias, e impellindo-as depois para o esteril campo das doutrinas metaphysicas, para um mysticismo vago e indeterminado, apto para desenvolver os germens de novas religiões, ou preparando as intelligencias para receberem uma disciplina rigorosa e positiva baseada unica e exclusivamente na observação e experiencia.

O estado, em que se encontrava a Europa nos fins do seculo passado, era na realidade identico ao estado da antiga Roma nos ultimos tempos da republica. Tanto uma como outra sociedade achavam-se relativamente nas mesmas condições. Uma e outra haviam chegado ao periodo agudo da revolução social. Em Roma o polytheismo dissolvera-se nas consciencias e as ideias philosophicas das escolas gregas invadiam tudo; na Europa moderna tambem o Christianismo fôra destruido pela critica rigorosa de Diderot, de Voltaire, dos

Encyclopedistas; ali a plebe romana adquirira pouco a pouco direitos politicos e tirara aos patricios parte do poder supremo; aqui levantara-se o terceiro estado, a burguezia, e tirara das mãos do monarcha, primeiro as redeas do governo, depois o proprio sceptro; mas ao mesmo tempo que a plebe romana se levantava, crescia a miseria da multidão e multiplicava-se o numero dos escravos; tambem em França á proporção que a burguezia se organisava em terceiro estado, a pobreza augmentava e surgia o proletariado indefenso e miseravel. A revolução de 1789 foi provocada pela fome. A burguezia e a plebe deram-se as mãos para destruir os restos da edade media que embaraçavam o desenvolvimento gradual e progressivo da humanidade.

Não é nosso fito fazermos aqui a historia da revolução, e da época que se lhe seguiu até hoje; o que vamos é bosquejar a largos traços o caminho que a evolução tem trazido desde os fins do seculo passado.

III

Antes de passarmos adiante cumpre-nos fazer uma observação. A sociologia é de todas as sciencias a mais complexa e difficil por causa do grande numero de factores que entram na producção de qualquer phenomeno. A lei principal, que rege os phenomenos sociologicos é, como todas as leis naturaes, constante e rigorosa, mas o seu rythmo

é variavel. A evolução social, como o movimento dos planetas, faz-se por oscillações successivas, isto é, faz-se sempre no sentido da menor resistencia, que nunca é a linha recta, mas a resultante de duas ou mais forças diversas, ou das acções e reacções. Tambem a multiplicação dos effeitos ou a dispersão do movimento, desenvolvendo os aggregados sociaes, apressa a marcha da humanidade, e torna as phases da civilisação mais curtas, e ao mesmo tempo os progressos mais intensos. Assim a evolução social dá-se hoje mais rapidamente, do que nos tempos antigos; a dissolução do Christianismo consummou-se em menos seculos do que em Roma e na Grecia a do polytheismo; do mesmo modo as transformações sociaes realisam-se n'este seculo com muito maior rapidez do que nas civilisações da antiguidade. Eis porque se tem caminhado tanto desde a revolução de 1789.

No meio d'esta espantosa crise revolucionaria agitaram-se todas as ideias e theorias philosophicas que haviam surgido durante o seculo. Houve lucta de principios e de systemas. O fim que todos tinham em vista era o mesmo—a reorganisação social; agora os meios para o conseguirem eram diversos, innumeròs, por vezes oppositos. Os principaes combates feriram-se no seio da Convenção nacional. Tres escolas principaes ali se debatiam: os Girondinos, que seguiam a philosophia de Voltaire; os amigos de Danton, que eram os discipulos dos Encyclopedistas ou de Diderot; e os Robespierristas, que tinham por

ideal politico o *Contracto social* de Rousseau. O primeiro combate decisivo deu-se entre a Montanha e a Gironda. Aquella tinha por chefe Danton, esta verdadeiramente nunca teve chefe conhecido. A França encontrava-se n'um momento extraordinario de perigo, no centro da Europa monarchica, colligada contra a republica. Era indispensavel o acôrdo de todos os republicanos para repellirem os ataques exteriores. Danton assim o comprehendeu e diligenciou, mas debalde, alliar-se com os Girondinos; estes conservavam-se inabalaveis; querendo empregar a todo o transe a sua politica absoluta; muitos dos da Montanha tambem não queriam allianças, preferiam caminhando isolados, solidificarem a republica sem a ajuda dos da Gironda. Mas Danton, espirito lucido e pratico, não era d'essa opinião; via na alliança de todos os grupos a salvação da patria e da republica. Em vão, porém, diligenciou trazer os Girondinos a um acôrdo temporario com os Montanhêzes; aquelles repelliram sempre as suas propostas accusando-o de aspirar á dictadura, e calumniando-o indignamente. Danton respondia ás calumnias com o desprezo; desde que entrara na vida publica resolvera «não oppôr a seus detractores senão as suas proprias acções e não se vingar senão assignalando cada vez mais o seu amor á nação.» Tal foi sempre a sua conducta. Não admira que Danton fosse calumniado; a calunnia em todos os tempos foi empregada, como arma de combate, contra os maiores propagandistas; já a vimos no seculo primeiro da nos-

sa éra applicada contra Paulo e contra os Nicolaistas, accusados injustamente de traidores e de instrumentos pagos pela autoridade para conservar o povo sob o jugo imperial; nos fins do seculo passado todos os principaes vultos da revolução foram alvo das calumnias de adversarios e de correligionarios invejosos ou despeitados, calumnias que envolveram durante largos annos a sua memoria e que só em nossos dias se conseguiu desfazer de todo. Ainda hoje é a calumnia frequentes vezes empregada contra os mais sinceros e convictos propagandistas. Danton foi um dos mais calumniados; mas os criticos modernos lançaram sobre elle toda a luz da historia, e fizeram-no surgir a toda a sua altura, sem as manchas escuras, em que o haviam envolvido os difamadores.

Os esforços de Danton para a conciliação dos grupos republicanos foram baldados. A Gironda, não querendo a alliança que lhe propunha o chefe da Montanha, e augmentando cada vez mais os seus ataques furiosos contra este grupo, tinha fatalmente de succumbir. O senso pratico, o criterio seguro e positivo de Danton era recebido com invectivas e injurias; Danton, para os Girondinos, era «um ambicioso,» não tinha em vista senão «subir ao throno;» em vão elle abandonava o cargo de ministro da justiça, em vão jurava pela patria nunca mais accitar qualquer logar do ministerio, em vão pedia a pena de morte contra quem ousasse propôr a dictadura; nada fazia callar os adversarios. A multidão agitava-se, revol-

tava-se, e clamava em colera ao redor da Convenção. Danton procurava apaziguar os animos exaltados, «salvar o povo da propria colera» e incessantemente renovava as tentativas de conciliação e de paz. Robespierre e seus amigos, que faziam ainda parte da Montanha, não viam com bons olhos a alliança proposta aos Girondinos, mas submettiam-se; os ataques insistentes d'estes exasperavam-os, e os odios cresciam. Danton a custo os continha. Por fim, a 2 de junho de 1793, a Convenção teve de decretar a prisão de vinte e dois de seus membros, todos da Gironda; era uma medida urgente e indispensavel para a salvação da patria, invadida já pelos exercitos estrangeiros.

Entretanto accentuára-se uma divisão no seio da Montanha. Vencidos os Girondinos, desappareceu a unidade d'este grupo. Robespierre formou um novo grupo, com os individuos que se tinham mostrado mais adversos á alliança proposta á Gironda. Já dissemos que o ideal politico dos Robespierristas era o *Contracto social* de Rousseau, ao passo que Danton seguia a escola scientifica da Encyclopedia. Havia, portanto, entre os dois grupos uma profunda differença de principios. Os Robespierristas pretendiam reorganisar a sociedade sobre as bases do antigo regimen, mas com uma nova forma politica, e para conseguirem o seu fim não hesitavam em servirem-se de todos os meios até mesmo em derramarem o sangue de todos os que não pensassem como elles. Os Dantonistas viam claramente a impossibilidade de uma reorganisação rapida da sociedade sobre bases so-

lidas e estaveis, quando ainda se estava no momento de crise, e sentiam que só uma política *relativa* de applicações transitorias, que estabelecessem a ordem e favorecessem o desenvolvimento progressivo do organismo social, poderia ser util em tão criticas circumstancias.

A guerra estava accesa em todas as fronteiras da França ao mesmo tempo; a Vandéa insurgira-se contra a republica e a guerra civil ameaçava por toda a parte a Convenção, ateadada de mais a mais pelos Girondinos, que se haviam espalhado pelas provincias. Por um momento o talento pratico de Danton, a sua actividade e energia, conseguiram exercer salutar influencia no seio da Convenção, deram um impulso extraordinario aos trabalhos de submissão das provincias revoltadas e da defeza da patria.

Esta influencia suprema de Danton não durou muitos mezes; tendo adoecido e vendo-se forçado a retirar-se para o campo, deixou, por assim dizer, a Convenção entregue aos seus inimigos politicos, que na sua ausencia fizeram reviver as antigas calumnias, acrescentando-as e espalhando-as com um fervor digno de melhor empresa.

O regimen sanguinario começou. O reapparecimento de Danton em Paris poz termo temporariamente ao novo estado de cousas, creado pelos Robespierristas e Hebertistas, uma nova facção, cujas ideias pouco deferiam das d'aquelle grupo. O que todos os verdadeiros patriotas deviam ter em vista n'aquelle momento, era a manutenção da republica, conservando-a em condições favo-

raveis para gradualmente se estabelecer em bases solidas e inabalaveis. Era este o pensamento que guiava os Dantonistas. Infelizmente os sceptarios de Robespierre e de Hebert preferiam fazer triumphar á força as utopias metaphysicas, que pretendiam implantar. D'ahi as novas dissensões que rebentaram na Convenção e os esforços inuteis de Danton para a liga das diversas facções do partido republicano. N'esta luta succumbiram os Dantonistas e foram assassinados depois de soffrerem um processo iniquo, promovido pelos partidarios de Robespierre. A victoria d'este foi a reacção. Do seu triumpho á dictadura não havia senão um passo. A politica retrograda de Robespierre preparou a França para se lançar nos braços do primeiro aventureiro, que tentasse apoderar-se do poder. Foi o que succedeu. Bonaparte, militar audacioso e intelligente, dominou a França, primeiro sob o titulo de consul e mais tarde sob o de imperador, embriagando o povo com o delirio das victorias e dos louros marciaes. Estava terminado o primeiro acto da grande revolução social; e este movimento repercutiu-se em toda a Europa; assim como um som se propaga em todas as direcções, diminuindo de intensidade á proporção que o ar atravessado é em maior quantidade, tambem as forças dispendidas por um aggregado social irradiam para todos os lados e actuam mais ou menos sobre os aggregados visinhos conforme o contacto e as relações entre elles são mais ou menos directas. As revoluções de Italia nos fins do

seculo passado a de Héspanha em 1812 e a de Portugal em 1820 são reverberações da revolução franceza.

Entretanto a França, o centro revolucionario, cahira n'uma lethargia temporaria, n'um periodo de socego e de renovamento de forças; já no mundo antigo, como vimos, se davam d'estes intervallos entre dois periodos de agitação, intervallos que duravam de vinte a vinte e cinco annos. No seculo actual vemos succeder o mesmo phenomeno. Ao grande periodo revolucionario seguiu-se um periodo de socego relativo, até 1830. A revolução, porém, estava latente; sob as cinzas lavrava o fogo; as ideias philosophicas do seculo XVIII continuavam a exercer a sua acção nos espiritos e desenvolviam-se, desdobravam-se em novos systemas; as sciencias progrediam e encontravam uma intelligencia superior para as classificar e formar sobre ellas uma philosophia em que o absoluto era posto de parte. Ao mesmo tempo creavam-se novas utopias, novas theorias phantasticas de reorganisação social; quasi todas derivadas do idealismo de Rousseau; o mysticismo transformava-as em religiões; Saint-Simon, Fourier, Pierre Leroux, Cabet, Reynaud e muitos outros apostolos appareceram. O proprio Augusto Comte, o systhematisador das sciencias e o fundador da sociologia, tambem pendeu por fim para o mysticismo e creou a religião da humanidade. Estava-se como na antiga Roma, quando o Christianismo começou a desenvolver-se. A ideia utopica do communismo de bens resurgiu

com tanta intensidade como nos primeiros seculos da nossa éra; os ataques contra os ricos e contra a propriedade tornaram-se violentos, como nos primeiros auctores da egreja christã; Proudhon, escrevendo estas celebres palavras: — «Qu'est-ce que la propriété?—C'est le vol!» não fez mais do que repetir concisamente o que disse Santo Agostinho. Este grandioso movimento moral e intellectual, esta agitação profunda e indisciplinada dos espiritos, estendeu-se até nossos dias e ainda está longe do seu termo; mas a disciplina mental começa a dar-se e as utopias idealistas dos successores de Rousseau vão em decadencia.

O triumpho de Robespierre sobre os Dantonistas foi, como dissemos, o principio da reacção, que fatalmente levou a França ao directorio, á dictadura imperial e por ultimo á restauração; isto é, a politica retrograda e o methaphysismo dos Robespierristas levaram por grãos successivos ao restabelecimento do throno e do altar. O conflicto do governo absoluto com o estado geral dos espiritos provocou a revolução de 1830; mas os homens que se pozeram á frente do movimento não tiveram a energia sufficiente para estabelecerem uma republica forte e apta a soffrer todas as modificações exigidas pelas circumstancias; transigiram com a fórma monarchica e adoptaram um regimen hybrido a que se chamou constitucionalismo. Os effeitos d'esta revolução fizeram-se sentir por toda a Europa, e a maior parte das nações imitaram a França impondo á realenza

constituições mais ou menos liberaes, redigidas por fórma que podem ser sophismadas á vontade dos monarchas. Este regimen hybrido, longe de melhorar a situação dos povos, ainda a aggravou conservando as sociedades em moldes estreitos e já condemnados pelo adiantamento da civilisação. Dezoito annos de socego apparente seguiram-se á revolução de 1830, mas durante este periodo as ideias socialistas, as utopias reformadoras e todos os principios de reorganisação tomaram grande desenvolvimento, ao mesmo tempo que a situação precaria do proletariado se tornava cada vez mais desgraçada. A revolução de 1848 foi a consequencia necessaria d'este estado de cousas. Proclamou-se a republica, mas o sentimentalismo societario não a poudé manter por muito tempo; o partido republicano achava-se dividido, como na primeira republica, todos queriam esta fórma de governo, mas cada qual tinha um processo, cada qual advogava um systema, cada qual procurava pôr em pratica a sua theoria de reorganisação. A Assemblêa legislativa estava dividida pelos principios e pelas doutrinas; havia ali representantes de todos os reformadores, de todos os apostolos, que se disputavam o poder espirital da multidão e que pretendiam ser os guias da sociedade moderna. No meio das aspirações reorganisadoras do povo francez, no meio d'este profundo cahos de ideias equalitarias, de theorias socialistas, de systemas utopicos em que se promettia aos proletarios a direcção da sociedade, foi facil a um aventureiro, que se inculcava so-

cialista e cujo nome recordava á França louros marciaes, conquistar a presidencia da republica e dar o criminoso golpe de estado, que o fez imperador. A metaphysica sentimental matou a segunda republica, como havia morto a primeira. Um novo periodo de socego seguiu-se ao crime de 2 de dezembro, e prolongou-se até 1870. Como as revoluções anteriores, a de 1848 tambem exerceu influencia sobre a politica das outras nações europêas.

Durante o periodo que se lhe seguiu teve a industria grande desenvolvimento, melhorando temporariamente as condições economicas do proletariado, o que moderou algum tanto a agitação dos espiritos e o movimento socialista, desilludido tambem pelos actos de Bonaparte. Ao mesmo tempo e pouco a pouco foi conquistando terreno nos espiritos, sobre o sentimentalismo, a disciplina mental da philosophia positiva de Augusto Comte; a fundação da sociologia, obra d'este grande philosophico, tambem contribuiu muito para a decadencia das utopias societarias e reformadoras, porque começou a considerar-se a politica, como uma arte baseada em dados positivos, tirados dos phenomenos sociaes, e não como a applicação á sociedade de qualquer systema traçado *á priori* e no vago da idealisação metaphysica. Assim a philosophia positiva exerceu uma influencia salutar no espirito publico, muito embora o conhecimento preciso d'esta systhematisação scientifica não passasse de um numero restricto de discipulos

de Augusto Comte e não se estendesse ás grandes massas. A philosophia materialista, que tem muitos pontos de contacto com o positivismo, contribuiu igualmente para o enfraquecimento das utopias que esphacelaram a republica de 48. Por outra parte e principalmente o grande movimento scientifico do terceiro quartel d'este seculo destruiu muitas illusões, familiarizando os espiritos com as leis naturaes e com os processos ou methodos rigorosos das sciencias.

A politica corruptora e militar do segundo imperio levou a França á desastrosa guerra com a Allemanha e á vergonhosa quéda de Sédan. Ergueu-se então a terceira republica, imposta pelas circumstancias, a que a ineptia do governo de Napoleão arrastara o paiz. A insurreição de Paris em face dos inimigos, que abalou e espantou a Europa, produziu um effeito salutar, forçando as classes conservadoras a declararem-se pela republica e a procurarem manter a ordem a todo o custo, tornando impossiveis os golpes de estado. O partido republicano uniu as suas fileiras, aliando-se as varias fracções sob a disciplina rigorosa da conservação da republica, e entrou n'uma phase evolutiva, em que se realisam gradualmente todos os progressos possiveis e compatíveis com a manutenção da ordem. Gambetta tem sido o director d'este movimento republicano, do unico que pode levar pacificamente a sociedade a todas as modificações e a todas as reformas, e mais feliz do que Danton encontrou os espiritos

preparados pelos processos scientificos para o ajudarem e lhe darem todo o appoio indispensavel nas actuaes circumstancias.

IV

Nos capitulos precedentes procurámos mostrar a direcção que tomou a grande revolução social, que produziu o Christianismo, e a que traz a revolução social do nosso seculo. Notámos tambem os pontos de contacto que existem entre estas duas épocas de transição. Falta-nos só acrescentar duas palavras.

A mudança da revolução social e politica do Christianismo em revolução religiosa, demorou durante seculos o desenvolvimento da sociedade, fazendo muitas intelligencias esgotarem-se inutilmente no mysthicismo theologico. E' preciso evitar que a moderna revolução social soffra o mesmo desvio. A sciencia, ou melhor a philosophia positiva, deverá ser o poder espirital das sociedades futuras; este poder espirital deve conservar-se no campo da phenomenalidade, sem cair no mysthicismo, que póde ser a origem de novas religiões.

Augusto Comte apesar da sua poderosa intelligencia, nos ultimos annos da sua vida, não poud fugir d'esse estado de espirito, favoravel ás concepções religiosas, e converteu o seu bello *systema philosophico* em *religião da humanida-*

de, com dogmas, culto, orações, etc. Alguns de seus discipulos seguiram esta evolução do seu espirito e fizeram-se apóstolos da religião positiva. Outros, porém, como Emilio Littré, não deixaram a phase philosophica e têm procurado propagar, desenvolver e comprovar a vasta synthese scientifica de Comte. São estes os que podem contribuir efficazmente para que se faça a transformação social no sentido do maior progresso sem abalos e sem reformas violentas. Aquelles, os que querem fazer do positivismo uma nova religião, se conseguissem tomar a direcção das sociedades arrastariam o povo para outra phase religiosa, mais lata e muito superior á phase christã, mas que nem por isso deixaria de atrazar por alguns seculos o desenvolvimento da humanidade. E' o que é necessario ter-se em vista.

A solução d'esta crise que atravessamos deve dar-se de modo que se equilibrem estes dois pólos da evolução social—ordem e progresso, ou as forças staticas e as forças dynamicas. Assim as sociedades modernas progredirão rapida e pacificamente sem choques desastrados, sem abalos profundos e tambem sem reacções perigosas para a integração da humanidade. A oscillação evolutiva far-se-ha sem as commoções e sem os desastres, que marcam todos os periodos atravessados pelo homem desde a sua apparição na vida historica até nossos dias. A luta pela existencia, inevitavel no seio das sociedades, como entre os animaes e vegetaes, tende com a civilisação a perder o seu character primitivo de luta physica,

e a convertêr-se em lucta intellectual e moral, ou lucta de aptidões industriaes, scientificas e artisticas.

A terceira Republica Franceza accentuou a sua politica n'esta direcção, procurando manter a ordem e realisando ao mesmo tempo as reformas politicas e sociaes que se vão tornando indispensaveis. A liga dos diversos grupos republicanos é que tem dado este resultado pelo bom senso pratico, que em geral domina hoje os politicos francezes. A França, levantando-se e regenerando-se pela republica, entrou no campo das applicações scientificas e inaugurou a politica *relativa* do equilibrio entre a ordem e o progresso. E' o exemplo que devem seguir os demais povos civilisados, começando por eliminarem as velhas fórmulas monarchicas, em que se acham ainda cunprimidos, disciplinando o partido republicano e adoptando, depois de proclamada a republica, uma politica scientifica e pratica, conducente a reorganisar a sociedade sobre bases solidas e positivas.

VIII

COMO SE REALISA A EVOLUÇÃO

I

Sanctus

O predominio das forças staticas sobre as forças dynamicas produz a inercia em toda a ordem de phenomenos; a intelligencia não é uma excepção. Desde que o cerebro toca o seu maior gráu de desenvolvimento hereditario estaciona, se novas forças não vêm sollicitar energicamente a sua actividade, vencendo, pouco a pouco, a resistencia natural do organismo constituido. Assim, ao estacionamento do cerebro corresponde a conservação dos usos, costumes e habitos adquiridos e a grande reluctancia que no principio encontram todas as innovações. Este estacionamento dá-se muito cedo nas raças inferiores, porque a massa encephalica attinge precocemente o maximo gráu do seu desenvolvimento organico e o craneo torna-se improgressivo pela ossificação

das suturas. Nas raças superiores ou civilizadas chega-se muito mais tarde á completa constituição do cerebro; e tanto mais tarde, quanto as modificações dos lobulos e a aquisição de novos conhecimentos fôr mais constante, provocando maior actividade intellectual. Por esta razão, mesmo no seio das raças escolhidas, o maximo grau de desenvolvimento varia conforme as condições do individuo e o meio em que exerce a sua acção; nos campos e entre as classes mais ignorantes o estacionamento cerebral effectua-se ordinariamente muito mais cedo do que entre as classes illustradas, onde a actividade mental é sollicitada com muito maior energia.

N'estes phenomenos temos a explicação do espirito conservador das grandes massas e da resistencia que encontram todos os progressos, todos os inventos, todas as innovações no seio das sociedades, ainda mesmo no seio d'aquellas que estão n'um estado relativamente superior de civilisação. A hostilidade surge sempre contra as ideias ou contra as leis que vem alterar, por pouco que seja, a rotina e a pratica seguida por largos annos; quanto mais antigo fôr o uso ou o costume, que se pretende alterar, tanto maior será a reluctancia do povo para aceitar a modificação ou a substituição. Para qualquer ideia nova ser recebida pelo maior numero e introduzida no vulgo é preciso deixar passar uma, duas, tres e mais gerações, as quaes, pouco a pouco, se vão familiarisando com ella, até aceitarem como indispensavel o que primeiro se julgou impratica-

vel, utopico e mesmo prejudicial, e como tal levantou sérias hostilidades, e muitas vezes a condenação, a perseguição, a furia popular. Temos muitos exemplos, que poderíamos citar, da animadversão geral das massas ignorantes contra as innovações, ainda mesmo quando estas são mais faceis na pratica, do que os usos e costumes que pretendem substituir. Limitar-nos-hemos a lembrar o modo como em as nossas provincias receberam as medidas metricas em substituição do antigo e confuso systema de pesos e medidas por arrateis, quintaes, varas, covados, etc. Ainda hoje, apesar do novo systema estar em vigor desde alguns annos, o maior numero, principalmente fóra de Lisboa, emprega no uso commum o antigo, servindo-se do moderno só quando é forçado pelo receio das multas e penas impostas pelas leis. O velho systema monetario dos pintos ou cruzados novos e das moedas, tambem ainda não esqueceu inteiramente nas aldeias e villas.

Entre os povos atrazados o espirito conservador é ainda mais persistente e despotico; impõe-se com a força da lei. E' assim que, segundo Tylor, os Dayaks «mostram a sua aversão pelas innovações multando todos os que forem encontrados a cortar madeira á moda dos Europeus.» Este completo predominio da rotina, dos usos ou dos costumes solidamente enraizados, nota-se em geral nas raças inferiores, como já o observou Herbert Spencer quando disse que *o homem primitivo é no mais alto gráu conservador*. Mas este estado do espirito, adverso a toda a ordem de

progressos ou de modificações, encontra-se mesmo entre povos mais avançados e reflecte-se até nas intelligencias superiores quando a sociedade chega a attingir o ideal concebido por ellas. O que nos prova Platão advogando que a immutabilidade das bellas-artes fosse estabelecida por leis? O grande philosopho grego não podia admitir a progressão artistica; queria a estabilidade absoluta da poesia, da pintura, da esculptura. Vêmos identico phenomeno dar-se em todos os espiritos superiores, que conseguem vêr realisado o seu ideal: revoltam-se contra aquelles que pretendem caminhar, ou que desejam reformar ou transformar de qualquer modo o existente. Podemos applicar estas observações a qualquer geração que tenha implantado uma nova fórma politica, pois oppor-se-ha a tudo quanto mais ou menos tenda a melhorar a situação creada á custa do seu sangue e dos seus esforços.

O homem ignorante em as nossas sociedades tem aversão a todos os progressos, como o selvagem, e talvez se approxime mais d'este, do que dos homens illustrados da sua raça. Certamente com muito maior facilidade chega a adquirir um desenvolvimento cerebral á altura do seculo, mas para o conseguir é indispensavel aproveitar a tempo a plasticidade mental accumulada de geração em geração e transmittida de paes a filhos pela hereditariedade. Não se aproveitando as forças progressivas, a ignorancia alimenta a estabilidade mental—a inercia da intelligencia—e logo o homem, apesar do pertencer a uma raça

superior e civilisada, mostra-se como o selvagem sempre indisposto contra a mudança de habitos e costumes, recebidos já dos antepassados. E' esta a principal causa da difficuldade de introduzir as innovações no seio das sociedades.

Mas as forças conservadoras vão gradualmente perdendo terreno, vencidas pelos progressos humanos, e já hoje qualquer substituição ou reforma se faz em muito menos tempo do que outr'ora, porque a plasticidade cerebral tem augmentado e a instrução vae-se estendendo a um maior numero de individuos.

II

Toda a ordem de phenomenos naturaes está sujeita á transformação, tanto mais facil e mais rapida, relativamente, quanto mais complexo fôr o aggregado de moleculas ou de elementos constitutivos de um corpo.

O individuo pela sua organização complicada, soffre durante o curso regular da sua existencia uma serie de transformações constantes e successivas, desde a fecundação do ovulo até á completa extincção da vida. Todos os dias recebe novos elementos em substituição de outros, ou os accumula por fórma que o organismo se modifica, desenvolvendo-se ou variando a cada momento, mas sem que o desenvolvimento ou a variação se torne desde logo evidente, porque só é vi-

sível qualquer mudança depois de uma longa serie de diferenças minimas e imperceptiveis, ainda para o observador mais perspicaz. O individuo passa successivamente pela infancia, pela adolescencia, pela virilidade e pela velhice, sem que se possa determinar o momento preciso da passagem de uma para outra phase da existencia; as transformações dão-se pouco a pouco e sem solução de continuidade.

O mesmo succede ao organismo social, sujeito tambem a variações continuas, que passam desapercebidas para todos. Os phenomenos sociaes, muito mais complexos do que os phenomenos biologicos, soffrem ainda um maior numero de modificações, antes que a transformação se manifeste nos espiritos mais illustrados.

O numero de elementos que entram na composição de qualquer facto social é de tal modo indeterminado que será sempre impossivel julgar com precisão a marcha dos acontecimentos e prever com segurança as consequencias de um dado phenomeno. Esta impossibilidade ainda se aggrava pelo desenvolvimento evolutivo da sociedade, cujas manifestações de dia para dia se complicam e augmentam com os assombrosos progressos das sciencias e das industrias. O homem ergueu-se do estado bruto, em que não se differenciava dos outros *primatas*, á custa de esforços energicos e de rudes trabalhos para utilizar os productos e as forças da natureza em seu proveito, libertando-se assim gradualmente do estado inferior de animalidade em que nasceu e con-

quistando um predomínio intelligente e consciante sobre o meio em que se adaptava. A' proporção que se levantou do berço primitivo e que aperfeiçoou as relações sociaes, foi creando necessidades anteriormente desconhecidas e portanto augmentando os factores da evolução humana, tanto na ordem physica como na moral. Augusto Comte diz com bastante verdade: «Sob qualquer aspecto que se estude a existencia comparativa do homem nas diversas edades successivas da sociedade, ver-se-ha constantemente que o resultado da nossa evolução fundamental não consiste só em melhorar a condição material do homem pela extensão continua da sua acção sobre o mundo exterior; mas tambem, e principalmente, em desenvolver, por um exercicio cada vez mais preponderante, as nossas faculdades mais eminentes, quer diminuindo sem cessar o imperio dos appetites physicos e estimulando mais os diversos instinctos sociaes, quer excitando continuamente o desdobramento das funcções intellectuaes, mesmo as mais elevadas, e augmentando espontaneamente a influencia habitual da razão sobre a conducta do homem (1).» O desenvolvimento da intelligencia e a accumulção crescente de conhecimentos contribuem effectiva e constantemente para modificar, alterar e transformar todos os phenomenos sociaes. Cada individuo exerce sobre o meio uma acção proporcional ás forças despendidas pelo organismo e que

(1) *Cours de Philosophie positive*, vol. iv, pag. 446.

são a resultante da acção exercida pelo meio sobre o individuo. O conjuncto das acções individuaes é que modifica de um modo sensível o aggregado social.

O ponto de partida de qualquer transformação é sempre imponderavel. Quando uma ideia de reforma chega a manifestar-se tem passado já por uma serie indeterminada de antecedentes vagos, mais ou menos indecisos, e vae entrar de novo em elaboração em cada um dos cerebros a que fôr transmittida e pelos quaes será acceita ou regeitada. E' só gradual e vagarosamente que uma ideia se estende de um a maior numero de individuos, e passa-se muito tempo, por vezes seculos, antes que chegue a influir de um modo effectivo e constante na marcha dos acontecimentos. Isto succede com toda a ordem de ideias, quer sejam religiosas ou scientificas, quer politicas ou economicas, porque a acção individual é muito limitada. O Christianismo, por exemplo, levou cinco seculos a estabelecer o seu dominio sobre as consciencias no mundo romano. Quanto tempo não decorreu antes que o movimento da terra ao redor do sol fosse admittido geralmente como uma verdade indiscutivel? Podem-se citar milhares de factos.

As transformações sociaes só se tornam evidentes quando a ideia inicial tem conquistado um numero extraordinario de adhesões, quando a mudança, preparada pouco a pouco, está imminente, ou é já indispensavel, porque as formulas existentes não satisfazem ás necessidades publi-

cas, porque a mentalidade de um povo está muito mais avançada do que as suas instituições. Dá-se então o conflicto a que se chama—Revolução. Se os elementos que se desorganizam dispõem de forças para resistir á organização nova, o conflicto dá-se violento, a Revolução toma proporções espantosas. Se a decomposição, fazendo-se espontaneamente, não oppõe resistencia séria ao advento da nova ordem de cousas, a Revolução realisa-se pacificamente e o choque não traz consequencias desastrosas. A transformação é então mais lenta, mas também mais segura.

FIM

MAGALHÃES & MONIZ, EDITORES

LARGO DOS LOYOS, 12—PORTO

EDIÇÕES FEITAS NO ANNO DE 1881

João Diniz

Novo livro de leitura para as escolas primarias de Portugal e Brazil, com excerptos dos principaes escriptores portuguezes. 1 volume illustrado de muitas gravuras..... 400

E. Fernandes Pereira

Guia dos exames de admissão ou noções sobre arithmetica, systema metrico-decimal, chorographia portugueza, Historia de Portugal, doutrina christã e grammatica portugueza. 6.^a edição. 1 vol..... 400

A. Epiphanio da S. Dias

Grammatica portugueza elementar. 4.^a ediç. 1 vol. 300
Sulpicii Severi; chronica, com annotações para uso das escolas. 1 vol..... 300

F. Adolpho Coelho

A Lingua portugueza; noções de glottologia geral e especial portugueza. 1 vol..... 400

Dr. H. G. Ollendorff

Methodo para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em seis mezes. 4.^a edição. 2 volumes 1\$000

A. Epiphanio e Von Hafe

Grammatica franceza para uso das escolas. 3.^a edição. 1 vol..... 700

Amaral Cirne

Resumo da historia da pedagogia. 1 vol..... 400

Julio Moreira

C. Julii Caesaris Commentarii de Bello Gallico; annotados para uso das escolas. 2.^a edição. 1 vol... 300

Julio de Mattos

A ultima reforma da instrucção secundaria. 1 vol. 100

Alberto Braga

Novos contos, edição nitida. 1 vol..... 500

Rodrigues de Freitas

O Portugal contemporaneo do Snr. Oliveira Martins. 1 vol..... 200

Consigliieri Pedroso

Compendio de Historia Universal para uso dos lyceus. 1 vol..... 13000

A. Malheiro Dias

A Pauta das Alfandegas nas suas relações com as industrias, o commercio, a fazenda publico e o consumidor. 1 vol..... 300

Teixeira Bastos

Essaios sobre a evolução da humanidade. 1 vol.. 500

Th. Braga e Julio de Mattos

O Positivismo: revista de philosophia. 3.^o anno. 1 volume..... 300

Julio de Mattos

Historia natural illustrada; compilação feita sobre os mais authorisados trabalhos zoologicos. 36 fasciuculos com esplendidas gravuras coloridas, feitas expressamente em Paris. Cada fasciuculo..... 200
A obra completa constará de 90 fasciuculos, formando 6 volumes.

Recebem-se assignaturas para esta publicação na Livraria Universal de Magalhães & Moniz e nas principais livrarias do paiz.